



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JANE EYRE MARTINS CALDAS

EVIDENCIALIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DE VERBOS DE PERCEPÇÃO EM
ESPAÑHOL

FORTALEZA

2021

JANE EYRE MARTINS CALDAS

EVIDENCIALIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DE VERBOS DE PERCEPÇÃO EM
ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C15e Caldas, Jane Eyre Martins.
Evidencialidade e gramaticalização : uma análise discursivo-funcional de verbos de percepção em espanhol / Jane Eyre Martins Caldas. – 2021.
133 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.
1. Evidencialidade. 2. Gramaticalização . 3. Gramática Discursivo-Funcional. 4. Verbos de percepção. 5. Língua espanhola. I. Título.

CDD 410

JANE EYRE MARTINS CALDAS

EVIDENCIALIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DE VERBOS DE PERCEPÇÃO EM
ESPAÑHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 23/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Rosemary e Caldas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu protetor, por sempre guiar meus passos, me proteger e me dar oportunidades para ser uma melhor pessoa.

A meus pais, Rosemary e Caldas, por me ofertarem todo o apoio e amor incondicional ao longo de toda minha vida.

À minha orientadora, professora Nadja Paulino Pessoa Prata, por ser uma mulher que me inspira, uma profissional excepcional e por sempre ter ofertado a sua compreensão nos momentos que mais precisei ao longo desses últimos anos.

Ao meu irmão, Antônio Fabrício, por sua amizade e apoio emocional.

À minha avó Bernarda, por todo o seu amor e por seu exemplo de resiliência.

Aos meus amigos, por acreditarem em mim e torcerem pelo meu sucesso.

À minha amiga Renata Vidal, por todo o seu apoio emocional e por sempre ter uma palavra de ânimo.

Ao Santo Expedito, por me conceder a graça de ser aprovada no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN).

Aos membros que compuseram as bancas que avaliaram esse estudo, a saber: Prof^ª. Dr^ª. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner, Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes e a Profa. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva.

A todos os meus professores no PPGLIN.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente com o desenvolvimento dessa investigação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de gramaticalização dos verbos de percepção (VdP) com uso evidencial em língua espanhola (LE). A Gramaticalização na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) é um processo de expansão funcional de itens linguísticos entre camadas e níveis de hierarquia da gramática (HENGEVELD ET AL., 2017). Buscando alcançar o objetivo estabelecido, adotamos a abordagem funcionalista da GDF para analisar e descrever os comportamentos pragmático, semântico e sintático dos VdP, considerando as categorias dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfosintático. Com essa abordagem funcionalista, investigamos os VdP mais prototípicos da LE, segundo Jansegers (2017), a saber: ‘*ver*’, ‘*mirar*’, ‘*oír*’, ‘*escuchar*’, ‘*oler*’, ‘*olfatear*’, ‘*tocar*’, ‘*sentir*’, ‘*probar*’ e ‘*notar*’. Para isso, utilizamos o *Corpus de Referencia del Español* (CREA), disponibilizado *online*, para identificar a ocorrência dos VdP em LE. Com o intuito de construir nossa amostra e coleta das ocorrências, estabelecemos os critérios Meio (escrito), Geográfico (Espanha) e Tema (Vários testemunhos). Após a coleta dos dados, fizemos uma análise quali-quantitativa dos seis VdP com uso evidencial, com base nas categorias de análise estabelecidas. Após a análise, constatamos que ‘*ver*’ apresenta um processo de gramaticalização mais avançado que os demais verbos, pois mostra um maior alargamento de seu escopo, atuando na camada do *Conteúdo Comunicado*, no Nível Interpessoal, e nas camadas do *Conteúdo Proposicional*, *Episódio* e *Estado-de-coisas*, no Nível Representacional. Em seguida, verificamos que o verbo ‘*notar*’ também apresenta um maior alargamento do escopo, atuando nas camadas do *Conteúdo Proposicional*, *Episódio* e *Estado-de-coisas*, no Nível Representacional. O verbo ‘*oír*’ atua nas camadas do *Conteúdo Comunicado*, *Episódio* e *Estado-de-coisas*, no Nível Representacional. O verbo ‘*sentir*’ também passa por um processo de gramaticalização, mas em menor expansão, comparado aos verbos ‘*ver*’, ‘*notar*’ e ‘*oír*’. Entretanto, os verbos ‘*oler*’ e ‘*escuchar*’ não apresentaram dados suficientes para que pudéssemos fazer generalizações ou apontar possíveis percursos de gramaticalização.

Palavras-chave: evidencialidade; gramaticalização; gramática discursivo-funcional; verbos de percepção; língua espanhola.

ABSTRACT

This work aims to analyze the grammaticalization process of perception verbs (VdP) with evidential use in Spanish (LE). The grammaticalization in Functional Discourse Grammar (FDG) is a functional expansion process of linguistic items between layers and levels of the grammatical hierarchy (HENGEVELD ET AL., 2017). To achieve the established aim, we adopted the functionalist approach of FDG to analyze and describe the pragmatic, semantic, and syntactic behaviors of VdP, considering the categories of the Interpersonal, Representational, and Morphosyntactic Levels. With this functionalist approach, we investigate the most prototypical VdP of the Spanish language, according to Jansegers (2017), namely: 'ver', 'mirar', 'oír', 'escuchar', 'oler', 'olfatear', 'tocar', 'sentir', 'probar' and 'notar'. For this, we used *Corpus de Referência del Español* (CREA), available online, to identify the occurrence of VdP in LE. To build our sample and collect the occurrences, we established the criteria Medium (written), Geographic (Spain), and Theme (Various testimonies). After data collection, we made a quali-quantitative analysis of the six VdP with evidential use, based on the established analysis categories. After the analysis, we find that 'ver' presents a process of grammaticalization more advanced than the other verbs, for showing a greater widening of its scope, acting in the *Communicative Content* layer, at the Interpersonal Level, and in the *Propositional Content, Episode, and State of Affairs* layers, at the Representational Level. Next, we found that 'notar' also presents a greater widening scope, acting in the *Propositional Content, Episode, and State of Affairs* layers, at the Representational Level. The 'oír' acts in the *Communicated Content, Episode and State of Affairs* layers, at the Representational Level. The 'sentir' also goes through a grammaticalization process, but in smaller expansion, compared to 'ver', 'notar' and 'oír'. However, the 'oler' and 'escuchar' verbs did not present enough data for us to be able to generalize or point out possible paths of grammaticalization.

Keywords: evidentiality; grammaticalization; functional discourse grammar; perception verbs; spanish language.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de gramaticalización de los verbos de percepción (VdP) con uso evidencial en la lengua española (LE). La gramaticalización en la Gramática Discursivo-Funcional (GDF) es un proceso de expansión funcional de elementos lingüísticos entre capas y niveles de jerarquía gramatical (HENGEVELD ET AL., 2017). Buscando lograr el objetivo establecido, adoptamos el enfoque funcionalista de la GDF para analizar y describir el comportamiento pragmático, semántico y sintáctico de los VdP, considerando las categorías de los Niveles Interpersonal, Representativo y Morfosintáctico. Con este enfoque funcionalista, investigamos los VdP más prototípicos de LE, según Jansegers (2017), a saber: 'ver', 'mirar', 'oír', 'escuchar', 'oler', 'olfatear', 'tocar', 'sentir', 'probar' y 'notar'. Para ello, utilizamos el *Corpus de Referencia del Español* (CREA), disponible en línea, para identificar la ocurrencia de VdP en LE. Para construir nuestra muestra y recoger las ocurrencias, establecimos los criterios Medio (escrito), Geográfico (España) y Tema (Testimonios varios). Tras la recogida de datos, se realizó un análisis cuali-cuantitativo de los seis VdP con uso evidencial, con base en las categorías de análisis establecidas. Después del análisis, encontramos que 'ver' presenta un proceso de gramaticalización más avanzado que el resto de los demás verbos, ya que enseña una mayor extensión de su alcance, actuando en la capa del *Contenido Comunicado*, en el Nivel Interpersonal, y en las capas del *Contenido Proposicional*, del *Episodio* y del *Estado de cosas*, en el Nivel Representativo. Luego, verificamos que 'notar' también presenta una mayor expansión de alcance, actuando en las capas del *Contenido Proposicional*, del *Episodio* y del *Estado de cosas*, en el Nivel Representativo. El verbo 'oír' actúa en las capas del *Contenido Comunicado*, del *Episodio* y del *Estado de cosas*, en el Nivel Representativo. El verbo 'sentir' también se somete a un proceso de gramaticalización, pero con menos expansión, en comparación con 'ver', 'notar' y 'oír'. Sin embargo, los verbos 'oler' y 'escuchar' no presentaron datos suficientes para que pudiésemos hacer generalizaciones o señalar posibles caminos de gramaticalización.

Palabras clave: evidencialidad; gramaticalización; gramática discursivo-funcional; verbos de percepción; lengua española.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal	24
Figura 2	– Esquema geral da GDF	25
Figura 3	– Camadas do Nível Interpessoal na GDF	27
Figura 4	– Camadas do Nível Representacional na GDF	28
Figura 5	– Camadas do Nível Morfossintático na GDF	29
Figura 6	– Camadas do Nível Fonológico na GDF	30
Figura 7	– Relações de escopo na GDF	34
Figura 8	– Modelo de mudança de conteúdo	35
Figura 9	– Hierarquia da modalidade de sentidos	42
Figura 10	– Janela principal com <i>layout</i> do <i>corpus</i> CREA	57
Figura 11	– Relações de escopo do verbo ‘ <i>ver</i> ’ na GDF.....	88
Figura 12	– Relações de escopo do verbo ‘ <i>notar</i> ’ na GDF	97
Figura 13	- Relações de escopo do verbo ‘ <i>sentir</i> ’ na GDF	106
Figura 14	– Relações de escopo do verbo ‘ <i>sentir</i> ’ na GDF	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Tipos de evidência	22
Quadro 2	– Distribuição dos subtipos evidenciais segundo a arquitetura da GDF	31
Quadro 3	– Paradigma básico dos verbos de percepção em inglês	41
Quadro 4	– Paradigma básico dos verbos de percepção em português	42
Quadro 5	– Diversidade existente segundo as áreas linguísticas (%)	59
Quadro 6	– Temas da ‘Área Temática 2’	60
Quadro 7	– Natureza semântica dos VdP	63
Quadro 8	– Papel semântico do sujeito	64
Quadro 9	– Categorias de análise dos dados	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Distribuição dos VdP com uso evidencial em LE	71
Gráfico 2	– Papel semântico do sujeito do verbo ‘ <i>ver</i> ’	76
Gráfico 3	– Subtipos evidenciais do verbo ‘ <i>ver</i> ’	78
Gráfico 4	– Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ <i>ver</i> ’	85
Gráfico 5	– Papel semântico do sujeito do verbo ‘ <i>notar</i> ’	90
Gráfico 6	– Subtipos evidenciais do verbo ‘ <i>notar</i> ’	91
Gráfico 7	– Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ <i>notar</i> ’	96
Gráfico 8	– Subtipos evidenciais do verbo ‘ <i>sentir</i> ’	100
Gráfico 9	– Tipos de complementos morfossintáticos do verbo ‘ <i>sentir</i> ’	104
Gráfico 10	– Subtipos evidenciais do verbo ‘ <i>oír</i> ’	109
Gráfico 11	– Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ <i>oír</i> ’	114
Gráfico 12	– Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ <i>escuchar</i> ’	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Paradigma básico dos verbos de percepção em espanhol	44
Tabela 2 – Distribuição dos textos do CREA, segundo sua origem e tipo	58
Tabela 3 – Distribuição temporal dos textos do CREA	58
Tabela 4 – Distribuição dos textos do CREA por grandes áreas temáticas	58
Tabela 5 – Quantitativo de ocorrências dos VdP em LE	70
Tabela 6 – Tempos verbais do verbo ‘ <i>ver</i> ’	83
Tabela 7 – Tempos verbais do verbo ‘ <i>notar</i> ’	94
Tabela 8 – Tempos verbais do verbo ‘ <i>sentir</i> ’	103
Tabela 9 – Tempos verbais do verbo ‘ <i>oír</i> ’ com uso evidencial em LE	112
Tabela 10 – Tempos verbais do verbo ‘ <i>escuchar</i> ’	120
Tabela 11 – Subtipo Evidencial <i>versus</i> VdP com uso evidencial	125
Tabela 12 – Tempo verbal <i>versus</i> VdP com uso evidencial	126
Tabela 13 – Complementos morfossintáticos <i>versus</i> VdP com uso evidencial	127

LISTA DE ABREVIATURAS

CREA	<i>Corpus de Referencia del Español Actual</i>
CD	Complemento direto
DLE	<i>Diccionario de la Lengua Española</i>
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
LE	Língua Espanhola
OD	Objeto Direto
RAE	<i>Real Academia Española</i>
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
VdP	Verbo de Percepção

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	EVIDENCIALIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	20
2.1	Evidencialidade nos estudos linguísticos	20
2.2	Gramática Discursivo-Funcional	22
2.2.1	<i>Arquitetura da GDF</i>	25
2.2.1.1	<i>Níveis de organização da GDF</i>	26
2.3	Evidencialidade na perspectiva da GDF	31
2.4	Gramaticalização na perspectiva da GDF	33
2.5	Síntese Conclusiva	36
3	VERBOS DE PERCEPÇÃO E USOS EVIDENCIAIS	37
3.1	Verbos de percepção em língua espanhola	44
3.2	Usos evidenciais dos verbos de percepção	49
3.3	Caracterização dos verbos de percepção e de seus complementos segundo o modelo da GDF	51
3.4	Síntese Conclusiva	54
4	METODOLOGIA	55
4.1	Seleção, constituição e delimitação do <i>corpus</i>	55
4.2	Procedimentos e categorias de análise dos dados	61
4.2.1	<i>Categorias de análise dos dados</i>	62
4.2.1.1	<i>Tipologias dos VdP</i>	63
4.2.1.2	<i>Subtipos evidenciais dos VdP</i>	64
4.2.1.3	<i>Tempos verbais dos VdP com uso evidencial</i>	65
4.2.1.4	<i>Tipos de complemento morfossintático dos VdP com uso evidencial</i>	66
4.3	Síntese Conclusiva	69
5	USOS EVIDENCIAIS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA	70
5.1	Verbo ‘<i>ver</i>’	72
5.1.1	<i>Tipologia do verbo ‘<i>ver</i>’</i>	72
5.1.2	<i>Subtipos evidenciais do verbo ‘<i>ver</i>’</i>	77
5.1.3	<i>Tempos verbais do verbo ‘<i>ver</i>’</i>	82

5.1.4	<i>Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ver’</i>	85
5.1.5	<i>Percurso de gramaticalização</i>	87
5.2	Verbo ‘notar’	88
5.2.1	<i>Tipologia do verbo ‘notar’</i>	88
5.2.2	<i>Subtipos evidenciais do verbo ‘notar’</i>	90
5.2.3	<i>Tempos verbais do verbo ‘notar’</i>	93
5.2.4	<i>Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘notar’</i>	95
5.2.5	<i>Percurso de gramaticalização</i>	97
5.3	Verbo ‘sentir’	98
5.3.1	<i>Tipologia do verbo ‘sentir’</i>	98
5.3.2	<i>Subtipo evidencial do verbo ‘sentir’</i>	100
5.3.3	<i>Tempos verbais do verbo ‘sentir’</i>	102
5.3.4	<i>Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘sentir’</i>	104
5.3.5	<i>Percurso de gramaticalização</i>	105
5.4	Verbo ‘oír’	106
5.4.1	<i>Tipologia do verbo ‘oír’</i>	107
5.4.2	<i>Subtipos evidenciais do verbo ‘oír’</i>	108
5.4.3	<i>Tempos verbais do verbo ‘oír’</i>	112
5.4.4	<i>Tipo de complemento morfossintático do verbo ‘oír’</i>	114
5.4.5	<i>Percurso de gramaticalização</i>	116
5.5	Verbo ‘escuchar’	117
5.6	Verbo ‘oler’	122
5.7	Síntese Conclusiva	125
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, investigações como as de Keizer (2007), Souza (2009), Casseb-Galvão (2011), Hattner e Hengeveld (2016), Hengeveld (2017), Souza (2017), Hattner (2018) e Fontes (2019) têm conciliado os postulados da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) com as proposições sobre o processo de gramaticalização. De acordo com Hengeveld (2017), alterações próprias da gramaticalização¹ podem ser sistematicamente descritas com base na noção de camadas e níveis.

Com respeito aos estudos desenvolvidos em Língua Espanhola (LE), encontramos os trabalhos feitos por Lazard (2001), Di Tullio (2003) e Cucatto e Cucatto (2004), que relacionam tanto gramaticalização e evidencialidade como gramaticalização em outra base teórica. Lazard (2001) discute as condições para a gramaticalização da evidencialidade em diferentes línguas (em especial as do Sudeste da Europa e do Oriente Médio) e explica que, embora todas as línguas tenham meios de qualificar enunciados (a partir da introdução das referências à origem da informação), nem todas as línguas têm uma categoria gramatical evidencial. Segundo o autor, mesmo que as categorias gramaticais tenham alguma semelhança entre si, elas são sempre diferentes, e explica que os usos evidenciais são distribuídos de forma diferente nos sistemas gramaticais específicos da linguagem. Di Tullio (2003) examina os processos de gramaticalização e lexicalidade em LE, à luz da linha cognitiva. Em seu trabalho, analisa os processos em função do cálculo composicional e dos fatores que intervêm na enunciação. Já Cucatto e Cucatto (2004) analisam o VdP ‘*ver*’ no espanhol rio-platense. As autoras utilizam o paradigma da linguística cognitiva para explicar o processo de mudança e caracterizam a gramaticalização a partir do paradigma da linguística cognitiva, trabalhando a correlação desta com a subjetivação.

Com respeito aos VdP em LE, deparamo-nos com vários trabalhos elaborados a partir de diferentes pontos de vista realizados na última década, entre os quais selecionamos os de Fernandez Jaén (2006) e Jansegers (2017). Entretanto, poucos estudos se dedicam à análise desses verbos em todas as modalidades da percepção, concentrando-se nas modalidades inferiores (percepção visual e auditiva). Além disso, ao relacionarmos os três temas (gramaticalização, evidencialidade e VdP em LE), em nossa análise bibliográfica, encontramos

¹ O conceito de gramaticalização adotado em nossa investigação se faz com base na perspectiva da GDF. Segundo Hengeveld (2017), a gramaticalização é um processo de expansão funcional de itens linguísticos entre camadas e níveis de organização de maneira que, uma vez iniciado o processo, espera-se que o item em questão desenvolva uma trajetória de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional e, assim, consecutivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal.

poucas investigações e tal fato nos levou a refletir sobre a importância da realização de um estudo envolvendo tais temas que contribuem para a análise e descrição da língua espanhola, especificamente. Em nossa reflexão, uma pergunta veio a nossa mente: Como ocorre o processo de gramaticalização dos VdP em LE?

Com a finalidade de responder a essa pergunta de pesquisa, estabelecemos como objetivo geral: analisar o processo de gramaticalização dos VdP com uso evidencial em LE. Para tal investigação, adotamos os pressupostos da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), pois acreditamos que este modelo de gramática pode descrever o processo de expansão funcional desses verbos, em termos de níveis ou camadas, de acordo com características semântico-pragmáticas e morfossintáticas que a construção evidencial apresenta na língua espanhola, da variedade peninsular (espanhol da Espanha).

Vale salientar que a busca pela realização de uma pesquisa com a língua espanhola se deve ao fato de o espanhol ser a segunda língua com o maior número de documentos científicos publicados no mundo e pela utilização do idioma no contexto mundial, conforme explica o relatório do Instituto Cervantes (2020). Já a seleção pelo estudo dos VdP se deve ao fato de constantemente, em nosso dia a dia, utilizarmos esses verbos em nossa comunicação, uma vez que os empregamos para expressar os estímulos do mundo exterior. Conforme explica Fernández Jaén (2012), os VdP em LE já foram objeto de estudos ao longo das últimas décadas, mas tais investigações focavam em uma perspectiva cognitiva-funcional.

Para conseguir atingir o objetivo geral proposto, estabelecemos objetivos específicos, tais como: (i) identificar os verbos de percepção com uso evidencial em LE da variedade peninsular (espanhol da Espanha); (ii) verificar e descrever os comportamentos pragmático, semântico e morfossintático dos verbos de percepção com uso evidencial, considerando as categorias de análise dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático da GDF; (iii) analisar as relações de escopo dos verbos de percepção com uso evidencial nas camadas e níveis (Nível Interpessoal e Nível Representacional) segundo a proposta da GDF; (iv) analisar o percurso de mudança formal e de conteúdo dos verbos de percepção com uso evidencial em LE. Após a definição dos nossos objetivos de pesquisa, buscamos constatar a hipótese geral de que os verbos ‘*ver*’ e ‘*sentir*’ podem apresentar um processo de gramaticalização mais avançado que os demais VdP, devido à polissemia presente nesses verbos.

Para a realização deste estudo, utilizamos o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA). Para a análise quantitativa dos seis VdP selecionados, utilizamos o pacote computacional *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS (versão 22.0 para Windows),

que possibilitou a análise estatística dos dados. Vale ressaltar que essa análise quantitativa se justifica por corroborar com dados da nossa análise qualitativa, um demonstrativo que contribui para mostrar, por exemplo, (i) uma maior ocorrência dos verbos em uma determinada camada semântica que em outra, (ii) uma propensão do verbo ficar mais estabilizado em uma camada específica; (iii) uma propensão dos verbos a apresentar uma funcionalidade estendida.

Já a análise qualitativa ocorreu com base nas categorias relativas (i) às tipologias dos VdP; (ii) aos subtipos evidenciais dos VdP e suas respectivas camadas de atuação; (iii) aos tempos verbais dos VdP com uso evidencial no Modo Indicativo; e (iv) aos tipos de complemento morfossintático dos VdP com uso evidencial.

Com relação à estrutura deste trabalho, dividimo-lo em quatro capítulos: dois teóricos, um metodológico e um de análise e discussão dos dados. Seguindo esta Introdução, no Capítulo 2, versamos sobre os aspectos teóricos que embasam nossa investigação. Mostramos o panorama da Evidencialidade nos estudos linguísticos e as investigações do tema em LE. Além disso, apresentamos a arquitetura da GDF e versamos sobre os temas Evidencialidade e Gramaticalização na perspectiva da GDF. No Capítulo 3, apresentamos os conceitos dos VdP e identificamos o paradigma básico desses verbos. Em seguida, versamos sobre as características básicas para que um VdP tenha um uso evidencial. Também mostramos os diferentes tipos de complemento morfossintático dos VdP, segundo o modelo da GDF, e identificamos os VdP mais prototípicos em LE e as modalidades de percepção. Por fim, no Capítulo 4, apresentamos os resultados da análise quali-quantitativa dos usos evidenciais dos VdP em LE. Discorreremos sobre os aspectos interpessoal, representacional e morfossintático dos seis VdP com uso evidencial, a saber: tipologia do verbo, subtipos evidenciais, tempos verbais, tipos de complemento morfossintático, tempo verbal *versus* subtipo evidencial e o percurso de gramaticalização.

2 EVIDENCIALIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Neste capítulo, abordamos tópicos que versam sobre os temas Evidencialidade e a Gramaticalização, a saber: Evidencialidade nos estudos linguísticos; a Gramática Discursivo-Funcional e sua arquitetura; os níveis de organização da GDF; a Evidencialidade na perspectiva da GDF, os subtipos evidenciais segundo a GDF; a Gramaticalização na perspectiva da GDF; e a Gramaticalização de evidenciais segundo a GDF.

2.1 Evidencialidade nos estudos linguísticos

Segundo Quartararo (2017), a primeira utilização do termo 'evidencialidade' se atribui a Franz Boas, na obra intitulada "*Kwakiutl Grammar*", publicada em 1947. Boas se referiu ao sufixos *-xənt* que, para ele, expressavam o tipo de fonte do conhecimento. A partir deste momento, diversos estudos foram desenvolvidos, assim como definições e taxonomias, com o objetivo de indicar o que é evidencialidade, o que é um evidencial e como podemos analisá-los. É com a publicação da obra *Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology* em 1986, por Chafe e Nichols, que a utilização do termo passa a ser mais recorrente na Linguística (VENDRAME, 2010, p. 16). A referida obra consta de uma compilação dos trabalhos que foram apresentados na primeira conferência relacionada ao assunto, que ocorreu em 1981, na cidade de Berkeley (EUA). Em uma de suas primeiras obras, Chafe define 'evidencialidade' como a expressão da fonte da informação e, também, como o grau de validação do falante sobre uma informação que está transmitindo (modalidade epistêmica), explica Quartararo (2017).

Silva (2013) explica que o estudo tipológico pioneiro sobre a evidencialidade foi feito por Anderson em 1986. Nele o autor apresenta algumas características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas para a identificação dos evidenciais gramaticais. Além disso, explica que os itens gramaticais estariam no centro dos 'mapas mentais' e os verbos perceptuais, tal como os itens lexicais com traços evidenciais, estariam na sua periferia.

Posteriormente, Willett (1988) apresenta um estudo das marcas evidenciais em 38 línguas ameríndias. Em sua pesquisa, o autor divide a evidencialidade em dois tipos: a direta (o falante presença de forma direta a informação presente no seu enunciado) e a indireta (o falante é a fonte da informação e informa que teve algum tipo de contato sensorial com o fato dito evidencial). Já Botne (1997) explica que algumas línguas distinguem seus significados

evidenciais com base no tipo de fonte de informação, enquanto outras fazem essa distinção baseando-se no modo de obtenção da informação.

Reyes (1996) denomina ‘evidencial’ como um tipo de significado transmitido, por certas formas verbais e por algumas construções adverbiais, em contextos determinados. Este significado se produz quando o falante tem a intenção de expressar algo sobre o conhecimento que ele tem sobre o que afirma, com o intuito de indicar que é algo que ele inferiu ou que alguém contou para ele. É por meio dos evidenciais que habitualmente se indicam as fontes (i) inferência e (ii) os testemunhos de terceiros. Segundo a autora, os hispanofalantes expressam evidencialidade por meio do estilo direto e do indireto, bem como por advérbios e construções adverbiais.

Diferentemente de Chafe, Aikhenvald (2004) define a evidencialidade como uma categoria linguística que tem como significado principal a fonte da informação. A evidencialidade não é uma subcategoria da modalidade, mas sim uma categoria em si mesma. Conforme explica a autora, como uma categoria linguística, 'evidencial' difere da 'evidência' da linguagem comum, pois abrange fatos e circunstâncias que apoiam ou não uma crença ou que indicam se algo é verdadeiro ou válido.

Aikhenvald (2004, p. 8) afirma que a evidencialidade "[...] não se restringe a qualquer tipo de linguagem". Todas as línguas de certa forma têm algum modo de expressar a fonte da informação, mas nem todas as línguas possuem evidencialidade gramatical. No entanto, é provavelmente universal que possuam meios lexicais para uma especificação opcional da fonte do conhecimento. Segundo a autora, frequentemente, línguas sem evidenciais são vistas como se apresentassem alguma forma de deficiência. Muitas vezes, a evidencialidade chega às línguas de contato como, por exemplo, o espanhol e o português, e a partir delas se espalham por meio do contato entre as línguas.

Estrada (2013) explica que há trabalhos publicados em línguas indo-europeias como o espanhol, o inglês e o francês, em que o falante marca a fonte da informação utilizando recursos léxicos e/ou gramaticais. Em língua espanhola, os autores optaram por se dedicar à análise e descrição dos marcadores de evidencialidade. Estrada (2013) afirma que o trabalho pioneiro em língua espanhola foi feito por Reyes, em 1994. Nesta investigação, as marcas de inferência e os testemunhos de terceiros aparecem associadas, de forma exclusiva, ao alcance semântico da evidencialidade. De forma sucinta, a autora afirma que, em língua espanhola, todos os autores consideram que a evidencialidade é uma categoria que tem estreita relação, em maior ou menor medida, com a modalidade epistêmica.

Kasim (2015, p. 89) define o termo ‘evidência’, com base no trabalho de González Vázquez (2006), como “os significados dos conteúdos semânticos dos evidenciais, que esquematizam uma categoria evidencial básica, distribuindo a evidência em dois tipos: evidência direta e indireta”.² Para a esquematização dos tipos de evidência, a autora utiliza o modelo de Willett (1988), modificada por González Vázquez (2006). Vejamos o Quadro 1:

Quadro 1 - Tipos de evidência

Evidência direta	Evidência indireta	
Direta sensorial (testemunho)	Indireta inferencial (sem testemunho)	Indireta transmitida/reproduzida (sem testemunho)
Auditiva Visual Outros sentidos (olfato, tato, paladar)	Como resultado Como um raciocínio	Segunda mão Folclore, literatura, Rumores, boatos

Fonte: Traduzido de Kasim (2015, p. 89).

Segundo a autora, González Vázquez (2006) divide a evidência em dois tipos de cognição: direta (relacionada às fontes da experiência direta do falante) e indireta (relacionada às fontes de aquisição da informação que podem não ser apreensíveis para a percepção sensorial). Desta forma, a evidência direta está relacionada às experiências de tipo sensorial que são mais frequentes, principalmente, a experiência visual. Já a evidência indireta se divide em dois subtipos: (i) a indireta inferencial, que indica que a fonte da informação é um resultado ou raciocínio, que reflete o processo inferencial do falante; e (ii) a indireta transmitida ou reproduzida, em que a informação procede de segunda mão, de terceira mão ou do folclore.

Por fim, após uma breve apresentação da evidencialidade nos estudos linguísticos, a seguir, apresentamos a Gramática Discursivo-Funcional, que será nosso suporte teórico para a análise desta categoria em LE.

2.2 Gramática Discursivo-Funcional

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) é um modelo de estrutura da língua(gem) tipologicamente baseado, considerada como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal. Segundo os autores, há várias características

² Tradução nossa. O original diz: “[...] los significados de los contenidos semánticos de los evidenciales, que esquematizan una categoría evidencial básica, distribuyendo la evidencia en dos tipos: evidencia directa e indirecta”.

distintas que diferenciam a GDF de outras teorias estruturais-funcionais de linguagem, tais como: (i) apresenta uma organização *top-down* (descendente); (ii) considera o Ato Discursivo como unidade básica de análise; (iii) inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte de sua estrutura subjacente, junto às representações das propriedades pragmáticas e semânticas dos atos discursivos; (iv) vincula-se a um Componente Contextual, Conceitual e de Saída.

Com relação à sua organização, a GDF apresenta uma orientação *top-down*, que inicia com a intenção do falante e termina com a articulação da expressão linguística real.³ Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 1), isso é motivado pela premissa de que “um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais se assemelhar à organização do processamento de linguagem no indivíduo”.⁴

Para a GDF, muitos fenômenos gramaticais só podem ser interpretados em termos de unidades maiores ou menores do que a oração, o que os leva a considerar como unidade básica do discurso o Ato Discursivo, os quais podem se manifestar linguisticamente como orações, fragmentos de frases gramaticais, frases ou palavras. Os Atos Discursivos podem combinar-se em estruturas discursivas maiores, chamados *Moves*.⁵

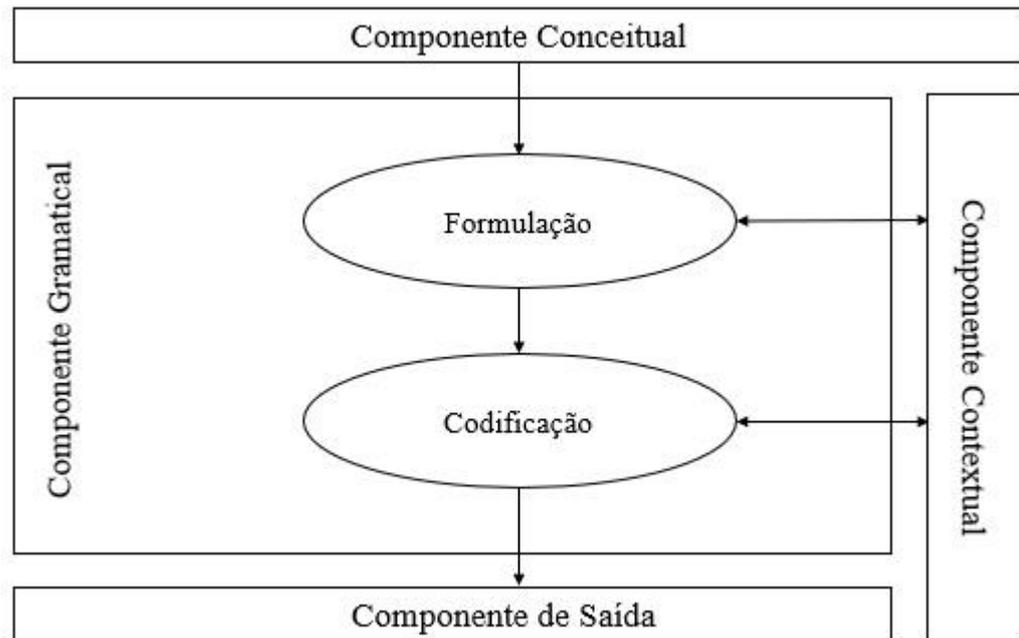
Conforme explicam Hengeveld e Mackenzie (2008), na construção *top-down* de enunciados, duas grandes operações devem ser distinguidas: os processos de *Formulação* e os de *Codificação* na produção linguística. O processo de *Formulação* diz respeito às regras que determinarão o que constituem representações pragmáticas e semânticas subjacentes válidas em uma dada língua, ao passo que, o processo de *Codificação* diz respeito às regras que transformam essas representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Tanto a *Formulação* como a *Codificação* são processos específicos de cada língua, de modo que interagem entre si e com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída, conforme vemos na Figura 1:

³ Vale ressaltar que isto não significa que a GDF é um modelo do falante, mas sim uma teoria sobre gramática que tenta expressar, em sua arquitetura básica, evidências psicolinguísticas.

⁴ Tradução nossa. O original diz: “*a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.*”

⁵ Na GDF, o *Move* (Movimento) descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante. Além disso, é constituído de um ou mais Atos Discursivos temporalmente ordenados, que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo).

Figura 1 – GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6).

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 7) afirmam que “o Componente Conceitual é a força motriz por trás do Componente Gramatical como um todo”,⁶ pois contém as informações linguísticas necessárias para o desenvolvimento dos enunciados e, também, as informações não linguísticas sobre o contexto comunicativo que condicionam as seleções de determinados mecanismos linguísticos. Segundo os autores, o Componente Conceitual inclui somente os aspectos cognitivos que afetam a intenção comunicativa.

O Componente de Saída é responsável por gerar as expressões acústicas ou escritas com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Já a entrada para o Componente Contextual é resultado das operações de *Formulação* e *Codificação* dentro do Componente Gramatical, pois informações de curto e longo prazo influem tanto nos constructos pragmáticos e semânticos como na estrutura morfossintática das orações e na estrutura fonológica dos enunciados.

Em síntese, esta teoria é capaz de conceder um quadro para enunciação e a comparação dos universais da linguagem, além de “oferecer um modelo coerente para o tipo de descrição linguística que supre as investigações tipológicas” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, P. 372).⁷ A seguir, mostramos como se organiza a Gramática Discursivo-Funcional.

⁶ Tradução nossa. O original diz: “*The Conceptual Component is the driving force behind the Grammatical Component as a whole.*”

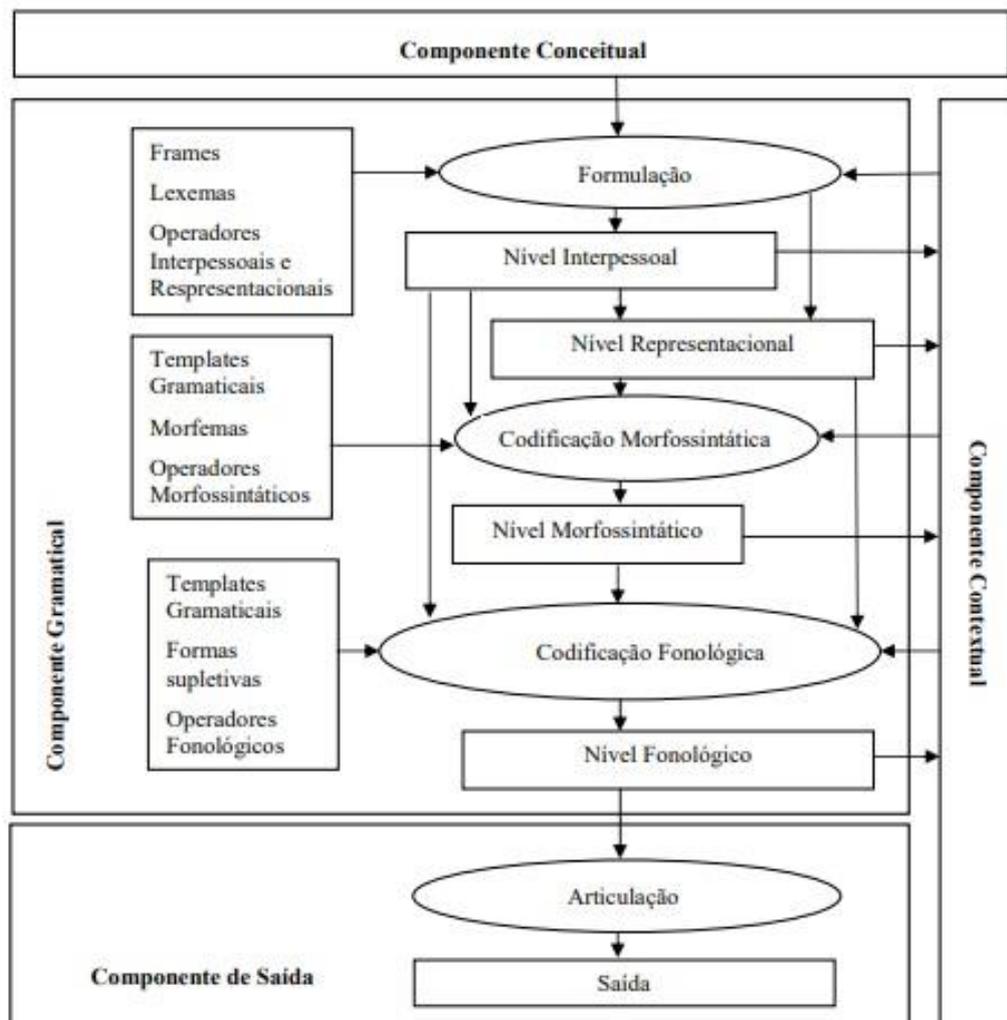
⁷ Tradução nossa. O original diz: “[...] *and of offering a coherent model for the kind of language description that feeds into typological investigations.*”

2.2.1 Arquitetura da GDF

Uma característica fundamental da GDF, entre as diversas mencionadas na seção anterior, é sua arquitetura estritamente descendente, que toma o Ato Discursivo como unidade básica de análise; deste modo, o modelo de gramática da GDF reflete o processo de elaboração do discurso, que parte da intenção para a articulação.

Apresentamos a Figura 2, a partir da qual é possível visualizar esta organização da gramática, bem como a conexão entre os quatro níveis do Componente Gramatical e os Componentes não gramaticais, como (i) o Componente Conceitual, (ii) o Componente Contextual e o (iii) Componente de Saída.

Figura 2 – Esquema geral da GDF



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

A partir da observação da Figura 2, é possível verificar que os níveis Interpessoal (Pragmático), Representacional (Semântico), Morfossintático e Fonológico, nesta ordem

hierárquica, constituem-se no Componente Gramatical. Essa estratificação descendente e a separação desses níveis diferem em relação à proposta de Dik (1997), o modelo *bottom-up* (ascendente) da GF, pois a GDF tem o Ato Discursivo como o constituinte essencial de todo o evento comunicativo iniciado pelo Falante como seu ponto de partida, e a unidade mínima (o predicado lexical), como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008).

Hengeveld e Mackenzie (2008) explicam que a GDF capta tanto a função representacional como a função interpessoal, ou seja, capta (i) as estruturas das unidades linguísticas em termos do mundo que elas descrevem e (ii) as intenções comunicativas com as quais elas são produzidas, respectivamente. Assim, para a GDF, o usuário de uma língua tem conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua assim como as maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas.

Segundo os autores, nessa organização descendente da gramática, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica regem a morfossintaxe e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe regem a fonologia. Portanto, primeiramente, decide-se o propósito comunicativo e, depois, se seleciona e se codifica essa informação gramaticalmente.

No modelo de descrição da língua proposto pela GDF, a unidade básica de análise é o Ato Discursivo (A). Um ou mais Atos Discursivos formam um Move (M), menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Conforme explicam Hengeveld e Mackenzie (2008), o Move consiste em um Ato Discursivo central, que pode ser apoiado por um ou mais Atos Discursivos Subsidiários [os atos de atribuição (T) e de referência (R)].

A seguir, vejamos cada um dos níveis de organização da gramática e suas unidades de análise.

2.2.1.1 Níveis de organização da GDF

Na GDF são apresentados quatro níveis de análise: o Nível Interpessoal, relacionado à interação entre Falante e Ouvinte; o Nível Representacional, relativo aos aspectos semânticos das unidades linguísticas; o Nível Morfossintático, que considera como unidade de análise a composição sintática dos elementos linguísticos; e o Nível Fonológico, que versa sobre as representações fonológicas dos constituintes. Estes quatro níveis de representação, diferenciados dentro da GDF, são de natureza puramente linguística e diferem com respeito à natureza das principais distinções para cada um deles. No entanto, o que todos os níveis têm em comum é o fato de se organizarem hierarquicamente, de maneira ordenada, em camadas.

- *Nível Interpessoal* reúne todas as distinções da *Formulação*.⁸ Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46), ele “lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre o falante e o destinatário.”⁹ Portanto, este nível representa a função comunicativa de uma unidade linguística, ou seja, é responsável pela evocação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49), o Nível Interpessoal pode se apresentar da seguinte forma:

Figura 3 – Camadas do Nível Interpessoal na GDF

$(M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{[\Phi]} \dots (T_{1+N})_{[\Phi]}] (R_1)_{[\Phi]} \dots (R_{1+N})_{[\Phi]}] (C_1)_{[\Phi]})] (A_1) \dots (A_{1+N})_{[\Phi]}] (M_1))$
--

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15).

Como é possível verificar, estas camadas se organizam na seguinte ordem hierárquica (decrecente quanto ao escopo): Move (M_1) > Ato Discursivo (A_1) > Ilocução (F_1) > Participantes (P_1) (P_2) > Conteúdo Comunicado (C_1) > Subato de Atribuição (T_1) > Subato Referencial (R_1).

O Move (M_1) é a unidade de análise mais alta e consiste em um ou mais Atos Discursivos. O Ato Discursivo (A_1) é uma unidade linguística que inclui tanto estruturas predicativas como frases nominais. A Ilocução (F_1) indica o uso conversacional convencionalizado de cada Ato. Os Participantes (P_1) e (P_2) correspondem ao falante (s) e ao ouvinte (A), agente e recipiente, respectivamente. O Conteúdo Comunicado (C_1) contém tudo o que o falante quer evocar em sua comunicação com o ouvinte. Cada Conteúdo Comunicado é composto de um ou mais Subatos. Os Subatos podem ser de dois tipos: atribuição (T_1) e referencial (R_1). O Subato Atributivo representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade e o Subato Referencial ocorre quando o falante evoca um referente.

Este Nível é importante para a nossa pesquisa, pois analisaremos as ocorrências com os verbos de percepção com uso evidencial segundo o tipo de ilocução em língua espanhola.

- *Nível Representacional*, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128), lida com os aspectos semânticos de uma unidade linguística. O termo “semântico”, conforme explica Casseb-Galvão (2011, p.8), “abrange o modo como as línguas se relacionam com o

⁸ Vale ressaltar que tanto o *Nível Interpessoal* como o *Nível Representacional* estão envolvidos no processo de *Formulação*.

⁹ Tradução nossa. O original diz: “[...] deals with all the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee.”

mundo extralinguístico descrito e os significados de unidades lexicais e de unidades complexas isolados do modo como são usadas na comunicação”. Logo, este nível é responsável pela designação e, além disso, cuida apenas da semântica de uma unidade linguística.

No Nível Representacional, a estrutura hierárquica pode se apresentar conforme a Figura 4, como explicam Hengeveld e Mackenzie (2008).

Figura 4 – Camadas do Nível Representacional na GDF

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)^n (x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1)_\Phi]) \dots (e_{1+n})_{|\Phi|}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{|\Phi|}] (p_1))$$

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15).

Como verificamos na Figura 4, as camadas deste nível se organizam na seguinte ordem hierárquica (decrecente quanto ao escopo): Conteúdo Proposicional (p_1) > Episódio (ep_1) > Estado-de-coisas (e_1), Propriedade Configuracional (f_1) > Propriedade Lexical (f_2) > Indivíduo (x_1).

O Conteúdo Proposicional (p_1) é a unidade hierarquicamente mais alta do Nível Representacional. Conforme explicam Hengeveld e Mackenzie (2008), corresponde aos construtos mentais (conhecimentos, crenças e desejos). Podem ser factuais (correspondente a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real), ou não factuais (correspondente a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário). O Conteúdo Proposicional pode ser atribuído a outras pessoas que não sejam o Falante. O Episódio (ep_1) pode ser constituído por um ou mais Estado-de-coisas (e), que estão dispostos numa sequência tematicamente coerente. Além disso, ele sempre apresenta uma unidade Temporal (t), Locativa (l) e uma manutenção dos Indivíduos (x) envolvidos. O Estado-de-coisas (e_1) diz respeito a eventos e estados que podem ser localizados tanto em tempo relativo como em termos de sua realidade.

As Propriedades (f) são categorias semânticas que podem ser avaliadas apenas em termos de sua aplicabilidade. Elas não têm existência independente. Podem ocorrer nas representações semânticas de todas as unidades desse nível e podem ser aplicadas a entidades de 1ª, 2ª e 3ª ordem. Além disso, são de dois tipos: Configuracionais e Lexicais. A Propriedade Configuracional (f_1) corresponde ao inventário de esquema de predicação relevante em uma língua e a Propriedade Lexical (f_2) pode ser representada por classes de itens lexicais e partes do discurso. Por último, há o Indivíduo (x_1), que pode ser localizado no espaço e, também, em termos de sua existência.

Este Nível é importante para a nossa pesquisa porque consideraremos em nossa análise (i) a semântica dos verbos de percepção evidenciais; (ii) as camadas semânticas em que estes verbos atuam, a fim de estabelecer suas relações de escopo, bem como (iii) a natureza semântica de seus complementos.

- *Nível Morfossintático* está relacionado com a codificação. Codifica informações semânticas e pragmáticas. Segundo Casseb-Galvão (2011, p. 9), sua tarefa é tomar “o *input* do Nível Interpessoal e o *input* do Nível Representacional e fazê-los emergir em uma única representação estrutural que será convertida em uma construção fonológica no nível seguinte, este que, afinal, será o articulador, o Componente de Saída de todo o modelo.” Dessa forma, é neste nível que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. Muito do que acontece neste nível tem motivação funcional, devido ao fato de se ocupar com as codificações interpessoais e representacionais. Hengeveld e Mackenzie (2008) alertam que a hierarquia organizacional está sujeita a fatores idiossincráticos.

Neste Nível, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição morfossintática, começando da camada mais alta para a mais baixa. Assim sendo, as camadas deste nível se organizam de acordo com a seguinte ordem hierárquica: Expressão linguística (Le_1) > Oração (Cl_1) > Sintagma (Xp_1) > Palavra (Xw_1) > Raiz (Xs_1) > Afixo (Aff_1). No Nível Morfossintático, a estrutura hierárquica pode-se apresentar conforme a Figura 5.

Figura 5 – Camadas do Nível Morfossintático na GDF

$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2: [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_{\{\Phi\}} (Cl_2)_{\{\Phi\}}] (Cl_1))]) (Le_1))$
--

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 17).

A Expressão Linguística (Le_1) é qualquer conjunto composto de, pelo menos, uma unidade morfossintática (Oração, Sintagma e Palavra). Além disso, pode estabelecer uma relação de dependência ou não. A Oração (Cl_1), no que diz respeito à sua estrutura morfossintática, é uma categoria universal. É um agrupamento de um ou mais Sintagmas, e possivelmente Palavras, caracterizado por um padrão para a ordenação dos Sintagmas e por expressões morfológicas de conexão. A ordenação dos Sintagmas pode ser: Sujeito-Verbo-Objeto, Sujeito-Objeto-Verbo ou Verbo-Sujeito-Objeto. O Sintagma (Xp_1) possui um núcleo (item lexical) que é transmitido a partir do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional ao Nível Morfossintático. Os tipos de Sintagmas são: verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional. A Palavra (Xw_1) pode ser composta por Morfemas ou encaixar camadas superiores, como Sintagmas e Orações.

Fatores como a ordenação linear dos constituintes, o alinhamento, a subordinação, a inserção de expletivos (*dummy*) e a concordância são considerados quando se faz a análise das camadas neste nível.

O Nível Morfossintático é importante para a nossa pesquisa porque investigaremos os processos relacionados com a codificação da informação. Para isso, analisaremos as estruturas com os verbos de percepção com uso evidencial em língua espanhola a fim de que identifiquemos (i) o tempo verbal do verbo de percepção e (ii) o comportamento morfossintático do seu complemento.

- *Nível Fonológico*, assim como o Morfossintático, é responsável pelos aspectos da codificação. Ele recebe o *input* dos três níveis anteriores. Além disso, contém as representações segmentais e suprasegmentais dos enunciados. Padrões prosódicos, um inventário das sequências segmentais, e um conjunto de operadores terciários que terão seu efeito final no Componente de Saída são os primitivos com os quais o Nível Fonológico opera. No Nível Fonológico, a estrutura hierárquica pode se apresentar conforme a Figura 6.

Figura 6 – Camadas do Nível Fonológico na GDF

$$(U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 18).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), as camadas deste nível se organizam na seguinte ordem hierárquica: Enunciado (U_1) > Frase Entonacional (IP_1) > Frase Fonológica (PP_1) > Palavra fonológica (PW_1). Para a GDF, supõe-se que nem todas as camadas estão ativas em cada Enunciado, ou mesmo, sejam relevantes para o sistema de cada língua.

Considerando que a GDF descreve a evidencialidade em termos de níveis e/ou camadas de acordo com as características pragmáticas (Nível Interpessoal), semânticas (Nível Representacional) e morfossintáticas (Nível Morfossintático) que o item ou a construção evidencial manifesta na língua em análise, nesta investigação, portanto, não nos deteremos na especificação das categorias do Nível Fonológico.

Na seção seguinte, apresentamos como se aborda a Evidencialidade sobre a perspectiva da GDF.

2.3 Evidencialidade na perspectiva da GDF

Na perspectiva teórica da GDF, as formas lexicais e gramaticais que codificam a evidencialidade podem ser descritas e analisadas em relação às funções interpessoal e representacional. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF considerava três tipos de evidencialidade: (i) a reportatividade, (ii) a evidencialidade inferida e (iii) a percepção de evento.

Com respeito ao Nível hierárquico em que atuam na GDF, a reportatividade atua no Nível Interpessoal, e a evidencialidade inferida e a percepção de evento atuam no Nível Representacional. O marcador reportativo indica que o falante reporta um Conteúdo Comunicado que é transmitido por um terceiro, dentro do seu próprio Ato Discursivo. Já na evidencialidade inferida, o falante teve acesso à informação contida no Conteúdo Proposicional por meio de uma inferência (com em uma evidência sensorial, conhecimento existente ou conhecimento geral partilhado na comunidade), enquanto, na percepção de evento, o falante testemunha um Estado-de-coisas diretamente, por meio de algum sentido.

Posteriormente, Hengeveld e Hattnher (2015) explicam que as noções geralmente agrupadas sob o título da evidencialidade, de fato, levam a quatro diferentes subcategorias evidenciais, que diferem umas das outras em termos de seu escopo. Tais subcategorias evidenciais apresentadas são: Reportatividade, Inferência, Dedução e Percepção de Evento. No Nível Interpessoal, está a subcategoria Reportatividade, e, no Nível Representacional, estão as subcategorias Inferência, Dedução e Percepção de evento.

Hattnher (2018) apresenta uma distribuição dos subtipos evidenciais, adaptada a partir do trabalho de Hengeveld e Hattnher (2015). Vejamos:

Quadro 2 - Distribuição dos subtipos evidenciais segundo a arquitetura da GDF

NÍVEL	REPRESENTACIONAL			INTERPESSOAL
CAMADA	e	ep	p	C
SUBTIPO EVIDENCIAL	percepção de evento	dedução	inferência	reportatividade

Fonte: Hattnher (2018, p. 102).

A primeira subcategoria da evidencialidade é a Reportatividade. Distinções da reportatividade indicam que a fonte da informação que o falante está transmitindo é outro falante. Esta subcategoria opera na camada do Conteúdo Comunicado, o que significa que o

conteúdo da mensagem contida em um ato de discurso é caracterizado como transmitido e não, originalmente, produzido.

A segunda subcategoria da evidencialidade é a Inferência. Este termo é utilizado exclusivamente para expressões evidenciais que o falante usa para indicar que ele inferiu uma certa parte da informação com base em seu próprio conhecimento existente. Esta subcategoria opera na camada do Conteúdo Proposicional e lida com as construções mentais representadas no cérebro do falante.

A terceira subcategoria da evidencialidade é a Dedução. Este termo é usado para distinções evidenciais que são usadas para indicar que a informação que o falante apresenta é deduzida com base na evidência perceptual. Esta subcategoria opera na camada do Episódio e caracteriza-se por envolver pelo menos dois estados-de-coisas relacionados: o percebido e o deduzido. Desta forma, o falante deduz a ocorrência de um estado-de-coisas (o deduzido), com base em outro estado-de-coisas (o percebido).

A quarta subcategoria da evidencialidade é a Percepção de evento. O falante indica, por meio de expressões deste tipo, se ele testemunhou ou não o evento descrito na sua elocução diretamente. Segundo Hengeveld e Hattner (2015), o termo “diretamente” quer dizer que o falante estava no local e por meio de um dos sentidos percebeu a ocorrência de um estado-de-coisas. A percepção está, portanto, envolvida tanto na dedução como na percepção do evento. Esta subcategoria opera na camada do Estado-de-coisas.

Com base na GDF, Hengeveld e Hattner (2015) pontuam algumas previsões, no tocante à distribuição e expressão dos operadores evidenciais: (1) a coocorrência de subcategorias evidencias, marcadores dessas quatro diferentes subcategorias poderão coocorrer em uma única cláusula; (2) a existência de subcategorias evidenciais (qualitativa), haverá uma relação implicacional entre os significados evidenciais presentes em uma língua de acordo com a hierarquia de evidencialidade (percepção de evento \subset dedução \subset inferência); e (3) a existência de subcategorias evidenciais (quantitativas), haverá uma relação implicacional em um sentido quantitativo, em que o número de distinções feitas dentro de cada uma das subcategorias da evidencialidade diminuirá da esquerda para a direita.

Essas previsões têm relação com os possíveis caminhos de gramaticalização, tendo em vista que os significados evidenciais em língua espanhola devem seguir um *continuum* nas camadas hierarquicamente organizadas nos Níveis Representacional e Interpessoal. Deste modo, os vários significados de um verbo de percepção com uso evidencial tendem a seguir o percurso de mudança nas camadas (percepção de evento $>$ dedução $>$ inferência $>$ reportatividade). No entanto, o marcador evidencial pode ocorrer em qualquer uma das camadas

hierárquicas no Nível Representacional e passar para uma camada do Nível Interpessoal, como veremos mais detalhadamente no próximo tópico. Com base nos resultados de Hengeveld e Hattner (2015), é possível hipotetizar que uma maior ocorrência de significados evidenciais nas camadas mais baixas, devido a uma maior proximidade de sua origem lexical.

2.4 Gramaticalização na perspectiva da GDF

Segundo Hengeveld (2017), a gramaticalização é descrita na GDF como um processo de expansão funcional de itens linguísticos entre camadas e níveis de organização hierárquica da gramática, de maneira que, uma vez iniciado o processo, espera-se que o item em questão desenvolva uma trajetória de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional e, assim, consecutivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal.

Conforme explicam Souza e Barreto (2016) e Hengeveld (2017), os processos de gramaticalização são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, que seguem percursos previsíveis. A mudança de conteúdo implica um aumento gradual e sistemático no escopo, enquanto a mudança formal implica uma diminuição gradual e sistemática na lexicalidade. Vale ressaltar que, segundo Hengeveld (2017), o percurso inverso de mudança linguística não é admitido pela GDF, uma vez que, após alcançado um ponto específico nas camadas ou nos níveis, o item não pode se mover para camadas ou níveis mais baixos.¹⁰

As relações de escopo na GDF são definidas em termos das diferentes camadas pragmáticas (que constituem o Nível Interpessoal) e semânticas (que constituem o Nível Representacional). No Nível Interpessoal, as camadas consideradas para esta abordagem hierárquica da gramaticalização são: o Subato Atributivo e o Subato Referencial, os blocos de construção do conteúdo comunicado; o Conteúdo Comunicado, que representa a mensagem transmitida em uma enunciação; a Ilocução, que especifica a intenção comunicativa do falante; e o Ato de discurso, unidade básica de comunicação. Já no Nível Representacional, as camadas consideradas para esta abordagem hierárquica da gramaticalização são: a Propriedade, expressa por um elemento lexical; a Propriedade Configuracional, que consiste no elemento lexical e seu(s) argumento(s); o Estado-de-coisas, situação real situada ou hipotética que o falante tem

¹⁰ Vale ressaltar que esse princípio é previsto em outras teorias como, por exemplo, em Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991).

em mente; o Episódio, combinação tematicamente coerente de estado-de-coisas que se caracterizam pela unidade ou continuidade no tempo, localização e participantes; e a Proposição, construto mental entretido sobre um episódio.

Conforme explica Hengeveld (2017), na mudança de conteúdo, o aumento do escopo pode dar-se dentro das camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional ou através dos níveis (do Nível Representacional para o Interpessoal). Já a mudança formal implica uma diminuição gradual e sistemática da lexicalidade. A seguir, a Figura 7 apresenta a relação de escopo entre Níveis da GDF:



Fonte: Traduzido de Hengeveld (2017, p. 3).

O autor explica que os símbolos “>” e “v” indicam as direções nas quais camadas e níveis têm escopo um sobre o outro. Assim sendo, o Nível Interpessoal tem escopo sobre o Nível Representacional, e dentro de cada nível camadas mais à esquerda têm escopo sobre camadas mais para a direita.

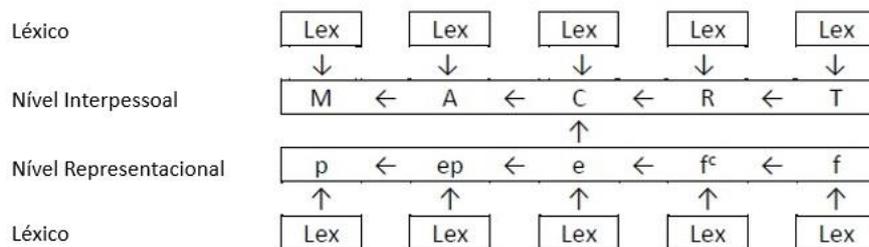
Como visualizamos, por meio da observação da Figura 7, a unidirecionalidade é um recurso fundamental na análise de dados empíricos que atestem processos de gramaticalização, tendo em vista que estes processos têm essencialmente uma trajetória unidirecional, da camada mais baixa para a mais alta. Em termos de categorias, significa que as previsões são que a mudança de conteúdo nos Níveis Interpessoal e Representacional ocorram ao longo do caminho supracitado.

Segundo Hengeveld (2017), todas as camadas têm um conteúdo básico que pode ser especificado por operadores, modificadores e funções. Os operadores capturam especificação por meios gramaticais, os modificadores por meios lexicais, e as funções expressam uma relação da camada em consideração com outra unidade linguística. Todos eles estão associados à camada a qual pertencem semanticamente. Vale ressaltar que, nos processos de gramaticalização, poderá ocorrer que tanto o significado como a forma de um elemento mudem, mas não necessariamente que esse processo ocorra de modo simultâneo.

Hengeveld (2017) mostra uma abordagem alternativa para mudança formal que leva em conta o comportamento funcional do item gramaticalizado. Para essa abordagem,

considera-se as concepções de gramaticalização de autores como (1) Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), para quem a gramaticalização é um processo cognitivo, por meio do qual conceitos concretos são utilizados para explicar conceitos mais abstratos, e (2) Hopper e Traugott (1993), para quem a gramaticalização é um processo crescente de pragmatização, em que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual e em sentido unidirecional. A seguir, a Figura 8 mostra o modelo de mudança de conteúdo:

Figura 8 – Modelo de mudança de conteúdo



Fonte: Traduzido de Hengeveld (2017, p. 12).

Nesta abordagem, as mudanças de conteúdo sempre respeitam uma trajetória que vai do léxico para a gramática ou da gramática para algo mais gramatical e, esse processo, pode ocorrer de forma independente. Logo, o ponto de corte pode acontecer em qualquer camada de qualquer nível. Vale ressaltar que, uma vez iniciado o processo de mudança de um determinado item, não é esperado que ele se mova para camadas mais baixas, pois pelo princípio de unidirecionalidade, há uma relação entre dois estágios A e B. Gonçalves *et al.* (2007) explicam que, como A ocorre antes de B, o caminho inverso não é possível, ou seja, só é possível a direção A para B.

No que se refere às mudanças formais, Hengeveld (2017) prevê a seguinte trajetória: *lexema > operador lexical > operador*. Segundo o autor, essa é uma maneira de registrar a mudança no estatuto categorial dos itens linguísticos, que vão perdendo seus conteúdos plenos e adquirindo, ao longo do processo, traços mais abstratos/gramaticais.

Com base na teoria descrita acima, o referido autor indica uma previsão, no tocante à interação entre os caminhos da mudança de conteúdo e de mudança formal: à medida que os elementos sobem ou permanecem onde estão na escala de conteúdo, eles não podem descer a escala formal, e à medida que sobem ou permanecem onde estão na escala formal, eles não podem descer a escala de conteúdo.

2.5 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, abordamos os aspectos teóricos que sustentam a nossa pesquisa. A princípio, apresentamos o panorama da Evidencialidade nos estudos linguísticos, bem como sua manifestação em trabalhos na LE. Em seguida, identificamos a GDF como uma teoria ampla de interação verbal que apresenta uma organização *top-down*. Na construção *top-down* de enunciados, se distinguem duas grandes operações: os processos de *Formulação* e o de *Codificação*. Essas duas operações interagem entre si e com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída. Com respeito à arquitetura da GDF, explicamos que a GDF apresenta quatro níveis de análise: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico.

Depois, versamos sobre a Evidencialidade na perspectiva da GDF, mostrando como estão distribuídos os subtipos evidenciais e identificamos as quatro subcategorias evidencias, são elas: *Reportatividade*, *Inferência*, *Dedução* e *Percepção de evento*. Tais subcategorias atuam nas camadas do Conteúdo Comunicado, Conteúdo Proposicional, Episódio e Estado-de-coisas. Por fim, definimos o que é gramaticalização e apresentamos como ocorre as relações de escopo na GDF, bem como se configura o processo de mudança de conteúdo.

No capítulo seguinte, falamos sobre os VdP e seus usos evidenciais. Explicamos como se caracterizam esses verbos e identificamos quais são os seus possíveis complementos segundo o modelo da GDF. Finalizamos o capítulo como a apresentação e caracterização dos VdP em LE.

3 VERBOS DE PERCEPÇÃO E USOS EVIDENCIAIS

Segundo o Dicionário da Língua Espanhola (DLE), ‘percepção’ significa "sensação interior que resulta de uma impressão material feita em nossos sentidos" e "conhecimento, ideia".¹¹ Desde as últimas décadas, os verbos de percepção são objeto de pesquisas linguísticas. Segundo Vendrame (2010), tais pesquisas pertencem a diferentes vertentes teóricas, o que significa dizer que, os VdP foram estudados a partir de diversos pontos de vista, tais como: tipológico, da mudança semântica, da gramaticalização, da complementação, da polissemia, e muitos outros.

Sobre a importância do tema, Whitt (2010) afirma que é inegável o papel da percepção na aquisição de evidência, pois, de um modo ou de outro, toda evidência pode ser adquirida através da percepção.

Os verbos de percepção física¹² "constituem um domínio conceitual especialmente interessante para a linguística em geral e para a linguística cognitiva em particular porque o seu estudo põe em evidência a intensa interação que se estabelece entre a experiência sensorial, a linguagem e a cognição"¹³ (FERNÁNDEZ JAÉN, 2012, p. 281).

Kurt (2015), em sua investigação com os VdP na língua turca moderna, esclarece que emoções, pensamentos e percepções que surgem durante processos mentais são expressos por elementos linguísticos: os verbos, os quais são chamados de 'verbos mentais'. Segundo a autora, outros pesquisadores os consideram como ‘verbos sensoriais’. No entanto, Furuta (2017) explica que os 'verbos de percepção sensorial', apesar de ter relação com os cinco sentidos, frequentemente, se aproximam muito do ponto de vista dos verbos de conhecimento, verbos cujo significado se relaciona com o conhecimento de algo, daí sua possível relação com a evidencialidade.

Segundo a perspectiva dos ‘verbos mentais’, Halliday e Matthiessen (2004) dividem os processos mentais em quatro subtipos: perceptivo, cognitivo, desiderativo e emotivo. Segundo os autores, os perceptivos estão relacionados aos cinco sentidos; os

¹¹ Tradução nossa. O original diz "*Sensación interior que resulta de una impresión material hecha en nuestros sentidos*" e "*Conocimiento, idea*". Disponível em: <https://dle.rae.es/?id=SX9HJy3>. Acesso em: 15 set. 2019.

¹² Segundo Fernández Jaén (2012), estes verbos também podem apresentar outras denominações, tais como: verbos de percepção sensível, verbos de percepção sensorial, verbos perceptivos ou, simplesmente, verbos de percepção, sem maiores especificações.

¹³ Tradução nossa. O original diz: "[...] *constituyen un dominio conceptual especialmente interesante para la lingüística en general y para la lingüística cognitiva en particular porque su estudio pone en evidencia la intensa interacción que se establece entre la experiencia sensorial, el lenguaje y la cognición.*

cognitivos remetem à cognição humana; os desiderativos estão relacionados aos desejos, às vontades e aos interesses; e os emotivos são utilizados para expressar as emoções.

Para Kurt (2015), a percepção tanto é um evento fisiológico como também é afetada pelas experiências passadas, expectativas e motivações do indivíduo. Segundo a autora, os processos de percepção transmitem a percepção através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar. Whitt (2010) explica que nem todas as modalidades sensoriais têm igual status na representação linguística. Algumas, devido à sua frequência de uso e à sua capacidade de expressar significados polissêmicos relacionados para outras modalidades sensoriais, gozam de um destaque maior. No tocante aos tipos de verbo de percepção, o autor afirma que fazer uma distinção bidirecional entre os verbos de percepção é muito útil, pois alguns verbos são orientados para o sujeito e outros para o objeto. Vejamos:

a) Verbos de percepção orientados para o sujeito ('baseado na experiência') são verbos que descrevem o ato percebido por parte do agente. Gramaticalmente, são verbos transitivos e caracterizam o observador como o sujeito gramatical da oração. Whitt (2010, p. 21) exemplifica com os casos (1) e (2):

(1) *Karen **listened** to the music.*

Karen escutou a música.¹⁴

(2) *Karen **smelled** the iris with delight.*

Karen cheirou a íris com prazer.

Em ambos exemplos, o sujeito da sentença 'Karen' tem um papel ativo na percepção. Diferentemente dos exemplos (3) e (4):

(3) *Karen **heard** the music.*

Karen ouviu a música.¹⁵

(4) *Karen **tasted** the garlic in the soup.*

Karen sentiu o alho na sopa.¹⁶

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ Tradução nossa.

Em (3), Karen pode ouvir a música tocando e, em (4), ela pode sentir o alho na sopa. O foco aqui não está na intenção de Karen, mas sim na percepção do fato (uma experiência). Segundo o autor, verbos de percepção do agente raramente atestam leitura evidencial, pois se concentram nas atividades do agente ativo envolvido na percepção, e não na experiência da percepção (modo como as evidências são adquiridas).

b) Verbos de percepção orientados para o objeto ('baseado em fontes'): caracterizam o objeto percebido como o sujeito da sentença e o observador, às vezes, está ausente da oração. São verbos intransitivos e é o estímulo percebido que serve como sujeito gramatical na oração, e não o observador. O que está em foco é o atributo percebido ou concebido pelo falante. Segundo o autor, há significado evidencial quando o atributo é aquele que é percebido. A seguir, Whitt (2010, p. 22) apresenta os exemplos (5) e (6).

(5) *Karen looks healthy.*

Karen parece saudável.¹⁷

(6) *The cake tastes good.*

O bolo está gostoso.¹⁸

Em (5), o falante chega a essa conclusão a partir da aparência externa de Karen (evidência visual). Já em (6), o sabor do bolo é considerado bom para o falante. Segundo o autor, verbos de percepção em inglês tanto funcionam com uma percepção orientada para o sujeito quanto para o objeto.

Com relação à sua classificação, Vendrame (2010) explica que os verbos de percepção podem ser classificados conforme o sentido envolvido e o papel semântico de seus sujeitos. Além disso, a autora os divide em três grupos: (a) verbos de percepção ativa, (b) verbos de percepção passiva e (c) verbos de estímulo perceptivo. Vejamos:

a) Verbos de percepção ativa – verbos que indicam uma percepção ativa por parte do referente-sujeito. Vendrame (2010, p. 34) exemplifica com verbos em português:

(7) Pedro **olhou** para os pássaros.

(8) Pedro **escutou** a música.

(9) Pedro **tocou** a toalha (para ver quão macia ela era).

(10) Pedro **cheirou** o cigarro (para ver se o fumo era forte).

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ Tradução nossa.

(11) Pedro **degustou** a comida (para ver se não estava salgada).

b) Verbos de percepção passiva – a percepção ocorre independentemente da vontade do referente-sujeito da oração, como os exemplos apresentados por Vendrame (2010, p. 34-35).

(12) Pedro **viu** os pássaros.

(13) Pedro **ouviu** os pássaros.

(14) Pedro **sentiu** uma pedra debaixo de seu pé.

(15) Pedro **sentiu** cheiro de cigarro na sala.

(16) Pedro **sentiu** gosto de alho na comida.

Segundo a autora, no grupo (b), não há registros de verbos de percepção passiva em português, específicos para os sentidos: tato, olfato e paladar. Desta maneira, para expressar esses três tipos de percepção se utiliza o verbo ‘sentir’, como expresso nos exemplos (15) e (16), para a percepção olfativa e gustativa, respectivamente.

c) Verbos de estímulo perceptivo - verbos de percepção em que os sujeitos são o estímulo da percepção. A seguir, a autora utiliza exemplos em inglês e seus correspondentes em português, pois os verbos de percepção em português parecem não servir a esse uso, exceto os verbos de percepção olfativa. Vendrame (2010, p. 35) assim os apresenta:

(17) a. Peter **looked** happy.

b. Peter **parecia** feliz.

(18) a. Peter **sounded** happy.

b. Peter **parecia** feliz.

(19) a. The cloth **felt** soft.

b. A toalha **parecia** / **era** macia.

(20) a. Peter **smelled** good / of cigars.

b. Peter **cheirava** bem / a cigarros.

(21) a. The food **tasted** good / of garlic.

b. A comida **tinha** gosto bom / de alho.

Como verificamos, não é possível utilizar esses verbos de percepção em português na maioria dos casos. Somente o verbo 'cheirar' (20b) pode ser usado como verbo de estímulo perceptivo.

Vendrame (2010) afirma que, em geral, estudos anteriores se concentram nos aspectos semânticos dos verbos de percepção e que há duas hipóteses gerais sobre esse assunto: (i) a hipótese de um padrão unidirecional de cima para baixo das modalidades sensoriais, de Viberg (1984), e (ii) a extensão dos verbos de percepção para leituras de cognição, de Sweetser (2002). Viberg (1983 *apud* Whitt, 2010) apresenta um paradigma básico dos verbos de percepção em inglês, que também serviu de base para seu estudo tipológico em 53 línguas.

Segundo Vendrame (2010), a partir dos estudos de Viberg (1984), em inglês, percebe-se que há itens lexicais diferentes para expressar percepção ativa, percepção passiva e estímulo perceptivo para duas modalidades de sentido: visão e audição. No entanto, há apenas um item lexical para codificar tato, paladar e olfato. A seguir, podemos verificar essas diferenças no Quadro 3.

Quadro 3 – Paradigma básico dos verbos de percepção em inglês

	Percepção ativa	Percepção passiva	Estímulo perceptivo
Visão	<i>look at</i>	<i>see</i>	<i>look</i>
Audição	<i>listen to</i>	<i>hear</i>	<i>sound</i>
Tato		<i>feel</i>	
Paladar		<i>taste</i>	
Olfato		<i>smell</i>	

Fonte: Vendrame (2010, p. 36).

Já em português, a autora explica que há diferentes verbos para cada modalidade de sentido para indicar percepção ativa. Para expressar a percepção passiva, diferentes itens lexicais são utilizados e o verbo 'sentir', por exemplo, cobre mais de um sentido. Nos casos de estímulo perceptivo, a modalidade olfativa é codificada apenas por um verbo de percepção: 'cheirar'. A seguir, o Quadro 4 mostra como está organizado o paradigma básico dos verbos de percepção em português.

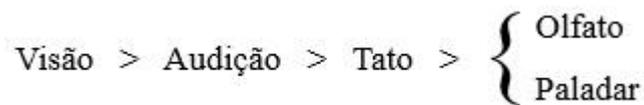
Quadro 4 – Paradigma básico dos verbos de percepção em português¹⁹

	Percepção ativa	Percepção passiva	Estímulo perceptivo
Visão	olhar	ver	-
Audição	escutar	ouvir	-
Tato	tocar	sentir	-
Paladar	experimentar	sentir gosto	-
Olfato	cheirar	sentir cheiro	cheirar (a)

Fonte: Vendrame (2010, p. 36).

Viberg (1984) explica que há uma hierarquia que é aplicada “quando um verbo tem um significado prototípico conectado a uma modalidade de sentido e esse significado é estendido para cobrir uma outra modalidade”. Para isso, o autor desenvolve a seguinte hierarquia das modalidades sensoriais:

Figura 9 – Hierarquia da modalidade de sentidos



Fonte: Traduzido de Viberg (1984, p. 136).

Conforme explica o autor, verbos que têm um significado básico e pertencem a um sentido mais à esquerda da hierarquia podem ter seu escopo expandido, podendo cobrir um ou todos os sentidos à direita da hierarquia. O contrário, não é certo que ocorra. Em sua observação, é mais comum encontrar a polissemia em verbos de percepção passiva. Além disso, é difícil estabelecer uma hierarquia entre os verbos olfativos e gustativos.

Segundo Whitt (2010), a polissemia presente nos verbos de percepção pode ser transferida para o domínio evidencial, em que um conjunto relacionado de significados evidenciais pode ser expresso por um único verbo de percepção. Deste modo, há polissemia relacionado ao significado evidencial desses verbos.

Sweetser (2002), em seu livro ‘Da etimologia à pragmática - Aspectos metafóricos e culturais da estrutura semântica’,²⁰ traça uma rota histórica dentro e fora do domínio da percepção física com os verbos de percepção em inglês. Segundo a autora, é comum que verbos de visão desenvolvam sentidos abstratos de atividade mental, pois o vocabulário da percepção

¹⁹ Segundo Vendrame (2010), os verbos representados no Quadro 7 foram selecionados por serem os mais comuns, neutros e prototípicos, mas não são os únicos verbos de percepção que poderiam estar em algum desses grupos.

²⁰ Tradução nossa. O original diz ‘*From etymology to pragmatics Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*’.

física apresenta conexões metafóricas sistemáticas com o vocabulário do eu interno e das sensações internas. A referida autora, apresenta duas transferências metafóricas para os verbos de percepção visual do inglês: (i) visão física - conhecimento, entendimento (percepção visual direta); e (ii) visão física - “visão” mental (relação entre visão e conhecimento).

Com relação aos outros verbos de percepção, Sweetser (2002) explica o seguinte: a percepção auditiva - em construções ou verbos como ‘prestar atenção’ e ‘obedecer’ são derivados dos verbos de percepção auditiva; a percepção tátil - em línguas europeias, verbos como ‘*feel*’ podem ser usados tanto para indicar outro tipo de percepção sensorial como, também, expressar sentimento emocional; a percepção olfativa – em verbos como ‘*smell*’ podem indicar que o sujeito detectou características ruins de alguém ou de alguma situação; e a percepção gustativa – em verbos como ‘*taste*’ pode se relacionar com preferências pessoais no mundo mental.

Além dos estudos sobre esses VdP, outros como o de Hengelveld *et al.* (2010) tratam dos complementos dos VdP, uma vez que eles podem ser investigados a partir sua análise semântica e morfossintática, com base na utilização da estrutura oracional hierárquica da GDF. Portanto, acreditamos que podemos fazer predições relacionadas à interação entre a evidencialidade e a gramaticalização desses VdP em LE.

3.1 Verbos de percepção em língua espanhola

Em Jansegers (2017), a natureza semântica dos verbos de percepção foi descrita segundo o papel semântico do sujeito e da modalidade específica de percepção. Com relação ao papel semântico do sujeito, Viberg (1984) classifica os verbos de percepção em três tipos: verbos de percepção ativa, verbos de percepção pura e verbos de percepção copulativa.

Segundo o autor, na percepção ativa, o processo é controlado e consciente, ou seja, o sujeito (humano) foca a sua atenção até o estímulo com a finalidade de obter a informação. Diferentemente da percepção ativa, na percepção pura, o processo não é controlado, mas sim involuntário, pois o estímulo se impõe na consciência do perceptor²¹. Já a percepção copulativa expressa um estado e o estímulo sensorial é representado pelo sujeito sintático.

Com relação à modalidade de percepção, Jansegers (2017) afirma que a natureza semântica dos verbos de percepção varia conforme cinco componentes: a visão, a audição, o

²¹ Segundo a RAE, perceptor é a pessoa que percebe.

olfato, o tato e o paladar. Segundo a autora, a percepção destes sentidos em espanhol se expressa mediante verbos como *ver/mirar, oír/escuchar, sentir/tocar, oler/olfatear* e *notar/probar*.

A classificação semântica dos verbos de percepção unida ao papel semântico do sujeito e da modalidade específica de percepção lança o chamado paradigma básico dos verbos de percepção, como aparece na Tabela 1:

Tabela 1 – Paradigma básico dos verbos de percepção em espanhol

MODALIDADE	EXPERIÊNCIA	ATIVIDADE	COPULATIVA
VISUAL	<i>ver</i>	<i>mirar</i>	<i>(...parecer)</i>
AUDITIVA	<i>oír</i>	<i>escuchar</i>	<i>sonar</i>
TÁTIL	<i>sentir</i>	<i>tocar</i>	<i>(...tener um tacto)</i>
OLFATIVA	<i>oler</i>	<i>olfatear/husmear/oler</i>	<i>oler a</i>
GUSTATIVA	<i>notar</i>	<i>probar</i>	<i>saber a</i>

Fonte: Traduzido de Janseggers (2017, p. 28).

Como podemos visualizar, há distintos verbos para a representação de cada modalidade de percepção. Janseggers (2017) explica que, primeiramente, devemos nos deter nas características prototípicas desses verbos de percepção, dando atenção particular ao órgão receptor e à natureza específica do estímulo. “Cada sentido tem seu próprio receptor que decodifica os estímulos de sua própria maneira e, portanto, cada sentido possui umas propriedades específicas que determinam como será a decodificação desse estímulo”²² (JANSEGERS, 2017, p. 33).

Fernandez Jaén (2006) explica que há diversos tipos de percepção sensorial, mas nem todos são iguais, pois algumas percepções são mais frequentes que outras. Segundo o autor, as percepções podem ser exógenas, endógenas e ‘puras’. As percepções exógenas estão relacionadas há sensações que são resultado do contato do falante com o exterior, enquanto as percepções endógenas ocorrem dentro de cada pessoa, não sendo possível evitá-las ou modificá-las. Já as percepções ‘puras’ são as que ocorrem de forma automática e espontânea, como por exemplo, a sensação de calor que uma pessoa experimenta ao se aproximar do fogo. Vale ressaltar que todas essas características distintas das percepções sensoriais podem ser expressas pelos verbos, explica Fernandez Jaén (2006). Dependendo da frequência com que

²² Tradução nossa. O original diz: “Cada sentido tiene su propio órgano receptor que descifra los estímulos de su propia manera y, por consiguiente, cada sentido posee unas propiedades específicas que determinan cómo será la decodificación de este estímulo.”

aparecem e da importância que uma comunidade linguística lhes dá, alguns verbos de percepção podem estar mais lexicalizados que outros em cada língua.

Baseando-se na ‘teoria dos protótipos’ de Viberg (1984), Fernandez Jaén (2006) apresenta quais são os verbos de percepção prototípicos em LE e quais são as suas características. Tais verbos de percepção física têm estímulo no meio exterior que correspondem às cinco modalidades expressas por Jansegers (2017). Vejamos:

- **A Visão**

Fernandez Jaén (2006) explica que não há dúvida de que a visão é o sentido mais apreciado na cultura espanhola. O verbo mais prototípico na língua é o ‘ver’ que, devido ao seu uso frequente, é um verbo polissêmico. O autor também apresenta outro verbo muito prototípico: ‘mirar’. Segundo Jansegers (2017), o estímulo prototípico da percepção visual é a luz, decifrada pelo olho. A partir da visão, podemos obter informação sobre a forma, o tamanho, a cor, a orientação e o tamanho de um objeto.

Em espanhol, a percepção pura/percepção ativa a que a visão se refere não está na dupla ‘ver’/‘mirar’, mas se lexicaliza com três verbos: (i) ‘ver’, como percepção pura, (ii) ‘ver’, como expressão de uma ação visual, e (iii) ‘mirar’²³, como verbo de ação mais concreto e limitado. Fernandez Jaén (2006) afirma que, em termos cognitivo, ‘mirar’ estaria em uma posição ligeiramente inferior a ‘ver’, pois as percepções que expressa são mais limitadas.

Sintaticamente, ‘ver’ é acompanhado por infinitivo com sujeito próprio. Fernandez Jaén (2006, p. 7) utiliza o seguinte exemplo para ilustrar:

(22) *Luis vio a Pedro dormirse en el patio.*

Luís viu Pedro adormecer no pátio.²⁴

Segundo o autor, há o uso do verbo no infinitivo ‘dormirse’ com o sujeito não agente ‘Luis’. Tal fato ocorre porque a agentividade atua mais no órgão da visão do que no objeto percebido.

²³ Segundo a RAE, há vários significados possíveis para ‘ver’, entre eles: (i) perceber algo com os olhos mediante a ação da luz; (ii) perceber algo com a inteligência, compreendê-lo; e (iii) comprovar com algum sentido. Já o verbo ‘mirar’ significa (i) dirigir a visão a um objeto; (ii) observar as ações de alguém; (iii) revisar, registrar; etc.

²⁴ Tradução nossa.

- **A Audição**

Fernandez Jaén (2006) afirma que o sentido mais valorizado depois da visão é a audição. Geralmente é utilizado para expressar percepções sensoriais e intelectuais. O verbo mais prototípico é ‘oír’, seguido por ‘escuchar’²⁵. Tais verbos nem sempre expressam percepção pura. Segundo Jansegers (2017), o estímulo prototípico da audição são as ondas sonoras, captadas pelos ouvidos.

Segundo Fernandez Jaén (2006), considera-se que há uma divisão tríplice para a percepção auditiva: inicialmente ‘oír’ expressa uma percepção pura, podendo converter-se em percepção sensorial. Já ‘escuchar’ implicaria uma ação sensorial muito mais concreta. Por isso, ‘escuchar’ estaria em uma posição mais inferior em relação a ‘oír’ na escala de importância cognitiva.

Sintaticamente, ‘oír’ vai acompanhado por infinitivos com sujeito próprio. Fernandez Jaén (2006, p. 9) utiliza o seguinte exemplo para ilustrar:

(23) *Oí a los niños cantar villancicos.*

Ouvi as crianças cantando canções de Natal.²⁶

(24) *Oí a los niños jugar.*

Ouvi as crianças brincarem.²⁷

Segundo o autor, neste caso, ‘oír’ escolhe de forma geral o infinitivo com sujeito agente. Com ‘oír’ a agentividade costuma estar no objeto ouvido, e tal fato explica que seja possível ‘oír’ algo de forma involuntária.

- **O Tato**

Conforme explica Fernandez Jaén (2006), o tato, diferentemente da visão e da audição, promove percepções sensoriais, mas não intelectuais. Em espanhol, não se utiliza o tato para conhecer as coisas, mas se utiliza as sensações táteis para geralmente expressar

²⁵ Segundo a RAE, há vários significados possíveis para 'oír', entre eles: (i) perceber os sons com os ouvidos; (ii) inteirar-se daquilo que estão falando, e outros. Já o verbo 'escuchar' significa (i) prestar atenção ao que se ouve; (ii) dar ouvidos, atender a um aviso, conselho ou sugestão; (iii) aplicar o ouvido para ouvir algo, dentre outros.

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Tradução nossa.

sensações ‘emocionais’. Jansegers (2017) explica que a percepção tátil é causada por perturbações mecânicas que produzem impulsos nervosos. Tal fato ocorre devido ao contato entre a pele e um objeto distinto. Desde o ponto de vista fisiológico, a pele pode se caracterizar como uma espécie de ‘macro-órgão’ de percepção, tendo em vista que ela reveste todo o corpo humano por completo e nela os órgãos sensoriais estão integrados.

O verbo prototípico é ‘tocar’, verbo de percepção ativa. No entanto, há outro verbo com que ‘tocar’ pode formar uma oposição léxica: ‘sentir’, verbo de percepção pura. Apesar da polissemia do verbo ‘sentir’, o autor acredita que as percepções puras mais prototípicas deste verbo são táteis.

• O Olfato

Fernandez Jaén (2006) explica que o olfato, junto com o paladar, é o sentido menos lexicalizado em LE, pois se dá pouca importância cognitiva a este sentido. Geralmente, seu valor é mais estético e social. Jansegers (2017) explica que o estímulo da percepção olfativa chega pela cavidade nasal, a partir de moléculas voláteis ou cheiros.

Para Fernandez Jaén (2006), o olfato constitui uma percepção pura e ativa em mínimo grau. Seu verbo prototípico é ‘oler’. Para ilustrar a distinção entre as percepções, Fernandez Jaén (2006, p. 12) utiliza os seguintes exemplos:

(25) *Luis olió el perfume en cuanto se acercó a la chica.*

Luís sentiu o perfume quando se aproximou da garota.²⁸

(26) *Luis olió el perfume para decidir cuál regalarle a su novia.*

Luís cheirou o perfume para decidir qual dar à sua namorada.²⁹

Segundo o autor, (25) expressa uma percepção pura ‘se te aproximas a uma garota está muito perfumada, sentirás o cheiro do perfume queira ou não’ e (26) expressa uma percepção ativa ‘Luís se concentra voluntariamente no cheiro de um perfume para ver se ele gosta’. No entanto, pragmaticamente, nem sempre será fácil fazer a distinção entre as percepções pura e ativa.

²⁸ Tradução nossa.

²⁹ Tradução nossa.

Sintaticamente, geralmente se emprega o verbo ‘oler’ como um verbo monoactancial, ou seja, se considera como único actante (sujeito) o elemento que ‘huele’.

- **O Paladar**

Segundo Fernandez Jaén (2006), este sentido somente é expresso em espanhol por meio de verbos de percepção ativa. Isto se explica porque o sentido do paladar depende de algumas células situadas na língua, ou seja, do seu funcionamento químico, explica Jansegers (2017).

Em espanhol, não existe e nunca existiu um verbo que expresse a percepção pura do paladar, afirma Fernandez Jaén (2006). Tal fato se explica porque não podemos experimentar sabores sem um desejo voluntário. Logo, explica o autor, para expressar a percepção do paladar será utilizado um verbo de ação.

Fernandez Jaén (2006) explica que talvez um hispano-falante dissesse que o verbo prototípico do paladar fosse ‘gustar’, mas seria um erro grave, pois ‘gustar’ é um verbo psicológico. Apesar de que, na Idade Média, o verbo ‘gustar’ fosse um verbo de percepção sensorial ativa. Para confirmar sua afirmação, Fernandez Jaén (2006, p. 13) dá o seguinte exemplo:

(27) *Esto vos ganó vuestra madre Eva / por querer gostar fruta devedada.*

No entanto, é a partir do século XVIII que ‘gustar’ se converte em verbo psicológico. Segundo o autor, os verbos ‘degustar’ e ‘saborear’ substituiriam ‘gustar’ como um verbo de ação sensorial.

Vale ressaltar que, além dos estímulos que vêm do exterior, há experienciais sensoriais que são interiores. Como vimos anteriormente, tais estímulos foram chamados de endógenos por Fernandez Jaén (2006). Luria (1978 *apud* Fernandez Jaén, 2012), um dos fundadores da ciência cognitiva, propôs uma classificação dos tipos de sensações em três tipos: sensações interoceptivas, sensações propioceptivas e sensações exteroceptivas.

Segundo o autor, as sensações interoceptivas são recebidas do interior do nosso organismo e regulam as nossas necessidades fundamentais. Os estímulos procedem das paredes do estômago e do intestino, do coração, do sistema sanguíneo, além de outros órgãos viscerais. As sensações propioceptivas são responsáveis por interpretar os sinais relacionados a localização do corpo no espaço e de informar sobre seus movimentos. Estas sensações dependem de múltiplos receptores localizados nos tendões, músculos e ligamentos, bem como

os receptores do sistema vestibular (ouvido) e dos sentidos da visão. Já as sensações exteroceptivas são responsáveis pela chegada da informação do mundo exterior ao nosso corpo, através das experiências registradas pelos cinco sentidos. Tais sensações subdividem-se em dois grupos: sensações por contato (geradas pelo tato e pelo paladar) e sensações à distância (como as da visão, da audição e do olfato).

Por fim, a partir da análise de cada VdP, verificamos que há uma relação desses verbos com a expressão da evidencialidade e o processo de gramaticalização, pois segundo a polissemia de alguns VdP observamos a expressão de mais de um tipo de evidencialidade e isto significa que esses verbos podem atuar em diferentes camadas hierárquicas da GDF. Com base no pressuposto teórico de que os itens linguísticos seguem um *continuum* de mudança de conteúdo e de mudança formal, ou seja, se gramaticalizam, buscamos verificar se esse pressuposto também se aplica aos VdP em LE.

3.2 Usos evidenciais dos verbos de percepção

Como vimos na seção anterior, os verbos de percepção podem apresentar distintos complementos. O estudo de Hengeveld *et al.* (2019) é relevante para a nossa pesquisa, pois caracteriza os verbos de percepção e seus complementos, seguindo o modelo da GDF, apesar de não indicar quais verbos de percepção têm valor evidencial. Desta forma, nesta pesquisa, daremos foco a esses tipos VdP em LE. No entanto, primeiramente, mostraremos algumas características dos verbos de percepção com uso evidencial, pois, segundo Ferrari (2012, p. 112), “não é todo e qualquer uso dos verbos de percepção que expressa evidencialidade”.

Vendrame (2010) explica que, em línguas que não têm evidenciais gramaticais, ou tenham poucos, os verbos de percepção tendem a assumir um valor evidencial, pois a partir da percepção é possível aprender diversas informações do mundo. Logo, apresentamos algumas características que devem ser consideradas para que um verbo de percepção tenha uso evidencial, tais como:

- *Sua natureza dêitica* - Verbos de percepção evidenciais devem conter um significado dêitico, além do significado perceptivo regular. Whitt (2010) afirma que a evidencialidade é dêitica por natureza. Considerando a noção de dêixis ligada à noção de evidencialidade, Ferrari (2012, p. 102) explica que “[...] quando um falante utiliza um evidencial, ele adota um ponto de vista particular com relação à fonte da informação que veicula.” Vejamos os exemplos que Whitt (2010, p. 26) utiliza:

(28) *I see the house.*

Eu vejo a casa.³⁰

(29) *I see the house burning.*

Eu vejo a casa queimando.³¹

Em (28), o falante apenas indica uma experiência visual de ‘ver a casa’. Já em (29), o falante além de ‘ver a casa’ também ‘vê a casa pegando fogo’. Logo, o falante possui uma evidência visual para relatar que a casa está pegando fogo (um componente dêitico). Segundo Vendrame (2010, p. 50), devido à natureza do verbo de percepção, o significado dêitico sempre recai sobre o falante, exigindo o uso da primeira pessoa do singular. Vejamos os exemplos (30) e (31):

(30) Eu **vi** as crianças correndo.

(31) Pedro **viu** as crianças correndo.

Conforma explica a autora, em (30), há um caso de evidencialidade direta, pois o falante indica que a informação de que ‘as crianças estavam correndo’ foi obtida diretamente por ele. Já em (31), só há uma indicação do que Pedro viu. Não há qualquer tipo de referência sobre como o falante obteve a informação ‘as crianças correndo’ ou que ‘Pedro viu as crianças correndo’. Portanto, em (31), o verbo de percepção não tem valor evidencial;

- *Orações com duas proposições* - Somente orações com duas cláusulas possibilitam a leitura evidencial. No exemplo (29), podemos verificar duas cláusulas: ‘o falante vê a casa’ e ‘a casa está queimando’. A percepção visual de ‘ver a casa’ serve como evidência para o falante dizer que ‘ela está queimando’;

- *Evidência perceptiva está com o falante* - A evidência perceptiva sempre está com o falante, mesmo quando há um verbo de percepção orientado para o objeto envolvido, como no seguinte exemplo de Whitt (2010, p. 27):

(32) *Karen looks sick.*

Karen parece doente.³²

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Tradução nossa.

³² Tradução nossa.

Segundo esse autor, o falante pode estar ausente na estrutura sintática, mas ainda há duas camadas de significado: a aparência visual de Karen (a evidência) e a inferência que o falante teve com base nessa aparência;

- *Ocorrência em orações declarativas afirmativas.* Verbos de percepção não podem estar sob o escopo da negação, pois, segundo Vendrame (2010, p. 54), "orações declarativas negativas, em que o verbo de percepção está sob o escopo da negação, bloqueiam a leitura evidencial [...]"., ou seja, a negação do verbo corresponde a negação da percepção;

- *Sujeito gramatical de acordo com a orientação do verbo* - Verbos de percepção orientados para o sujeito só podem ser evidencial com um sujeito de 1ª pessoa, enquanto verbos de percepção orientados para o objeto permitem leituras evidenciais com sujeito gramatical de 2ª e 3ª pessoa;

- *Tempo verbal no presente ou no passado* - "Os sentidos evidenciais dos verbos de percepção só se manifestam no presente e no passado do modo indicativo", afirma Ferrari (2012, p. 102). Isto se dá porque é raro haver expressão da evidencialidade no tempo futuro, haja vista que alguém não pode ter presenciado um evento que ainda não ocorreu.

Finalmente, após pontuarmos algumas características que um VdP deve apresentar para ter valor evidencial, verificamos que se faz importante uma análise minuciosa dos VdP encontrados na análise da LE para que possamos considerar somente os que são evidenciais. Desta forma, atuaremos para alcançar os objetivos estabelecidos na pesquisa.

3.3 Caracterização dos verbos de percepção e de seus complementos segundo o modelo da GDF

Dik e Hengeveld (1991 *apud* HENGEVELD *et al.*, 2019) apresentam uma descrição de diferentes tipos de complementos verbais de percepção dentro da estrutura da GF. Hengeveld *et al.* (2019) tomam descrições anteriores em que os complementos verbais de percepção podem ser entendidos em termos da estrutura da cláusula hierárquica usada na GF para representar enunciados e, também, realizam a caracterização dos verbos de percepção e seus complementos, desde uma perspectiva *top-down*.

Segundo os referidos autores, os verbos de percepção podem ter cinco tipos de complemento, são eles: (i) Propriedades (f), (ii) Indivíduos (x), (iii) Estados-de-coisas (e), (iv) Episódios (ep) e (v) Conteúdo Comunicado (C). Hengeveld *et al.* (2019) classificam os verbos

de percepção no Português Brasileiro de acordo com seus cinco tipos de complemento. Vejamos:

a) Percepção de Propriedade – o VdP descreve a percepção de uma propriedade por um indivíduo. Neste caso, o objeto de percepção é uma característica de outra entidade, como ilustrada em (33):

(33) Nunca **sentiram** o cheiro de comida estragada.³³

Em (33), Hengeveld *et al.* (2019, p. 274) explicam que o verbo 'sentiram' especifica uma relação entre o indivíduo que percebe (x), o sujeito compreendido 'eles' e a propriedade percebida (f) - 'cheiro de comida estragada'.

b) Percepção do indivíduo – refere-se à percepção de um indivíduo por outro. Vejamos:

(34) Eu **ouvi** o passarinho.

Neste exemplo (34), Hengeveld *et al.* (2019, p. 275) explicam que o verbo 'ouvi' especifica uma relação entre duas categorias semânticas: uma categoria percebida do tipo x 'Eu' e uma categoria percebida do tipo x 'o passarinho'. Ambas as categorias são do mesmo tipo (indivíduos).

c) Percepção do Estado-de-coisas – refere-se à percepção direta de um estado-de-coisas por um indivíduo, como em (35):

(35) Eu **vi** o carro bater numa bike.

Em (35), Hengeveld *et al.* (2019, p. 275) mostram que o verbo 'vi' especifica uma relação entre a categoria Indivíduo (x) 'Eu' e uma categoria do tipo e, um estado-de-coisas percebido diretamente, 'um carro colidindo com uma bicicleta'.

d) Percepção do Episódio – refere-se à dedução de uma parte do conhecimento por meio da percepção de um dos sentidos, conforme em (36):

(36) Eu **vi** que o carro tinha batido numa bike.

Em (36), Hengeveld *et al.* (2019, p. 275) afirmam que o sujeito 'Eu' não testemunhou um carro colidindo diretamente com uma bicicleta como no exemplo (35). No

³³ Hengeveld *et al.* (2019) apresentam o verbo de percepção em negrito e seu complemento por meio de sublinhado.

entanto, o sujeito chega à conclusão de que o acidente ocorreu, baseando-se em evidências visuais. A diferença entre os dois exemplos é que em (35) o complemento da oração representa o estado-de-coisas que foi diretamente testemunhado pelo sujeito, enquanto em (36) representa a conclusão que o sujeito chegou. Hengeveld e Hattner (2015) explicam que uma dedução envolve necessariamente dois *Estados-de-coisa*: (1) o deduzido e (2) o percebido. Vejamos o exemplo (37):

(37) Eu sinto que ele tem cozinhado.

Segundo os autores, a especificação temporal em (37) expressa tempo relativo, que conecta o evento percebido e o evento deduzido.

e) Percepção do Conteúdo Comunicado – refere-se a uma leitura que somente é possível com predicados de ‘ouvir’ e ‘ver’ (no sentido de "ler") quando usados pelo falante para transmitir palavras ou pensamentos de outra pessoa. Hengeveld *et al.* (2019, p. 277) ilustram com o exemplo (38):

(38) Ontem **vi** no jornal que um jovem de 21 anos matou o irmão de 22.

No exemplo acima, o verbo ‘vi’ especifica uma relação entre o sujeito ‘Eu’ tipo x não expresso que percebe e o Conteúdo Comunicado percebido, o que representa um pedaço da informação reivindicada por terceiros. Hengeveld *et al.* (2019, p. 277) afirmam que a expressão gramatical da percepção de um Conteúdo Comunicado é diferente da percepção de um Episódio. Logo, no exemplo (38), a fonte da informação ‘no jornal’ pode ser especificada. Diferentemente do exemplo (39), que não é possível:

(39) **Percebi** (pelas suas ações/*pelo João) que ela é uma pessoa muito legal.

Segundo Hengeveld *et al.* (2019), construções com os verbos de percepção são utilizadas para descrever o que o sujeito está fazendo ou experienciando num determinado momento do tempo, e tais tipos de construções são tratadas no Nível Representacional da GDF. Portanto, a representação dos verbos de percepção na GDF pode ocorrer a partir das diferentes categorias representacional ou interpessoal como seu complemento, e estas são representados por variáveis distintas.

3.4 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, apresentamos o conceito de VdP, segundo o DLE. Falamos sobre as características necessárias para que um VdP tenha uso evidencial, a saber: devem conter um significado dêitico, as orações devem conter duas proposições, a evidência perceptiva está com o falante, ocorrem em orações declarativas afirmativas, o sujeito gramatical está orientado para o verbo, e o tempo verbal deve estar no presente ou no passado. Em seguida, apresentamos os trabalhos relacionados ao estudo do VdP em língua inglesa, portuguesa e espanhola, bem como identificamos o paradigma básico desse verbo nessas línguas.

Na continuação, com relação aos usos evidenciais dos VdP e de seus complementos segundo o modelo da GDF, mostramos que os VdP podem apresentar cinco tipos de complemento, são eles: (i) Propriedades, (ii) Indivíduos, (iii) Estado-de-coisas, (iv) Episódio e (v) Conteúdo Comunicado. Por último, identificamos os VdP em LE, seu paradigma básico e as diferentes características dos verbos prototípicos, de acordo com as cinco modalidades de percepção (visual, auditiva, olfativa, tátil e gustativa).

No capítulo seguinte, apresentaremos a metodologia utilizada em nossa investigação, tais como: a seleção, constituição e delimitação do *corpus*; os procedimentos metodológicos gerais; e as categorias de análise consideradas.

4 METODOLOGIA

Tendo em vista o suporte teórico funcionalista de análise a partir da GDF, esta pesquisa utiliza dados reais de escrita retirados de contextos da LE em uso. Além disso, pressupõe a integração do pragmático com o semântico e dos dois sobre o morfossintático. Para a seleção da nossa amostra, selecionamos um *corpus* de referência.³⁴ Segundo Sardinha (2004), uma característica que está muito relacionada à representatividade do *corpus* é a sua extensão, ou seja, o *corpus* deve ser o maior possível. Desta forma, utilizamos o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA),³⁵ que foi desenhado para proporcionar informações sobre a LE em determinados períodos de tempo, sendo possível extrair informações para que pudéssemos estudar as palavras, seus significados e seus contextos.

Nas seções a seguir, portanto, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a investigação do processo de gramaticalização dos VdP com uso evidencial em LE. Na seção 4.1, apresentamos os aspectos referentes à seleção, constituição e delimitação do *corpus* e, na seção 4.2, descrevemos quais são os procedimentos e categorias de análise. Por fim, na seção 4.3, fazemos uma síntese conclusiva deste capítulo.

4.1 Seleção, Constituição e Delimitação do *corpus*

Primeiramente, antes de falarmos sobre o *corpus*, é importante deixar claro que o universo da nossa pesquisa é a LE. A escolha por fazer uma análise dos processos de gramaticalização dos VdP com uso evidencial nesta língua se justifica pelo prestígio que o espanhol goza como língua internacional. De acordo com o relatório do Instituto Cervantes (2020),³⁶ isso se deve ao fato do espanhol (i) ser a segunda língua materna por número de falantes, com quase 489 milhões de pessoas, perdendo apenas para o mandarim, (ii) ser o segundo idioma de comunicação internacional (atrás do inglês), tendo satisfatória representação nos foros diplomáticos, e (iii) possuir uma ampla difusão da cultura hispana.

³⁴ Segundo a Real Academia Espanhola (RAE, 2014), “um *corpus* de referência proporciona informação exhaustiva sobre uma língua no momento determinado de sua história” (tradução nossa). Portanto, é suficientemente extenso para representar as variedades relevantes da língua em questão. Disponível em: <https://www.rae.es/recursos/banco-de-datos/crea>. Acesso em: 10 set. 2019.

³⁵ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 03 jun. 2019.

³⁶ Este relatório 'El español: una lengua viva' foi elaborado por David Fernández Vítóres, dirigido e coordenado pela Direção Acadêmica do Instituto Cervantes.

Segundo este relatório, o espanhol é a segunda língua em que mais há documentos científicos publicados no mundo, perdendo apenas para o inglês. Além disso, a área de Humanidades está em segundo lugar no número de publicações de artigos científicos, dentre as seis áreas temáticas principais da literatura científica em espanhol. Vale ressaltar que nos últimos anos, o espanhol está tendo um crescimento moderado e contínuo dos seus números de falantes.

Esta pesquisa se caracteriza como do tipo bibliográfica, pois consiste na coleta de dados a partir textos, livros, artigos e de um *corpus* de referência. Esses dados foram utilizados no estudo sob forma de citações e de ocorrências, servindo de base para o desenvolvimento do assunto investigado. Dito isto, selecionamos o *corpus CREA*, que conta com um conjunto de textos³⁷ de diversa procedência e sua última versão (3.2, junho de 2008) tem mais de 160 milhões de formas. Além disso, o *CREA* está constituído por textos escritos e orais, que foram produzidos entre os anos de 1975 e 2004 em todos os países de fala hispana.³⁸ Os textos escritos compreendem mais de cem matérias diferentes e a língua falada, em sua maior parte, está representada por transcrições de documentos do rádio e da televisão. Esses textos estão armazenados em suporte informático, de modo que foi possível fazer a extração de informações para analisarmos os VdP com uso evidencial dentro de seus contextos.

Segundo a RAE,³⁹ desde o seu surgimento, o *CREA* serviu de referência para investigações linguísticas sobre o espanhol atual. Conforme explica o Manual de consulta da RAE,⁴⁰ o tamanho do *CREA*, no final do ano 2000, é de 125 milhões de formas, em que 90% dessa quantidade corresponde a textos escritos e 10% a textos orais. Vale ressaltar que, para garantir a variedade e a representatividade do *CREA*, se optou por introduzir textos completos em todos os casos, explica o Manual.

Podemos descrever o *corpus* a partir de sua interface de consulta e dos seus critérios de seleção. Com relação à sua interface de consulta, o *CREA* é responsável pela construção do perfil de consulta. Na página oficial do *CREA*, há um espaço para a redação da consulta, e de outros critérios de seleção que facilitam a seleção de documentos. Vejamos a Figura (10):

³⁷ De acordo com a RAE, com relação ao gênero dos textos, o *corpus* se divide em dois grandes grupos, a saber: (i) Ficção (composto por textos de Verso e Prosa, subdivididas em Lírico, Épico e Dramático; e (ii) Não ficção (composto por Prosa estruturada em didática, científica, de sociedade, de imprensa e publicidade, religiosa, histórico-documental e jurídica. Disponível em: http://corpus.rae.es/ayuda_c.htm. Acesso em: 20 abril. 2020.

³⁸ Textos espanhóis e americanos de países tais como: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Espanha, Filipinas, Guatemala, Honduras, Nicarágua, México, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

³⁹ Disponível em: <https://www.rae.es/recursos/banco-de-datos/crea>. Acesso em: 15 set. 2019.

⁴⁰ Disponível em: http://corpus.rae.es/ayuda_c.htm. Acesso em: 23 set. 2019.

Figura 10 – Janela principal com layout do *corpus* CREA

Fonte: *Corpus* RAE.⁴¹

A partir da visualização do *CREA*, verificamos que ele se organiza seguindo os seguintes critérios seletivos de consulta: (a) Autor, (b) Obra, (c) Cronológico, (d) Meio, (e) Geográfico e (f) Tema. A seguir, vejamos como se configura cada um desses critérios de seleção, segundo o Manual de consulta da RAE:

- a) Autor – possibilita a consulta por um determinador autor;
- b) Obra – possibilita encontrar o título de uma obra a partir de uma ou mais palavras significativas presentes no título da obra desejada;
- c) Cronológico – disponibiliza duas casinhas para que seja possível a seleção de um ano específico ou o período compreendido entre duas datas;
- d) Meio – apresenta os textos do *corpus* segundo a sua procedência (livros, jornais, revistas, miscelânea e oral);
- e) Geográfico – possibilita filtrar as consultas restringindo a busca de acordo com um ou mais países;
- f) Tema – possibilita configurar a delimitação do *subcorpus* de acordo com 1 a 9 grandes temáticas, denominadas da seguinte maneira: 1- Ciências e tecnologia; 2- Ciências

⁴¹ Disponível em: <http://corpus.rae.es/creanet.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

sociais, crenças e pensamento; 3- Política, economia, comércio e finanças; 4- Artes; 5- Ócio, vida cotidiana; 6- Saúde; 7- Ficção; 8- Miscelânea;⁴² e 9- Oral.

Com relação às características gerais de distribuição dos textos, segundo o Manual de consulta, estão classificados como podemos ver nas tabelas seguintes:

Tabela 2 - Distribuição dos textos do *CREA*, segundo sua origem e tipo

Espanha: 50%
América: 50%
Escritos: 90%
Orais: 10%

Fonte: Traduzida do Manual de consulta da RAE.

Tabela 3- Distribuição temporal dos textos do *CREA*

1975-1979	10%
1980-1984	15%
1985-1989	20%
1990-1994	25%
1995-1999	30%

Fonte: Traduzida do Manual de consulta da RAE.

Tabela 4 - Distribuição dos textos do *CREA* por grandes áreas temáticas⁴³

1. Ciência e Tecnologia	10,125%
2. Ciências Sociais, crenças, pensamento	13,5%
3. Política e Economia	13,5%
4. Artes	10,125%
5. Ócio e vida cotidiana	10,125%
6. Saúde	10,125%
7. Ficção	22,5%

Fonte: Traduzida do Manual de consulta da RAE.

Conforme explica o Manual de consulta da RAE, os textos originados da América refletem a diversidade existente de acordo com o reconhecimento de suas distintas áreas linguísticas e à cada área foi dada uma porcentagem diferente em função dos números de habitantes e do peso cultural. Vejamos o Quadro 5:

⁴² Segundo o DLE, miscelânea significa obra ou escrito em que se tratam muitas matérias inconexas e mezcladas. (tradução nossa). O original diz: "Obra o escrito en que se tratan muchas materias inconexas y mezcladas". Disponível em: <https://dle.rae.es/miscel%C3%A1neo>.

⁴³ Hipercampos e porcentagens sobre o total.

Quadro 5 – Diversidade existente segundo as áreas linguísticas (%)

	Porcentagem sobre a parte americana do CREA	Países ou zonas
Zona mexicana	40%	México, Sudoeste dos Estados Unidos, Guatemala, Honduras, El Salvador
Zona central	3%	Nicarágua e Costa Rica
Zona caribenha	17%	Cuba, Porto Rico, Panamá, Rep. Dominicana, Costas da Venezuela e Colômbia e Nordeste dos Estados Unidos
Zona andina	20%	Resto da Venezuela e Colômbia, Equador, Peru e Bolívia
Zona chilena	6%	Chile
Zona rio-platense	14%	Argentina, Paraguai e Uruguai

Fonte: Traduzido do Manual de consulta da RAE.

A partir dos critérios anteriormente explicitados, selecionamos e configuramos o nosso "*subcorpus* virtual". Para a nossa pesquisa, elegemos os seguintes: 'Meio', 'Geográfico' e 'Tema'. Decidimos não restringir o *corpus* quanto aos critérios 'Autor', 'Obra' e 'Cronológico', pois queremos fazer uma análise dos processos de gramaticalização dos VdP ao longo do período disponível, sem definirmos também um autor ou obra específicos. Além disso, vale ressaltar que, segundo Sardinha (2004), a extensão de um *corpus* envolve três dimensões: (1) maior número de palavras, (2) número de textos e (3) número de gêneros, registros ou tipos textuais. Desta forma, quanto maior o número de palavras, de textos e de gêneros, maior será a possibilidade de abrangência dos fenômenos linguísticos e de sua representatividade.

No que diz respeito à seleção do primeiro critério 'Meio', decidimos trabalhar com os textos escritos, pois representam 90% dos textos disponibilizados pelo CREA e procedem de livros, jornais, revistas e miscelânea. Logo, poderemos fazer a análise das ocorrências dos VdP em contextos diversos.

No que concerne ao segundo critério 'Geográfico', a partir do desenho do *corpus*, selecionamos os textos provenientes da Espanha,⁴⁴ tendo em vista que representa um total de 50% da distribuição dos textos do CREA. Logo, em termos quantitativos, a Espanha é responsável pela produção da metade dos textos disponibilizados no *corpus*, enquanto os outros

⁴⁴ Apesar de que saibamos qual a procedência do texto (comunidade autônoma), do qual retiramos cada ocorrência, vale ressaltar que o CREA não detalha quais zonas linguísticas dentro da Espanha são contempladas.

50% são procedentes de seis zonas (mexicana, central, caribenha, andina, chilena e rio-platense).

Por último, no que se refere ao critério ‘Tema’, o *CREA* possibilita que o pesquisador delimite uma ou mais áreas temáticas e/ou temas segundo as divisões estabelecidas previamente no desenho do *corpus*. Conforme explica o Manual de consulta, a falta de seleção de um tema e/ou área específicos equivale a trabalhar com o *corpus* completo. Devido à quantidade abrangente de temas disponíveis em cada área temática do *corpus*, fizemos um recorte e selecionamos a área 2 (Ciências Sociais, crenças e pensamento) que tem um total de 13,5% da distribuição dos textos do *CREA*, pois acreditamos que, entre as demais áreas temáticas disponíveis, a Área Temática 2 apresenta um tema em específico que é provável de apresentar um maior número de ocorrências de VdP, porque tal tema tem relação com o relato / narração de histórias reais. A seguir, no Quadro 6, vejamos os temas disponíveis da área temática 2:

Quadro 6 – Temas da ‘Área Temática 2’

201	Religião
202	Linguística e linguagem
203	História
204	Sociologia
205	Literatura
206	Astrologia e ciências ocultas
207	Erotismo, Sexologia
208	Psicologia
209	Ética
210	Geografia
211	Filosofia
212	Civilização, Etnologia
213	Antropologia
214	Mitologia
215	Folclore
216	Educação
217	Mulher
218	Arqueologia
219	Urbanismo

220	Vários testemunhos ⁴⁵
-----	----------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora e traduzido do Manual de consulta da RAE.

Para a construção da nossa amostra e coleta das ocorrências, restringimos a consulta ao tema ‘Vários testemunhos’. Seleccionamos este tema por acreditarmos que há uma maior probabilidade de ocorrências dos VdP, uma vez que testemunhos são declarações que o falante faz com o intuito de demonstrar ou assegurar a veracidade de um fato que ele presenciou.

Descritas as etapas de seleção, constituição e delimitação do *corpus*, apresentaremos na seção seguinte os procedimentos e categorias de análise da pesquisa.

4.2 Procedimentos e categorias de análise dos dados

Nesta etapa, inicialmente recorreremos ao *corpus CREA* com a finalidade de identificar a ocorrência de VdP em LE. Enfatizamos que consideramos para o nosso estudo apenas os VdP com uso evidencial. Também salientamos que esta pesquisa é do tipo qualitativa, já que o estudo se configura em duas partes, a saber: (1) análise qualitativa, em que tomamos como base os pressupostos teórico-metodológicos da GDF para a discussão e interpretação dos dados; e (2) análise quantitativa,⁴⁶ em que fazemos a coleta dos dados e análise estatística destes.

Com o propósito de fazer uma análise quantitativa apropriada aos processos de gramaticalização desses VdP, optamos pela utilização do pacote computacional *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* (versão 22.0 para *Windows*)⁴⁷, visto que o programa permite uma análise estatística dos dados, tanto básica como avançada. Já para a análise qualitativa do total de ocorrências, recorreremos ao suporte funcionalista da GDF para analisar e codificar cada caso. A seguir, vejamos o passo-a-passo das etapas que seguimos para a constituição da nossa amostra:

⁴⁵ Tradução nossa. O original diz ‘testimonios varios’. Segundo o DLE, a palavra ‘testimonio’ significa “prova, justificativa e comprovação da certeza de algo”. O original diz: "Prueba, justificación y comprobación de la certeza o verdad de algo." Disponível em: <https://dle.rae.es/testimonio?m=form>.

⁴⁶ Acreditamos que tal análise contribuirá para corroborar com os dados sobre o percurso de gramaticalização de cada VdP com uso evidencial. De modo a demonstrar (i) uma maior/menor ocorrência de um VdP em determinada camada semântica, (ii) uma propensão de um VdP a ficar mais estabilizado em uma determinada camada semântica e (iii) uma propensão dos VdP com uso evidencial a apresentar uma funcionalidade estendida.

⁴⁷ Versão em português. Segundo Castañeda *et al.* (2010), o *SPSS* possibilita que utilizemos bancos de dados extensos, bem como efetuemos análises estatísticas complexas. Não há necessidade de utilizar outros programas para a análise, pois o *SPSS* possibilita tanto a captura como a análise dos dados. Além disso, é possível transformar um banco de dados criado no *Microsoft Excel* em uma base de dados *SPSS*, afirmam os autores.

- identificação das ocorrências de VdP no *corpus CREA*;
- utilização como dados, somente dos VdP com uso evidencial. Para isso, adotamos os seguintes critérios⁴⁸ para seleção desses verbos, a saber: (i) sua natureza dêitica; (ii) orações com duas preposições; (iii) evidência perceptiva com o falante; (iv) ocorrência em orações declarativas afirmativas; (v) sujeito gramatical de acordo com a orientação do verbo (na 1ª pessoa do singular); e (vi) tempo verbal no presente e no passado;
- codificação das ocorrências de modo a organizar e facilitar o tratamento e análise dos dados;
- realização da classificação das ocorrências com base nos critérios de análise;
- utilização do pacote computacional *SPSS 22.0* para a análise dos dados. Utilizamos este programa para (i) incluir ocorrências e variáveis,⁴⁹ utilizando seu editor de dados; (ii) fazer a ordenação e seleção de dados; (iii) calcular as frequências; (iv) cruzar variáveis; (v) criar e editar gráficos.
- e, por último, apresentação dos resultados da investigação, análise e discussão dos dados.

Vale ressaltar que, para a identificação de cada ocorrência, estabelecemos parâmetros com a finalidade de dar conta dos aspectos de análise da gramaticalização dos VdP com uso evidencial em LE, sob a perspectiva da GDF, os quais estão subdivididos em aspectos relativos ao Nível Interpessoal, ao Nível Representacional e ao Nível Morfossintático.⁵⁰ Por fim, descrevemos e analisamos estes VdP, de acordo com as categorias de análise estabelecidas.

Na seção a seguir, apresentamos os parâmetros que estabelecemos para a análise do *corpus*, tais como: as variáveis semânticas e as variáveis sintáticas.

4.2.1 Categorias de análise dos dados

⁴⁸ Tendo em vista que não é todo VdP que apresenta uso evidencial, conforme explica Ferrari (2012), utilizamos os seguintes critérios para caracterizar apenas os VdP com uso evidencial.

⁴⁹ Segundo a RAE, uma variável estatística é "uma função real definida sobre uma população ou uma amostra, que toma os valores de cada uma das modalidades de um atributo, e as que associa uma distribuição de frequências." (tradução nossa). Desta forma, no SPSS uma variável pode ter valores numéricos ou não numéricos, ou seja, pode se separar em dois grupos: quantitativa (seus valores são expressos em números) e qualitativa (seus valores determinam características).

⁵⁰ Como dito anteriormente, não consideraremos o Nível Fonológico no nosso estudo. Centraremos nas camadas pragmáticas (Nível Interpessoal), semânticas (Nível Representacional) e morfossintáticas (Nível Morfossintático), tendo em vista que descreveremos o processo de gramaticalização dos VdP com uso evidencial.

Com base em nossos os objetivos específicos, estabelecemos as categorias de análise dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático da GDF, bem como o aspecto Contextual. Primeiramente, delimitamos a análise no *corpus CREA* segundo os critérios ‘Meio’, ‘Geográfico’ e ‘Tema’.

Em seguida, analisamos ocorrências reais da LE de acordo com as categorias de análise dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, baseando-nos pela GDF. Em relação ao comportamento pragmático, analisamos as ocorrências cuja ilocução é do tipo declarativa⁵¹. Em relação ao comportamento semântico, verificamos a natureza semântica do VdP com uso evidencial em LE, os subtipos evidenciais dos VdP e sua respectiva camada de atuação. Por fim, em relação ao comportamento morfossintático, verificamos os tempos verbais desses VdP no Modo Indicativo, bem como os tipos de complemento morfossintático que apresentam.

Nas subseções seguintes, explicamos as categorias adotadas em nossa análise, segundo os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos.

4.2.1.1 Tipologias dos VdP

Nesta pesquisa, selecionamos 10 VdP considerados os mais prototípicos⁵² de cada modalidade de percepção, a saber: ‘ver’, ‘mirar’, ‘oír’, ‘escuchar’, ‘oler’, ‘olfatear’, ‘tocar’, ‘sentir’, ‘probar’ e ‘notar’. Entretanto, em nossa análise, somente levamos em consideração os VdP com uso evidencial. Disto isto, elaboramos o Quadro 7 de acordo com as diferentes percepções ligadas a cada um deles. Vejamos:

Quadro 7 – Natureza semântica dos VdP

1. Percepção Visual	‘ver’ e ‘mirar’.
2. Percepção Auditiva	‘oír’ e ‘escuchar’.
3. Percepção Olfativa	‘oler’ e ‘olfatear’.
4. Percepção Tátil	‘tocar’ e ‘sentir’. ⁵³
5. Percepção Gustativa	‘probar’ e ‘notar’.

Fonte: Elaborado pela autora.

⁵¹ Apesar da LE apresentar ilocuições de outros tipos como interrogativa, imperativa, exclamativa e desiderativa, em nossa pesquisa só consideraremos as declarativas afirmativas, pois segundo Aikhenvald (2018), a maioria das especificações evidenciais é encontrada nesse tipo de ilocução.

⁵² Com base nos estudos de Fernandez Jaén (2006), Jansegers (2017) e Hengeveld (2017).

⁵³ Vale ressaltar que, segundo Jansegers, Enghels e Cruz Domínguez (2016), o verbo *sentir* se caracteriza por ser polissêmico, podendo se referir a outras modalidades de percepção além da percepção tátil. Desta forma, também consideramos os demais tipos de percepção em nossa análise.

Para explicar as tipologias dos VdP com uso evidencial em LE, verificamos a natureza semântica de cada VdP em estudo. Com base nos significados disponibilizados para cada verbo no DLE,⁵⁴ analisamos os sentidos dos VdP que se relacionam com a evidencialidade. Além disso, estabelecemos a categoria ‘sentido do VdP e o papel semântico de seu sujeito’, com base na proposta de Viberg (1984) e Jansegers (2017), para classificar os VdP com uso evidencial em LE. Vejamos:

Quadro 8 – Papel semântico do sujeito⁵⁵

Percepção ativa
Percepção pura⁵⁶

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme observamos no Quadro 8, os VdP se classificam em VdP ativa e VdP pura. Segundo Jansegers (2017, p.27), a percepção ativa se refere a um processo controlado e consciente por um sujeito humano, que se orienta ativamente em direção ao estímulo para obter a informação. Já a percepção pura, conforme explica a autora, se refere a um estado em que o sujeito não controla o processo, pois o estímulo se impõe em sua consciência, ou seja, a percepção ocorre de forma mais involuntária.

Em nossa análise, só consideramos os dados dos VdP com uso evidencial. Vale ressaltar que, na primeira etapa da nossa análise, verificamos todas as ocorrências dos 10 VdP selecionados e somente após a essa análise inicial (na qual adotamos critérios previamente estabelecidos na *seção 4.2*) é que identificamos os VdP com uso evidencial.

4.2.1.2 Subtipos evidenciais dos VdP

Em nossa análise, consideramos os quatro tipos de evidencialidade segundo Hengeveld e Hattner (2015): a Reportatividade, a Inferência, a Dedução e a Percepção de evento. Tais tipos de evidencialidade são definidos com base no modelo hierárquico da GDF,

⁵⁴ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versão 23.3 *on-line*]. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

⁵⁵ A classificação de Viberg (1984) apresenta três tipos de VdP: VdP ativa, VdP pura e VdP copulativa. Entretanto, seguindo o paradigma básico do VdP em LE, proposto por Jansegers (2017, p.28), os VdP selecionados para nossa análise não se classificariam em VdP copulativa.

⁵⁶ Ou verbos de experiência, segundo Jansegers (2017, p. 27).

que leva em consideração as relações de escopo entre camadas e níveis (Interpessoal e Representacional). Os quatro tipos de evidencialidade são os seguintes:

- Reportatividade - indica que a fonte da informação que o falante está transmitindo é outro falante. Opera na camada do Conteúdo Comunicado;
- Inferência - indica que o falante inferiu uma certa parte da informação com base em seu próprio conhecimento existente. Opera na camada do Conteúdo Proposicional;
- Dedução - indica que a informação que o falante apresenta é deduzida com base na evidência perceptual. Opera na camada do Episódio;
- Percepção de evento - indica, por meio de expressões, se o falante testemunhou ou não o evento descrito na sua elocução diretamente. Opera na camada do Estado-de-coisas.

4.2.1.3 Tempos verbais dos VdP com uso evidencial

Segundo Gómez Torrego (2005), os modos verbais em espanhol são três: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Tendo em vista que o modo verbal informa sobre a atitude do falante diante o que se diz, consideramos em nossa análise apenas o Modo Indicativo, visto que ele põe em evidência os estados de coisas que se apresentam como conhecidos e certos, segundo a RAE (2011). Além disso, Masip (2010) explica que esse modo verbal expressa o caráter objetivo da comunicação, o que o relacionaria à transmissão do conteúdo.

Segundo Aikhenvald (2018), a expressão da fonte da informação se correlaciona também com o tempo gramatical. O presente e o passado têm relação com a evidencialidade direta, visto que o falante pode ter acesso direto à informação que ocorre no presente ou que ocorreu no passado. De acordo com a autora, muitas línguas não expressam o futuro em evidências. Dito isto, consideraremos em nossa análise todos os tempos do presente e do passado em LE, a saber: Presente, Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Imperfeito, Pretérito Anterior e Pretérito Mais-que-perfeito.

Segundo Gómez Torrego (2005), Matte Bon (2008), Masip (2010) e a RAE (2011), os tempos verbais do Indicativo, bem como suas características temporais são os seguintes:

- Presente (*veo*)⁵⁷ – indica ação atual, contínua e inacabada, ou seja, expressa a coincidência da situação designada como o momento da fala. Também se utiliza com o futuro e o passado cronológico, assim como expressa valor universal, sem estar necessariamente ligado a um momento preciso do tempo cronológico.
- Pretérito Perfeito Composto (*he visto*) – indica ações passadas, que têm relação com o momento presente no qual se encontra o falante;
- Pretérito Perfeito Simples (*vi*) – indica ações passadas já terminadas que aconteceram em um espaço de tempo anterior àquele que se encontra o falante. O enunciador se limita a informar sobre acontecimentos passados, utilizando-se de marcadores temporais que se referem a momentos acabados.
- Pretérito Imperfeito (*veía*) – indica uma ação passada em desenvolvimento, que acontece em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante. Não sabemos nem o princípio nem o final ou não nos interessa saber;
- Pretérito Anterior (*hube visto*)⁵⁸ – indica ação passada imediatamente anterior a outra, acabada.
- Pretérito Mais-que-perfeito⁵⁹ (*había visto*) – indica ação passada anterior a outra ação passada, acabada;

Segundo Aikhenvald (2018), os pretéritos têm mais probabilidade de expressar o maior número de evidências e distinguir o maior número de valor evidencial.

4.2.1.4 Tipos de complemento morfossintático dos VdP com uso evidencial

Com respeito à propriedade morfossintática dos complementos dos VdP em LE, tomamos como base os trabalhos de Rodríguez Espiñeira (2000), Fernández Jaén (2012) e Hengeveld *et al.* (2019), para mostrar quais formas da expressão sintática são usadas em nossa pesquisa.⁶⁰

⁵⁷ Para identificar facilmente os tempos verbais, utilizamos como modelo o VdP ‘*ver*’ conjugado na primeira pessoa do singular.

⁵⁸ Posteriormente, retiramos esse tempo verbal das categorias de análise porque na análise inicial do *corpus* não encontramos nenhuma ocorrência dos VdP.

⁵⁹ Segundo Masip (2010), em português, emprega-se esse termo. No entanto, em espanhol, o termo correspondente é *Pluscuamperfecto*.

⁶⁰ Segundo Fernández Jaén (2012, p. 285), ‘percepto’ é o objeto ou estímulo percebido pelo ‘perceptor’ (pessoa que percebe algo através dos sentidos).

a) Objeto Direto (OD) ou clítico em acusativo, acompanhado por:⁶¹

(i) uma cláusula de infinitivo;⁶²

Exemplos: (40) **Ve** a Paula nadar.

Vejo Paula nadar.⁶³

(41) **Os** escuchamos salir.

Os escutamos sair.⁶⁴

(ii) uma cláusula de gerúndio;

Exemplo: (42) **Vi** a Paquita comprando en la tienda.

Vi a Paquita comprando na loja.⁶⁵

ou (iii) uma cláusula relativa atributiva;⁶⁶

Exemplo: (43) **Ve** a Paula que baila.

Vejo a Paula que dança.⁶⁷

b) Complemento que se realiza mediante uma cláusula com verbo em forma pessoal, uma declarativa introduzida por *que*.⁶⁸

Exemplo: (44) **Vi** que ella salía de la oficina a las seis.⁶⁹

Vi que ela saia do escritório às seis.⁷⁰

⁶¹ Segundo Fernández Jaén (2012), uma característica sintática do evento é capacidade das construções assumir diferentes disposições formais na relação com a localização de seus constituintes, tais como: *verbo-verbo* (VV), *verbo-verbo-objeto* (VVO) e *verbo-objeto-verbo* (VOV). Em nossa pesquisa, a construção VV foi descartada, tendo em vista que não apresenta uma entidade percebida ou percepto, pois se configura como um evento impessoal.

⁶² Segundo Fernández Jaén (2012, p. 322), os eventos se constroem com infinitivo simples, pois o infinitivo composto expressa que um evento já aconteceu e, desta forma, já não é mais visível.

⁶³ Traduzido de Fernández Jaén (2012, p. 312).

⁶⁴ Traduzido de Fernández Jaén (2012, p. 328).

⁶⁵ Traduzido de Fernández Jaén (2012, p. 328).

⁶⁶ Segundo Hanegreefs (2008), outras possíveis denominações para esta estrutura são: relativa predicativa, relativa completiva, relativa apresentadora e pseudo-relativa. Conforme explica o autor, a relativa atributiva denota um matiz dinâmico ao elemento que funciona como complemento direto (CD) de um VdP. Tal estrutura se diferencia das demais orações de relativo por apresentar três características básicas, a saber: (1) sempre denota eventos, (2) seu tempo verbal tem que ser igual ao da oração principal e (3) seu antecedente, obrigatoriamente, tem que ser uma entidade que possa ser percebida por algum dos sentidos corporais.

⁶⁷ Traduzido de Fernández Jaén (2012, p. 315).

⁶⁸ Janseggers (2017) apresenta outros complementos morfossintáticos possíveis para os VdP em LE. Entretanto, com base nos estudos de Hengeveld *et al.* (2019) e de Janseggers (2017), selecionamos os complementos comum a ambas as investigações para que pudéssemos analisar apenas os VdP com uso evidencial.

⁶⁹ Bosque Muñoz e Demonte Barreto (2000, p. 432).

⁷⁰ Tradução nossa.

Segundo Fernández Jaén (2012), toda percepção relaciona a atribuição de um significado a um estímulo sensorial. Ela corresponde a uma prática experimentada, que se conecta com o mundo e que também se relaciona com o nosso conhecimento de mundo e com a nossa capacidade para representá-lo mentalmente de uma forma mais abstrata.

O referido autor explica que o denominador comum a todos os complementos dos VdP é sua relação com a transitividade e a presença de um perceptor e um percepto. Logo, ressaltamos que fizemos um recorte em nosso trabalho e só nos centramos na análise dos verbos transitivos. Acreditamos que os usos evidenciais tendem a aparecer com um CD, como já verificamos no trabalho de Jansegers (2017), visto que esse tipo de completiva é característico dos VdP.

O Quadro 9 resume as categorias de análise mencionadas. Tal organização foi elaborada por nós com base no que é proposto nos trabalhos que versam sobre evidencialidade, gramaticalização, VdP, e na Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), bem como na Nova Gramática Básica da LE da RAE (2011). Vejamos:

Quadro 9 – Categorias de análise dos dados

1. Tipologia do VdP			
1.1 Papel semântico do sujeito			
Percepção ativa			
Percepção pura			
2. Subtipos evidenciais do VdP e suas respectivas camadas de atuação	Nível	Camada	Evidencialidade
	Interpessoal	Conteúdo Comunicado	Reportatividade
		Conteúdo Proposicional	Inferência
	Representacional	Episódio	Dedução
		Estado-de-coisas	Percepção de evento
3. Tempos verbais dos VdP			
Presente			
Pretérito Perfeito Composto			
Pretérito Perfeito Simples			
Pretérito Imperfeito			
Pretérito Mais-que-perfeito			

4. Tipos de complemento morfossintático do VdP	
4.1 OD nominal ou clítico em acusativo, acompanhado por:	(i). Cláusula de infinitivo;
	(ii). Cláusula de gerúndio;
	(iii). Cláusula relativa atributiva;
4.2 Cláusula com verbo flexionado (declarativa introduzida por <i>que</i>).	

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, tratamos de questões metodológicas que nortearam a nossa pesquisa. Primeiro, versamos sobre os aspectos referentes à seleção, constituição e delimitação do *corpus*. Explicamos o motivo pelo qual o universo da nossa pesquisa é a LE; elegemos o CREA e delimitamos quais foram os critérios de seleção do nosso *corpus*. Seleccionamos os critérios 'Meio', 'Geográfico' e 'Tema' com a finalidade de analisar os possíveis processos de gramaticalização dos VdP com uso evidencial ao longo do tempo. Desta forma, as ocorrências resultam de textos escritos provenientes da Espanha, cujo tema é 'Vários testemunhos' e que podem proceder de livros, jornais, revistas e miscelânea.

Em seguida, com relação aos procedimentos metodológicos adotados, estabelecemos dois tipos de análise: uma quantitativa, feita por meio do SPSS; e uma qualitativa, com discussão e interpretação dos dados, tendo como base os pressupostos teórico-metodológicos da GDF.

Por fim, para a análise das ocorrências, definimos categorias relativas (i) às tipologias dos VdP (os sentidos dos VdP que se relacionam com a evidencialidade e o papel semântico do sujeito); (ii) aos subtipos evidenciais dos VdP e suas respectivas camadas de atuação [Reportatividade (Conteúdo Comunicado), a Inferência (Conteúdo Preposicional), a Dedução (Episódio) e a Percepção de evento (Estado-de-coisas)]; (iii) aos tempos verbais dos VdP com uso evidencial no Modo Indicativo (Presente, Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Imperfeito, Pretérito Anterior, Pretérito Mais-que-perfeito); e (iv) aos tipos de complemento morfossintático dos VdP com uso evidencial.

No capítulo seguinte, nos dedicamos à análise dos dados, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, tendo como suporte, para atingir tal fim, o cumprimento de todos os procedimentos metodológicos anteriormente elencados.

5 USOS EVIDENCIAIS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Neste capítulo, analisamos os VdP em LE presentes em nosso *subcorpus* e seus respectivos percursos de gramaticalização. Nessa investigação, decidimos analisar os dez VdP mais prototípicos da LE que, conforme esclarecemos anteriormente, são eles: ‘*ver*’, ‘*mirar*’, ‘*oír*’, ‘*escuchar*’, ‘*oler*’, ‘*olfatear*’, ‘*tocar*’, ‘*sentir*’, ‘*probar*’ e ‘*notar*’.

Após a busca no CREA, encontramos um total de 1374 ocorrências. Das 1374 ocorrências, a análise se desenvolveu em várias etapas. A primeira etapa constou na seleção dos VdP com uso evidencial que apresentam as seguintes características, a saber: (i) natureza dêitica; (ii) orações com duas preposições; (iii) evidência perceptiva com o falante; (iv) ocorrência em orações declarativas afirmativas; (v) sujeito gramatical de acordo com a orientação do verbo (na 1ª pessoa do singular); e (vi) tempo verbal no presente ou no passado.

Após essa primeira etapa da análise, verificamos que apenas seis VdP têm uso evidencial, representando um total de 93 casos.⁷¹ Para que possamos visualizar a quantidade de verbos encontrados na análise inicial e a quantidade de verbos considerados após as etapas de construção do nosso ‘*subcorpus*’, montamos a Tabela 5:

Tabela 5 – Quantitativo de ocorrências dos VdP em LE

	VdP	VdP com uso evidencial
VER	563	48 (8,52)
NOTAR	94	17 (18,08)
OÍR	113	13 (11,50)
SENTIR	439	12 (2,73)
ESCUCHAR	32	2 (6,25)
OLER	10	1 (10%)
MIRAR	90	0 (0%)
TOCAR	23	0 (0%)
PROBAR	9	0 (0%)
OLFATEAR	1	0 (0%)
Total	1374	93

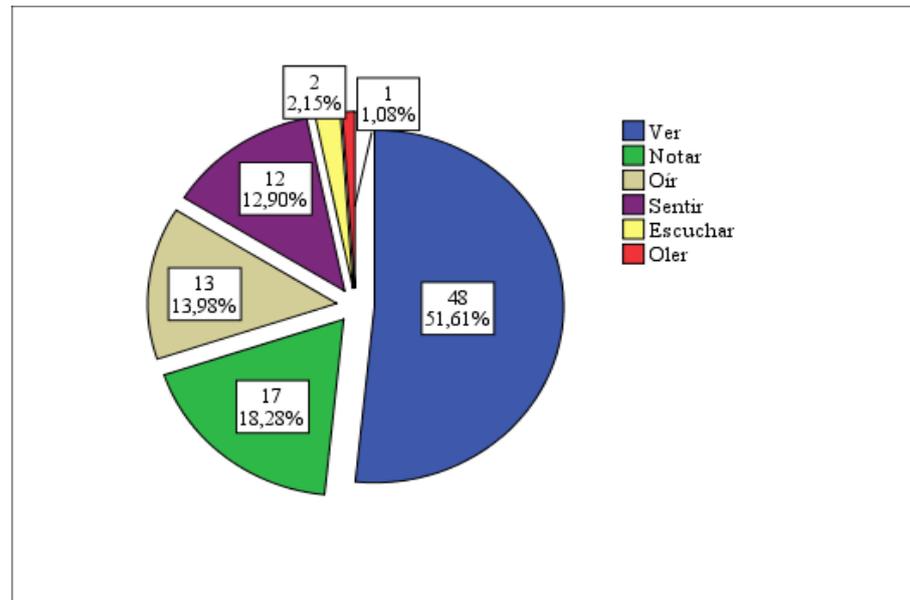
Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos verificar na Tabela 5, encontramos ocorrência com todos os VdP em LE que selecionamos, mas 4 deles não apresentaram uso evidencial. Tal fato corrobora com

⁷¹ Com os seis VdP, a saber: ‘*ver*’, ‘*oír*’, ‘*escuchar*’, ‘*oler*’, ‘*sentir*’ e ‘*notar*’. Os verbos ‘*mirar*’, ‘*olfatear*’, ‘*tocar*’ e ‘*probar*’ não apresentaram valor evidencial, desta forma, não os discriminamos nas seções seguintes.

o estudo de Vendrame (2010) na língua portuguesa, que afirma que não são todos os VdP que têm uso evidencial. A seguir, no Gráfico 1, vejamos como ocorreu a distribuição dos VdP com uso evidencial em nossa pesquisa.

Gráfico 1 – Distribuição dos VdP com uso evidencial em LE



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

No Gráfico 1, podemos verificar a quantidade exata de casos considerados em nossa análise quali-quantitativa, bem como a porcentagem de cada verbo. Os verbos seguem a seguinte ordem de classificação, segundo a quantidade de casos: 1- ‘ver’, 2- ‘notar’, 3- ‘oír’, 4- ‘sentir’, 5- ‘escuchar’ e 6- ‘oler’.

Na segunda etapa, verificamos se cada ocorrência resultante apresentava algum dos complementos morfossintáticos que estabelecemos nas categorias de análise, são eles: (i) OD nominal ou clítico em acusativo + cláusula de infinitivo, (ii) OD nominal ou clítico em acusativo + cláusula de gerúndio, (iii) OD nominal ou clítico em acusativo + relativa atributiva e (iv) cláusula com verbo flexionado + declarativa introduzida por *que*.

Na terceira etapa, codificamos cada ocorrência para organizar e facilitar a análise dos dados. Em seguida, inserimos cada ocorrência em planilhas do Microsoft Excel⁷² (cada verbo foi analisado separadamente) e classificamo-las conforme as seguintes categorias de análise, a saber: (i) papel semântico do sujeito, (ii) subtipo evidencial do VdP, (iii) tempos verbais do VdP, (iv) VdP e (v) tipos de complementos morfossintático do VdP. Finalmente, após

⁷² Produto Microsoft. Pacote Office 365, versão 2105.

essa etapa, construímos o nosso ‘*subcorpus*’ com os VdP que apresentaram todos os critérios de análise.

Para auxiliar na análise quantitativa, criamos uma tabela de codificação. Para cada critério de análise, estabelecemos uma numeração correspondente. Depois, cadastramos esses critérios a codificação no programa *SPSS*. Após essa etapa, transferimos os dados da planilha do Microsoft Excel para o *SPSS* e geramos os dados quantitativos. Além disso, também rodamos os dados no *SPSS* e confeccionamos gráficos e tabelas. Por fim, fizemos a análise qualitativa com base em alguns casos que ilustram dados encontrados.

Com relação à estrutura deste capítulo, cada seção corresponde à análise de um verbo, a saber: 5.1 Verbo ‘*ver*’; 5.2 Verbo ‘*notar*’; 5.3 Verbo ‘*sentir*’; 5.4 Verbo ‘*oír*’; 5.5 Verbo ‘*escuchar*’; 5.6 Verbo ‘*oler*’. As subseções correspondem à análise das categorias e ao cruzamento de dados, tais como: 1. Tipologia do verbo; 2. Subtipo evidencial; 3. Tempos verbais; 4. Tipos de complemento morfossintático; 5. Subtipo evidencial *versus* tempo verbal. Ao final, fazemos uma síntese conclusiva do capítulo.

Após a análise de cada verbo, segundo as categorias estabelecidas, nos centramos em investigar o processo de gramaticalização de cada um desses VdP com uso evidencial. A seguir, apresentamos a análise do verbo ‘*ver*’ em LE, seguido da análise de seu processo de gramaticalização.

5.1 Verbo ‘*ver*’

Viberg (1984) explica que, segundo a hierarquia da modalidade dos sentidos, o VdP ‘*ver*’ pode ter o seu escopo expandido, podendo expressar outros sentidos. Nesta seção, analisamos os sentidos desse VdP que tem relação com a evidencialidade. Em nossa análise quantitativa, encontramos um total de 48 casos em que ‘*ver*’ tem uso evidencial. A seguir, centramo-nos na análise qualitativa desse verbo e exemplificamos cada tópico analisado.

5.1.1 Tipologia do verbo ‘*ver*’

A partir das características que estabelecemos na Metodologia, sobre os usos evidenciais dos VdP, consideramos que os VdP contêm significado dêitico e, portanto, seu significado vai além da percepção física regular, podendo apresentar uma percepção mais abstrata, intelectual. Em todas os casos constatamos isso e, também, verificamos que as orações

se compõem de duas cláusulas. Além disso, a evidência perceptiva está com o falante e, por esse motivo, os verbos estão conjugados na 1ª pessoa do singular.

Para ilustrarmos a tipologia dos VdP com uso evidencial em LE, conferimos a natureza semântica de cada VdP em estudo, por meio do papel semântico do sujeito. Devido à sua frequente utilização e por apresentar um caráter polissêmico, o verbo ‘*ver*’ apresentou mais sentidos evidenciais. De forma a verificar sua multifuncionalidade, identificamos os significados presentes no DLE.⁷³ Vejamos:

1. tr. Percibir con los ojos algo mediante la acción de la luz. U. t. c. intr.
2. tr. Percibir con la inteligencia algo, comprenderlo. Ver cómo son las cosas.
3. tr. Comprobar algo con algún sentido. Pues no veo que os hayáis callado.
4. tr. Observar, considerar algo. Veamos las propuestas presentadas.
5. tr. Darse cuenta de algo. Tardé años en ver que me engañaba.
6. tr. Considerar, advertir o reflexionar.

Apesar de apresentar uma grande quantidade de significados,⁷⁴ em nossa análise, tratamos apenas os casos dos significados e características do verbo ‘*ver*’ com uso evidencial. Vejamos os casos de (1) e (2):

(1) [...] Pero hoy, es triste decirlo, resulta algo utópico creer en una España feliz, libre y limpia. Sí, no hay que entristecerse, las rebajas de El Corte Inglés siguen existiendo, los negros pueden seguir limpiando los zapatos y el espíritu de Cánovas continúa amañando votos. Pero nada más levantarme, **veo que el sistema no funciona.** [...] ⁷⁵ (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)⁷⁶

(2) [...] Como catedrático del departamento de Fisiología Experimental de la Universidad Central de Madrid, desarrolló una escuela en la que se formarían posteriormente científicos de la categoría de Severo Ochoa, Grande Covián o Méndez Arche entre otros.

Para no cansarla, ya que **veo que la lectura de la historia no es lo suyo**, le diré que fue en mayo del año 1937 y no en 1936 cuando asumió la jefatura del consejo de ministros, que no la condición de jefe de República, aparte de seguir desempeñando la cartera de Hacienda y siguió desempeñando el cargo hasta el último gobierno

⁷³ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed., [versão 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

⁷⁴ Um total de 22 significados. Disponível em: <https://dle.rae.es/ver?m=form>. Acesso em: 15 dez. 2020

⁷⁵ As anotações utilizadas representam as seguintes funções:

Negrito - VdP;

Itálico - informação/conhecimento sob escopo do VdP (*Conteúdo Comunicado*, *Conteúdo Proposicional*, *Episódio*, *Estado-de-coisas*);

Cor vermelha - *Conteúdo Comunicado*;

Cor azul - *Conteúdo Proposicional*;

Cor verde - *Episódio*;

Cor roxo - *Estado-de coisas*;

Sublinhado – informação que corrobora a leitura evidencial do VdP.

⁷⁶ As iniciais expressas após todas os casos correspondem a: A-ano; AR-autor; T-tema; P-publicação.

constituído en Barcelona, en abril de 1938 en esta ocasión desempeñando además la cartera de Defensa.[...] (A:1999; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Las Palmas de Gran Canaria)

Em (1), a natureza semântica do sujeito, que podemos identificar na desinência de **veo**, corresponde à uma percepção ativa. Nesse caso, o falante foca a sua atenção no estímulo, ou seja, ele ‘percebe com a inteligência’ *"que el sistema no funciona"*. Compreendemos que ‘perceber com inteligência’ corresponde a um sentido mais abstrato do verbo. Em (2), a natureza semântica do sujeito, em 1ª pessoa do singular, também se configura como uma percepção ativa. No entanto, percebemos, pelo contexto, que seu significado corresponde a ‘considerar algo’. Nesse caso, o falante considera *"que la lectura de la historia no es lo suyo"* e, em seguida, faz a correção de um dado no trecho *"fue en mayo del año 1937 y no en 1936 cuando asumió la jefatura del consejo de ministros"*, pois entende que a pessoa não tenha conhecimento sobre tal dado. Vejamos outros significados nos casos (3) e (4):

(3) [...] Antes de llegar a Madrid, yo había oído que había muchísimos robos y que tendría que tener mucho cuidado. Así es que pasé mi primer día observando a las mujeres: cómo caminaban, cómo se vestían. Aunque la temperatura subió a unos 40°, **vi que todas llevaban vestidos con mangas y de colores muy oscuros**. Eso me alegraba mucho, porque yo llevaba conmigo ropa bastante vieja y vi que estaba de moda en España. [...] (A:1985; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Diario El País, S.A._Madrid)

(4) [...] Pilar Rahola, voz de colegiala, está llena de un separatismo de parvulario y un nacionalismo que se torna violento, agresivo, inerte, en su voz escolar, de dulce y fino acento catalán. Es la ninfa constante del catalanismo de izquierdas, pero más que hacer oposición científica, informada, dura, se limita a unos entrañables panfletos decimonónicos, de acento triste, con temperatura, ya digo, de anarquismo sentimental. Todavía no ha aprendido que al presidente no hay que entrarle con proclamas y pandectas emocionales, sino con hechos, datos y cifras. González, aunque tan distante de ella, la trata con un secreto paternalismo, con ese tono inevitable del hombre maduro todavía sensible al perfume pugnaz de la juventud, aunque sea una juventud que quiere ponerle una bomba como la del Liceo, si ustedes se acuerdan.

En una entrevista a Pilar Rahola **he visto que le preguntan a la chica por mí**, y dice que "Umbral unas veces irrita y otras entusiasma". [...] (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

Em (3), o falante relata que presenciou com seus olhos um evento acontecendo no trecho *“vi que todas llevaban vestidos con mangas y de colores muy oscuros”*. Podemos confirmar a presença do falante no evento descrito a partir do trecho *“pasé mi primer día observando a las mujeres: cómo caminaban, cómo se vestían”*. Dito isto, a natureza semântica

do sujeito corresponde a uma percepção ativa, pois o falante focou a sua atenção para o estímulo (modo como as mulheres da cidade de Madrid se vestiam), tendo como finalidade obter uma informação específica (*que todas llevaban vestidos con mangas y de colores muy oscuros*). O significado mais adequado para o uso do verbo ‘vi’ nesse contexto é ‘comprovar algo com algum sentido’. Portanto, nesse caso, o verbo ‘ver’ tem o significado concreto de perceber pela visão o evento descrito na sua elocução diretamente.

Em (4), o falante relata uma entrevista à “*Pilar Rahola*”, em que alguém (terceiro indefinido) pergunta à Pilar por ele. Neste caso, a natureza semântica do sujeito se configura como uma percepção ativa, pois o verbo **he visto** corresponde a ‘comprovar algo com algum sentido’, nesse caso, perceber pela audição. Podemos comprovar tal afirmação a partir dos trechos “*Pilar Rahola, voz de colegiala*” e em “*en su voz escolar*”, nos quais o falante deixa ‘pistas’ de que ele ouviu a entrevista.

Outros significados com uso evidencial que encontramos na análise são: ‘perceber algo/dar-se conta’ e ‘considerar, advertir ou refletir’. Vejamos os casos (5) e (6):

(5) [...] Al principio pensaba que los hombres no respetaban a las mujeres en las colas y las trataban como seres invisibles. Pero pronto **vi que las mujeres tampoco sabían la ley de las colas**, que pensaba yo que era universal. Un día estaba yo en una cola muy larga para unos servicios; había cuatro en la sección de mujeres. Después de haber esperado unos 10 minutos con otras delante de mí, llegó una señora gordísima y entró por la primera puerta que se abrió. Hice un pequeño comentario a la señora delante de mí, satirizando la situación, diciendo que ésa era tan gorda que tal vez tenía más necesidad que, nosotras... Otro día estaba yo en una cola y llegó una señora con aires de importancia. Ella les preguntó a los que estaban delante de mí si era la cola que buscaba, y dijeron que sí. Como ella puso la mano agresivamente en el mostrador tras ellos, yo quería anunciar mi existencia con una pregunta diplomática confirmando si era la cola X. La señora contestó que sí, pero sólo me dejó estar detrás de ella, no delante, como era mi derecho. Tal vez su arrogancia [...] (A:1985; AR:PRENSA,; T:Testimonios varios; P:Diario El País, S.A._Madrid)

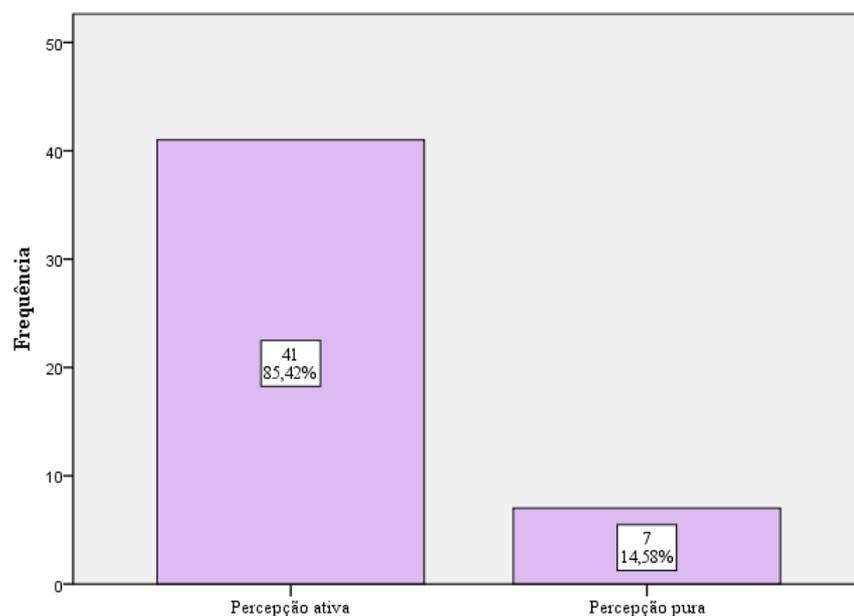
(6) Señor director: Con enorme extrañeza **veo que el programa de emisiones filatélicas para 1985 ignora a Hernán Cortés en el V centenario de su nacimiento**, cuando hasta los niños de EGB saben que el hijo de Medellín (Badajoz) es uno de los hombres más destacados de la historia de España. Figura prócer en la gesta americana, conquistador del imperio azteca, capitán, general y gobernador de Nueva España, marqués del Valle de Oaxaca..., Cortés fue, por encima de todo, el padre de la gran nación que es hoy México, y ninguna de las filias y fobias con que ha sido interpretada su obra sintetiza mejor la gesta cortesiana en tierras del Anáhuac que la inscripción colocada en la plaza de las Tres Culturas.- Arturo Alvarez. Madrid. (A:1985; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Prensa Española, S.A._Madrid)

Em (5), o verbo ‘ver’ escopa um *Conteúdo Proposicional*. Nesse caso, o falante explica que achava que os homens não respeitavam as mulheres quando estavam em uma fila, como verificamos no trecho “*Al principio pensaba que los hombres no respetaban a las mujeres en las colas y las trataban como seres invisibles*”. Ele pensava que a ‘lei das filas’ era algo universal, que as pessoas deveriam respeitar a ordem, ou seja, quem chegou depois fica atrás de quem já está na fila. No entanto, com base em seu conhecimento existente sobre como homens e mulheres se comportam nas filas, ele infere a informação de que as mulheres também não sabem as leis das filas.

Em (6), o falante escreve a um diretor para relatar algo que deduziu. Ele considera que ‘*el programa de emisiones filatélicas para 1985 ignora a Hernán Cortés en el V centenario de su nacimiento*’, pois ‘*ninguna de las filias y fobias con que ha sido interpretada su obra sintetiza mejor la gesta cortesiana en tierras del Anáhuac que la inscripción colocada en la plaza de las Tres Culturas*’. Nesse caso, verificamos que a natureza semântica do sujeito corresponde a uma percepção ativa, pois o falante foca a sua atenção em direção ao evento percebido e deduz a informação de que ‘*el programa de emisiones filatélicas para 1985 ignora a Hernán Cortés.*’

Por fim, com relação à análise quantitativa dos dados, verificamos que o verbo ‘ver’ apresentou maior frequência de casos de percepção ativa, na qual o sujeito foca a sua atenção em direção ao estímulo para que consiga obter a informação desejada. Vejamos:

Gráfico 2 – Papel semântico do sujeito do verbo ‘ver’



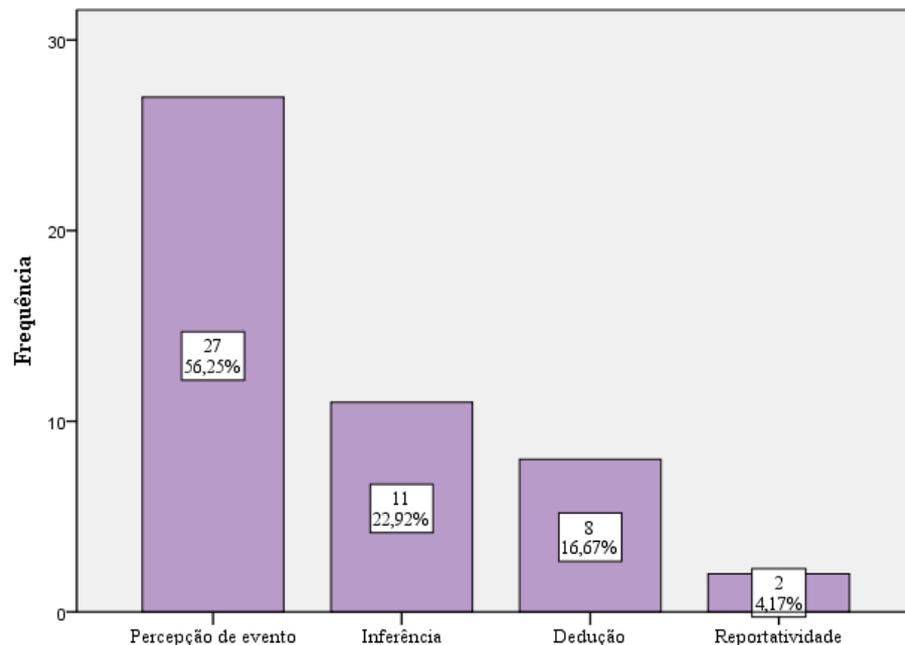
Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

No gráfico 2, observamos que, do total de 48 ocorrências com o verbo ‘ver’, 41 casos são de percepção ativa e 7 casos são de percepção pura. A seguir, vejamos a análise dos subtipos evidenciais correspondente a esse verbo.

5.1.2 Subtipos evidenciais do verbo ‘ver’

Após a análise preliminar da natureza semântica do sujeito e dos significados do verbo ‘ver’ relacionados com a manifestação da evidencialidade, seguimos com o estudo dos subtipos evidenciais. A partir da interpretação dos dados, pudemos verificar a manifestação dos quatro subtipos evidenciais estabelecidas para a análise: *Reportatividade*, *Inferência*, *Dedução* e *Percepção de evento*. De acordo com o Gráfico 3, podemos ver a frequência de cada subtipo evidencial. Vejamos:

Gráfico 3 – Subtipos evidenciais do verbo ‘ver’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

Dos 48 usos evidenciais do verbo ‘ver’, 27 foram *Percepção de evento* e 11 foram *Inferência*. Com menor frequência, encontramos 8 usos evidenciais de *Dedução* e 2 usos de *Reportatividade*. A seguir, ilustramos alguns exemplos da expressão de cada subtipo evidencial.

a) O subtipo evidencial da *Reportatividade*

A expressão do subtipo evidencial da *Reportatividade* indica que a fonte da informação que o falante veicula é outro falante. Neste caso, o falante reporta o conteúdo da mensagem em sua totalidade. Segundo Hattner (2018), este subtipo evidencial opera na camada do *Conteúdo Comunicado* no Nível Interpessoal. A seguir, vejamos (7) e (8):

(7) [...] Me entero luego que el número de parados ha subido por el mal comportamiento del sector servicios -pues que lo regañen, digo-, y por fin estoy informado -palabra de ministro- de que tenemos un mercado muy dinámico que ofrece trabajo a muchas personas. Pero chico, qué morro tienen. Los ministros y los de TVE. Y J. R. Y González, al que **veo** en TVE *recomendando "evitar caer en la tentación de enriquecerse a costa de los demás"*. Jo, qué tropa. Después del desinformativo empieza Pepa y Pepe. Es horrible, ¿eh? Mira que hay telecomedias en las cadenas, que han salido como setas en otoño. [...] (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

(8) [...] Cuando teníamos que comunicar algún aviso lo escribíamos en un papelito que se colocaba en el collar del perro, en una cajita a propósito; por ejemplo, tenía que decirle algo al Empecinado, lo escribía y colocaba en el collar, tomaba el perro con una cuerdecita, le conducía pasado el puente sobre el Duero y al lado del hospital le soltaba y daba la voz de "anda a casa" y apretaba a correr; en menos de tres cuartos de hora llegaba a su destino, después de correr un trecho de cuatro leguas, por entre montes y viñedos. Era tal la inteligencia de aquellos animales que comprendían cuándo se los quería despachar para su casa y que la señal era colocar el collar, que sólo entonces se les ponía. A los pocos días se presentó mi galgo, que el Empecinado despachó a mi casa, saqué de la cajita del collar la carta y vi en ella que Puertas había llegado a la Casa de Campo, que me decía el general que inmediatamente fuese allá llevando mi maleta. [...] (A:1994; AR:Ortiz-Armengol, Pedro; T:Testimonios varios; P:Espasa-Calpe_Madrid)

Em (7), o falante utiliza um discurso direto para reportar o *Conteúdo Comunicado*, cuja fonte da informação é o terceiro definido “*J. R. Y González*”, no trecho “*evitar caer en la tentación de enriquecerse a costa de los demás*”, ou seja, ele reproduz de forma literal as palavras de *J. R. Y González*. Podemos conferir que o falante viu *J. R. Y González* recomendar algo na televisão espanhola *TVE*.

Em (8), o falante reporta uma informação que foi escrita em uma carta pelo terceiro definido chamado “*Empecinado*”. Com base nas informações do contexto, verificamos, a partir do trecho “*saqué de la cajita del collar la carta*”, que o falante tirou tal carta da caixinha da coleira do cachorro. Em seguida, ao ver e ler a informação contida nela, o falante se utiliza do

discurso indireto para relatar o *Conteúdo Comunicado* no trecho “*que Puertas había llegado a la Casa de Campo, que me decía el general que inmediatamente fuese allá llevando mi maleta*”.

Como podemos constatar em (7) e (8), o *Conteúdo Comunicado* apresenta a totalidade da informação que o falante evoca na sua comunicação com o destinatário. Nesta primeira subcategoria evidencial *Reportatividae*, a fonte da informação que o falante está passando é outro falante (um terceiro definido) que podemos identificar pelo contexto.

b) O subtipo evidencial da *Inferência*

A Inferência é a subcategoria que indica que o falante infere uma dada informação com base em seu conhecimento prévio, segundo explicam Hengeveld e Hattner (2015). Este subtipo evidencial opera na camada do *Conteúdo Proposicional* no Nível Representacional. Para ilustrar a ocorrência desse subtipo evidencial, vejamos (9) e (10):

(9)[...] Tengo 20 años y **veo que todos los recuerdos que tiene mi madre no tienen nada que ver con el barrio de ahora**. No hay mucha gente joven, en uno de los colegios del barrio antes éramos por curso unos ochenta, ahora sólo. Parte de la gente joven no tiene muy buena fama. Los edificios son muy antiguos y sucios, las calles dan pena. Y pensar que ha crecido gente como Serrat y que el Paral·lel pasó muy buena época...[...] (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:T.I.S.A_Barcelona)

(10) Don Eugenio, en una cierta euforia informativa, comenta el poder político de la dueña de Fornos, una viuda, italiana, que sería el mejor ministro de Hacienda de Amadeo, mejor que los Figuerola o los Morets. "Otro día que esté de chispa haré a V una descripción histórica del establecimiento comilitón de Fornos y de la alaja (sic) que encierra en su directora italiana, la viuda de Fornos, que es todo un genio especulativo, un diamante en bruto"...

Con mayor euforia cita Aviraneta una reciente hojita carlista donde se le recuerda como eficaz enemigo de antaño. Al leer el nombre de Aviraneta comenta éste irónicamente:

"Después de los años mil yo le creía muerto, enterrado y comido por los gusanos, pero **veo que todavía se acuerda de él la gentecilla**; muy viejo debe de ser, si es que vive, para mal recuerdo del carlismo." (A:1994; AR:Ortiz-Armengol, Pedro; T:Testimonios varios; P:Espasa-Calpe_Madrid)

Em (9), o falante chega à conclusão de que “*que todos los recuerdos que tiene mi madre no tienen nada que ver con el barrio de ahora*”, a partir de sua avaliação pessoal sobre o bairro, ou seja, ele infere o *Conteúdo Proposicional* com base no seu conhecimento de mundo, da sua observação do bairro “*Poble Sec*” atualmente. A ‘construção mental’ que o falante tem do bairro, a partir das lembranças que a sua mãe tem (de 40 anos atrás), não condiz com a

realidade que ele presencia. Os fragmentos “*parte de la gente joven no tiene muy buena fama*” e “*las calles dan pena*” confirmam a subjetividade do falante com relação às pessoas e ao bairro, bem diferentes da época de esplendor que a mãe dele vivenciou, em que as pessoas “eram felizes e o bairro tinha vida”.

Já em (10), após ler o nome de Avirenata em uma ‘*hojita carlista*’, *Don Eugenio* infere que ‘*todavía se acuerda de él la gentecilla*’. Neste caso, a partir de seus cálculos mentais, o falante chega à conclusão de que *Avirenata* não estava ‘morto’ como ele pensava pois, após ler o nome dele escrito na folhinha, *Don Eugenio* infere que gente ruim e depreciável, ‘*la gentecilla*’, ainda lembra dele.

c) O subtipo evidencial da *Dedução*

A *Dedução* é a subcategoria que indica que o falante deduz uma informação com base em uma evidência perceptual, conforme explicam Hengeveld e Hattner (2015). Este subtipo evidencial opera na camada do *Episódio* no *Nível Representacional*. A seguir, vejamos (11) e (12):

(11) [...] Otro día llegué a la Puerta del Sol y **vi que no se podía cruzar la calle. Había algo en la calle. Unos policías hacían algo y uno llevaba una máscara especial. Habían cortado el tráfico de coches, pero aparecían centenares de personas de las tiendas y del metro.** Se acumulaba la gente y nadie sabía lo que pasaba. [...] (A:1985; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Diario El País, S.A._Madrid)

(12) [...] Yo veía que mi padre se sentía feliz con las alabanzas que los visitantes le prodigaban, porque le compensaban el gran esfuerzo de tantas semanas. Yo lo **había visto trabajar duro en mil detalles... Pintando, cortando, pegando, yendo a buscar piedras al río, puliéndolas o dándoles la pátina adecuada,** quedándose trabajando después de la cena cuando los demás nos íbamos a dormir. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (11), ao chegar na “*Puerta del Sol*”, o falante deduz o estado-de-coisas do trecho “*que no se podía cruzar la calle*”. Tal informação é deduzida pelo falante porque ele percebe que “*Había algo en la calle*”. A partir do contexto, podemos verificar que o falante compreende que algo aconteceu, com base no estado-de-coisas percebido no trecho “*Unos policías hacían algo y uno llevaba una máscara especial*”, ou seja, o falante chega à conclusão de que não podia cruzar a rua (evento deduzido), com base no que ele viu os policiais fazerem

(evento percebido). Logo, o subtipo evidencial opera na camada do *Episódio*, visto que envolve dois estado-de-coisas que tem uma conexão temporal (tempo relativo) entre o evento percebido e o evento deduzido.

Em (12), o falante afirma que tinha visto seu pai trabalhar duro em mil detalhes, como podemos verificar através do fragmento “*Yo lo **había visto** trabajar duro en mil detalles*”. A partir do contexto no qual o fragmento está inserido, compreendemos que o falante deduz a informação de que ‘seu pai trabalhou duro em mil detalhes’ a partir de evidências perceptuais. Nesse caso, ele testemunhou seu pai realizando uma série de ações, como podemos comprovar no fragmento “*Pintando, cortando, pegando, yendo a buscar piedras al río, puliéndolas o dándoles la pátina adecuada, quedándose trabajando después de la cena cuando los demás nos íbamos a dormir*”. Logo, com base em evidências perceptuais, o falante deduz que tinha visto seu pai ‘trabalhar duro’.

d) O subtipo evidencial da *Percepção de evento*

Segundo a proposta de Hengeveld e Hattner (2015), o subtipo evidencial percepção de evento opera na camada do *Estado-de-coisas no Nível Representacional*. Por meio de expressões evidenciais, o falante indica se testemunhou ou não o evento descrito em seu enunciado diretamente. Para exemplificar este subtipo evidencial, vejamos (13), (14) e (15):

(13) [...] Cuando ya se habían marchado, los novios se empeñaron en acompañarnos al aeropuerto. No permitieron que tomásemos un taxi... Antes de marcharnos de la casa fui al servicio. Al pasar por su habitación, ahora ya de casados, aunque sólo recientes de unas pocas horas, *veo a Luis trajinando con las maletas*... [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

(14) [...] Aquella mujer se movía con suavidad, con un espíritu femenino mucho más atrayente que el de mi madre. Era como una diosa de los cuentos que leía... Sin aquellos vestidos estafalarios. Mucho más real.

Sus gestos eran suaves, pausados, quizá para no despertarme.

La vi meterse en la cama después de apartar la sábana, sentarse junto al cabezal, ir a tomar un vaso de agua inexistente, y levantarse acto seguido con cuidado y salir de la habitación en silencio. Relajé la posición de mi cuerpo que en aquellos momentos se mantenía en tensión. Abrí los ojos inquieto hasta que la oí volver con suaves pasos y la vi entrar de nuevo con el vaso en la mano.

Nunca podré olvidar la imagen de un cuerpo femenino desnudo, caminando hacia mí, velado solamente por el contraste de un cristalino y transparente vaso de agua, sostenido junto a su vientre... Esta imagen la he recordado disfrutando repetidamente de su recuerdo, durante toda mi vida... Es uno de los instantes que no se borran de mi memoria. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

(15) [...]Entendía bien que con un cuerpo tan bello, seductor y sensual, resultaría hasta indecente e indecoroso moverse al ritmo vivo de la música rápida. Impropio para una muchacha joven. No podía imaginarlo siquiera.

A una de mis vecinas, mayores que yo, Luisa -una mujer joven, alta y delgaducha-, *la había visto bailar en los bailes de la fiesta mayor de la calle Entenza*, entre muchachos de su edad, moviendo alocadamente el cuerpo. A ella aquel ritmo sincopado le sentaba bien, el movimiento insinuante mejoraba su feminidad. [...] (A:2011; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (13), o falante percebe diretamente um *Estado-de-coisas* acontecendo. A partir do fragmento “*veo a Luis trajinando con las maletas...*”, compreendemos que o falante testemunha um evento “*al pasar por su habitación*”. Ele vê Luís transportar as malas de um lado para o outro. Em (14), o falante relata uma série de eventos que ele presenciou acontecer. Neste caso, temos uma ação coordenada de *Estado-de-coisas* que se encontra dentro de um *Episódio*. Em nossa análise quantitativa, consideramos o complemento encaixado mais próximo, como vemos no fragmento “*La vi meterse en la cama después de apartar la sábana*” e com base no contexto em que está inserido, ele testemunhou uma mulher se meter na cama depois de afastar os lençóis. Já em (15), o falante testemunhou *Luisa* dançar, como verificamos no fragmento “*la había visto bailar en los bailes de la fiesta mayor de la calle Entenza*”, ou seja, ele viu diretamente o *Estado-de-coisas* ocorrer nos bailes que aconteceram na ‘*calle Entenza*’.

Finalmente, a partir dessa análise quali-quantitativa dos casos de VdP com uso evidencial, pudemos constatar que o verbo ‘*ver*’ apresenta os quatro subtipos evidenciais que atuam nas camadas do (i) *Conteúdo Comunicado*, (ii) *Conteúdo Proposicional*, (iii) *Episódio* e (iv) *Estado-de-coisas*.

5.1.3 *Tempos verbais do verbo ‘ver’*

Na análise dos casos, constatamos que a manifestação da evidencialidade pelo VdP ‘*ver*’ ocorreu em todos os tempos verbais do Modo Indicativo na LE. Vejamos:

Tabela 6 – Tempos verbais do verbo ‘ver’

	Frequência	Porcentagem
Pretérito Perfeito Simples	21	43,8
Presente	12	25,0
Pretérito Perfeito Composto	8	16,7
Pretérito Imperfeito	4	8,3
Pretérito Mais-que-perfeito	3	6,3
Total	48	100,0

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

A partir da Tabela 6, verificamos os dados quantitativos dos usos evidenciais do verbo ‘ver’ em cada tempo verbal da LE, a saber: 12 usos no Presente (25%) e 38 usos no Passado (75%). Acreditamos que a grande frequência de usos no passado ocorra devido a sua relação com o gênero textual relato, no qual o falante utiliza tempos pretéritos para narrar/relatar e recordar em sua fala momentos que já vivenciaram. A continuação, ilustramos com um uso evidencial cada tempo verbal encontrado. Vejamos:

(16) [...]Pasó el verano. Encontramos una casa conveniente en Madrid, trasladamos a ella nuestros enseres de Valencia, hice yo el viaje a Hamburgo antes reseñado y todavía tuvimos tiempo para pasar unos días en los nacientes Cursos de Verano de Santander. Frente al Paseo de Pereda **veo venir hacia mí, alborozado, a mi amigo Hans Juretschke**: "¡Ya no hay guerra! ¡Se acaba de firmar un pacto entre Alemania y Rusia!" Parejo al de su compatriota Schmitt era el don de profecía de Juretschke. Pocos días más tarde, el ejército alemán invadía Polonia. [...] (A:1976; AR:Lain Entralgo, Pedro; T:Testimonios varios; P:Alianza, S.A._Barcelona)

Em (16), o marcador evidencial ‘veo’ está conjugado na 1ª pessoa do singular no *Presente* do Indicativo. Nesse caso, o falante vê seu amigo ‘Hans Juretschke’ vir em sua direção, ou seja, ele percebe um *Estado-de-coisas* acontecer quando olha para o seu amigo. O uso de ‘ver’ no *Presente* significa um valor de pretérito e corresponde a um presente narrativo.

Já em (17), o tempo verbal do marcador evidencial ‘ver’ é o *Pretérito Perfeito Composto*. Nesse caso, o falante presencia diretamente o esvoaçar das últimas aves do dia. Vejamos:

(17) [...] La noche resulta agradable después de un día caluroso. Sobre una manta extendida en el pinar **he visto revolotear las últimas aves del día** mientras oscurecía y se hacían visibles las estrellas. Cada vez con más fuerza, en mayor cantidad, en intensidades muy variadas. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (18), o VdP aparece conjugado no *Pretérito Perfeito Simple*s e o falante narra um fato que aconteceu “*El viernes 3 de octubre*”. O uso desse tempo verbal indica que o *Estado-de-coisas* que o falante viu acontecer está fora da sua zona temporal. Vejamos:

(18) [...]Sr. Director:

El viernes 3 de octubre desalojaron el Centro Social David Castilla de Madrid, "okupado" desde hace dos años. En una calle cercana vi unos 10 ó 12 furgones de Policía antidisturbios que llegaron e hicieron su trabajo a palos, como siempre. Sacaron a la fuerza a toda la gente que había allí. [...] (A:1996; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

Como podemos verificar em (18), o falante presenciou diretamente um *Estado-de-coisas* acontecendo, ou seja, ele viu que os policiais chegaram e fizeram o trabalho deles com violência. A seguir, vejamos o exemplo (19):

(19) [...]Después de la guerra, en Barcelona, hubo una represión feroz. Se mató más gente después de la guerra que durante la guerra. Y yo, como me había educado en Francia, en una línea progresista y liberal, no podía asumir esos horrores.

-Sin embargo, tú luchaste con las tropas nacionales...

-Sí, a los 16 años mi padre me sacó del colegio y me dijo que me tenía que incorporar como voluntario en el bando nacional...

-Debió de ser muy fuerte...

-No, porque a los 16 años pasar de aburrirte en un colegio a hacer la guerra de verdad, resulta una maravilla. Así que hice toda la campaña del Norte con un fusil. Pero finalizada la guerra no lo pude soportar. Vivíamos en San Feliu del Llobregat, en una casa preciosa con un parque enorme. Y cuando salía de casa para ir a la Universidad, veía a la gente muriéndose de hambre y a puñados por las calles. [...] (A:1990; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Grupo 16_Madrid)

Nesse caso, o verbo ‘ver’ está conjugado no *Pretérito Imperfeito*. O uso desse tempo verbal expressa que o *Episódio* narrado ocorre em um momento anterior ao que se encontra o falante e ele o viu no seu transcorrer. Pelo contexto, podemos verificar que se trata de um diálogo, no qual o falante explica que quando saía de casa (aos 16 anos) para ir à Universidade, ele via “*a la gente muriéndose de hambre*”. Ele percebe visualmente ‘que uma grande quantidade de pessoas estava nas ruas’ (evento percebido) e, com base nessa percepção, ele deduz ‘que essas pessoas estavam morrendo de fome’. Já em (20), o verbo ‘ver’ está conjugado no *Pretérito Mais-que-perfeito*. Vejamos:

(20) [...] Aquella tarde bailamos una pieza y otra... y otra. Ella me aceptaba. Los dos seguíamos camino de la pista a los asientos y de los asientos a la pista... A veces un cha-cha-cha o un mambo, al bailarse separados relajaba mis sensaciones y podía respirar apaciguando mi excitación. Ella bailaba las piezas rápidas con

suavidad, moviendo poquísimamente aquel cuerpo que de pertenecer a una chica movida e inquieta hubiese resultado pura pólvora.

Entendía bien que con un cuerpo tan bello, seductor y sensual, resultaría hasta indecente e indecoroso moverse al ritmo vivo de la música rápida. Impropio para una muchacha joven. No podía imaginarlo siquiera.

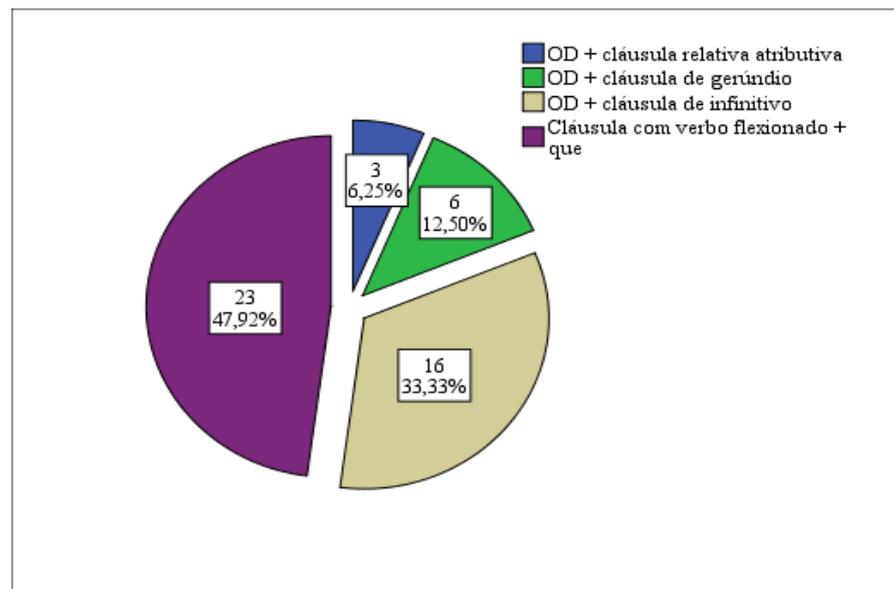
*A una de mis vecinas, mayores que yo, Luisa -una mujer joven, alta y delgaducha-, la **había visto bailar en los bailes de la fiesta mayor de la calle Entenza**, entre muchachos de su edad, moviendo alocadamente el cuerpo. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)*

Nesse caso, o falante viu um *Estado-de-coisas* acontecer. Ele viu sua vizinha ‘Luisa’ “*bailar en los bailes de la fiesta mayor de la calle Entenza*”. O uso desse tempo verbal expressa que o *Estado-de-coisas* que o falante testemunhou é anterior a outra ação verbal que ele descreve no contexto, como a descrita no fragmento “*Aquella tarde bailamos una pieza y otra*”.

5.1.4 Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ver’

Com relação às propriedades morfossintáticas dos complementos dos VdP com uso evidencial descritas na nossa Metodologia, verificamos que o verbo ‘ver’ apresentou usos evidenciais com todos os tipos de complemento. Vejamos:

Gráfico 4 – Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘ver’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Como verificamos no Gráfico 4, os complementos se distribuem da seguinte forma, a saber: 23 cláusulas com verbo flexionado + que (47,92%), 16 OD ou clítico em acusativo + cláusula de infinitivo (33,33%), 6 OD ou clítico em acusativo + cláusula de gerúndio (12,50%) e 3 OD ou clítico em acusativo + relativa atributiva (6,25%). A seguir, vejamos exemplos com cada tipo de complemento morfossintático encontrado em nossa análise:

*(13) [...]Cuando ya se habían marchado, los novios se empeñaron en acompañarnos al aeropuerto. No permitieron que tomásemos un taxi... Antes de marcharnos de la casa fui al servicio. Al pasar por su habitación, ahora ya de casados, aunque sólo recientes de unas pocas horas, **veo a Luis trajinando con las maletas**... [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)⁷⁷

Para exemplificar a ocorrência deste tipo de complemento morfossintático, analisamos o exemplo (13), que foi anteriormente citada. Neste caso, o complemento do VdP **veo** opera na camada *Estado-de-coisas*. Seu tipo morfossintático é composto pelo OD “a Luis”, seguido da cláusula de gerúndio “trajinando con las maletas”. Como o OD se refere à uma pessoa, costuma vir acompanhado pela preposição **a**.

Assim como em (13), em (21) o complemento do VdP **he visto** opera na camada do *Estado-de-coisas*. No entanto, o tipo morfossintático do complemento é diferente. Vejamos:

(21) [...]Otra cosa rara en la vida diaria de Madrid es la cantidad de gente que fuma. ¡Y fuman cigarrillos norteamericanos que no llevan mensaje de peligro! Parece, que los españoles habían sido víctimas de una campaña de vender el tabaco que antes se vendía en EE UU y han llegado a ser horriblemente adictos, los jóvenes y los viejos. Da pena ver esto, porque **he visto sufrir a mi tía y a mi madre**, que al final de sus vidas se ahogaban por haberse destruido los pulmones por años y años de fumar esos cigarrillos. [...] (A:1985; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Diario El País, S.A. _Madrid)

Neste caso, tal complemento é formado pelo OD “a mi tía y a mi madre” que está posposto ao verbo em infinitivo “sufrir”. Podemos verificar que a construção sintática deste evento é diferente, pois se ordena em VVO. Enquanto em (13), o OD está anteposto ao verbo em gerúndio, configurando uma construção VOV.

Em (22), o complemento do VdP **veo** atua na camada do *Estado-de-coisas*. Nesse caso, o complemento morfossintático está composto pelo OD ‘la’ (que se antepõe a ‘veo’), seguido da cláusula de gerúndio “moviéndose al ritmo del baile hacia el centro del tablado”.

⁷⁷ Utilizamos a marcação (*), seguida do fragmento analisado, para indicar que o exemplo já foi utilizado.

Vale ressaltar que o clítico em acusativo ‘*la*’ se refere ‘a *ella*’, termo mencionado anteriormente no contexto, a mulher que o falante vê. Vejamos:

(22) [...]No puedo dejar de mirarla, pendiente de que en algún momento se ponga en pie para bailar y pueda disfrutar de nuevo de la belleza y el ritmo de su cuerpo. Y sucede: ella ha escogido un momento en que el espacio estaba vacío... Se levanta, se sacude su melena de rizos, decidida, en el instante en que suenan los primeros compases de una rumba vibrante; estoy sentado en el lado opuesto a ella, la **veo moviéndose al ritmo del baile hacia el centro del tablado**, pero no se para... Noto su mirada fija en mí, viene avanzando, acercándose, traspasa el espacio de madera y se planta sorpresivamente frente a mí. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

(23) [...] Buscaba cada año sorprender a amigos y familia con efectos especiales... y naturalmente todos los años se repetía lo mismo:
- ¡Oh!... ¡Mira qué bonito! ¡Parece real!
Yo **veía que mi padre se sentía feliz con las alabanzas que los visitantes le prodigaban**, porque le compensaban el gran esfuerzo de tantas semanas. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (23), o complemento morfossintático é composto pelo verbo ‘*ver*’ conjugado na 1ª pessoa do singular no Pretérito Imperfeito (*veía*), seguido de uma cláusula iniciada por *que*.

5.1.5 Percurso de gramaticalização

Após a análise pragmática, semântica e morfossintática dos subtipos evidenciais do VdP ‘*ver*’, seguimos com a análise do processo de gramaticalização desse verbo. Deste modo, a partir dos exemplos analisados, descrevemos como ocorre as relações de escopo nas camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional, com base na proposta da GDF.

Com a análise das ocorrências, vimos que, dada a polissemia do verbo *ver* em LE, foi possível identificar alguns significados evidenciais, vejamos: (i) ‘*ver*’ com significado de perceber com inteligência; (ii) ‘*ver*’ com significado de considerar algo; (iii) ‘*ver*’ com significado concreto de perceber pela visão; (iv) ‘*ver*’ com significado de perceber pela audição; (v) ‘*ver*’ com significado de ‘perceber algo/dar-se conta’; e (vi) ‘*ver*’ com significado de ‘considerar, advertir ou refletir’.

Nesses usos, verificamos que o mesmo verbo serve para a expressão da *Reportatividade*, da *Inferência*, da *Dedução* e da *Percepção de evento*. A diferença entre os subtipos evidenciais nos casos analisados é feita pela camada que opera cada subtipo evidencial.

A partir da abordagem hierárquica da gramaticalização, feita por Hengeveld (2017), analisamos o trajeto de mudança do conteúdo do VdP ‘*ver*’. Conforme previsto na GDF, dentro do Nível Interpessoal, a evidencialidade atua apenas na camada do *Conteúdo Comunicado*. Já dentro do Nível Representacional, as relações de escopo do verbo ‘*ver*’ seguem um *continuum*, em que há um aumento de escopo do verbo, que adota o seguinte trajeto horizontal: *Conteúdo Proposicional (p)* ← *Episódio (ep)* ← *Estado-de-coisas (e)*. Desta forma, as camadas mais à esquerda escopam as camadas mais à direita, conforme explica Hengeveld (2017). A seguir, vejamos na Figura 11 as relações hierárquicas:

Figura 11 – Relações de escopo do verbo ‘*ver*’ na GDF

Nível Interpessoal

Ato discursivo > Ilocução > Conteúdo Comunicado > Subato Referencial > Subato de Atribuição
--

V

Nível Representacional

Proposição > Episódio > Estado-de-coisas > Propriedade Configuracional > Propriedade

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme previsto na teoria, verificamos que, entre os níveis, há um aumento vertical do escopo das camadas do *Estado-de-coisas*, *Episódio* e *Conteúdo Proposicional*, do Nível Representacional para a do nível Interpessoal.

Por fim, com relação à mudança formal, constatamos, em nossa análise qualitativa, que, apesar da opacidade do significado do verbo ‘*ver*’, que vai perdendo o seu significado inicial (‘*ver*’ com o significado concreto de perceber pela visão) e apresentando diferentes significados, não o verbo ‘*ver*’ uma mudança categorial.

5.2 Verbo ‘*notar*’

Jansegers (2017), afirma que ‘*notar*’ é um dos verbos mais usados para expressar a percepção gustativa. Em nossa análise, este verbo apresentou um total de 17 casos que apresentaram uso evidencial. Para compor a nossa análise qualitativa, selecionamos alguns casos do verbo ‘*notar*’.

5.2.1 Tipologia do verbo ‘*notar*’

Nesta subseção, abordamos a tipologia do verbo ‘*notar*’ em LE. Identificamos quais significados estão relacionados ao uso evidencial e, também, dissertamos sobre o papel

semântico do sujeito. A seguir, mostramos quais são os significados possíveis para esse verbo no DLE.⁷⁸ Vejamos:

1. tr. Señalar algo para que se conozca o se advierta.
2. tr. Reparar, observar o advertir.
3. tr. Percibir una sensación o darse cuenta de ella.
4. tr. Apuntar brevemente algo para extenderlo después o acordarse de ello.
5. tr. Poner notas, advertencias o reparos a los escritos o libros.
6. tr. Censurar, reprender las acciones de alguien.
7. tr. Causar descrédito o infamia.
8. tr. p. us. Dicho de una persona: Dictar para que otra escriba.

Para identificar os possíveis significados do verbo ‘notar’ com uso evidencial, analisamos os casos (24) e (25), a saber:

(24) [...] Sr. Director:

Hace treinta años que vengo haciendo carrozas para desfiles y cabalgatas, y nunca tuve problemas para que contratasen mis trabajos las comisiones de fiestas o los respectivos concejales de los ayuntamientos con los que vengo trabajando. Esta temporada **noto** en torno a mí *que hay algo raro*, que la gente con la que traté siempre está como muy desconfiada, no toman decisiones a la hora de contratar mis trabajos, pasan de mí sin más. [...] (A:1994; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

(25) [...] Accidente

En mi vida he sentido un topetazo tan fuerte. De repente **noté** *que estaba dando vueltas en el aire*, caí al suelo y encima de mi cuerpo se volcó un amasijo de hierros y el cuerpo de un ser humano. Nos arrastramos juntos unos cuantos metros. Permanecí durante unos instantes apretando los ojos, retorciéndome de dolor. No entendía nada. No sentía el brazo derecho. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (24), compreendemos ‘notar’ com significado de ‘reparar, advertir’. Nesse caso, o falante infere o *Conteúdo Proposicional* do fragmento “*que hay algo raro*”, a partir do comportamento das pessoas que estavam ao seu redor, como verificamos no fragmento “*la gente con la que traté siempre está como muy desconfiada, no toman decisiones a la hora de contratar mis trabajos, pasan de mí sin más*”. Com relação à natureza semântica do sujeito, verificamos que se trata de uma percepção ativa, pois o sujeito foca a sua atenção em direção às pessoas e repara que há algo diferente no comportamento delas.

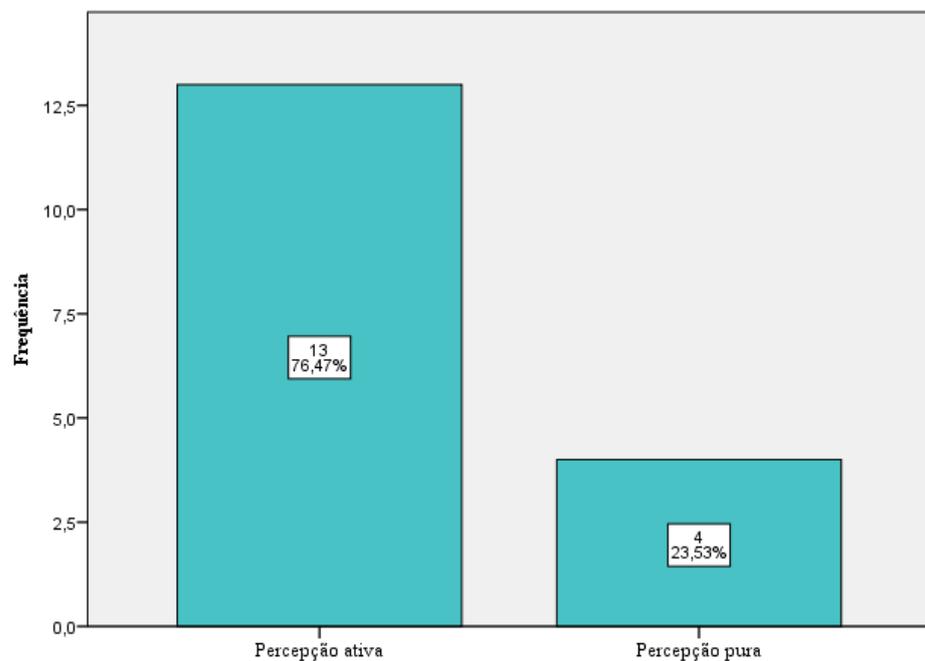
Em (25), identificamos ‘notar’ com significado de ‘perceber uma sensação’. Assim sendo, após levar um tropeço muito forte, o falante teve a sensação de “*que estaba dando*

⁷⁸ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versión 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/notar?m=form>. Acesso em: 07 fev. 2021.

vueltas en el aire”. Com relação à natureza semântica do sujeito, percebemos que se trata de uma percepção pura, pois o sujeito simplesmente experiencia tal processo.

Como pudemos verificar, os casos encontrados que apresentam ‘*notar*’ com uso evidencial se relacionam com os significados de ‘reparar, observar ou advertir’ e ‘perceber uma sensação ou tomar consciência dela’. Com relação à análise quantitativa dos dados, verificamos que o verbo ‘*notar*’ apresentou maior frequência de casos de percepção ativa, na qual o sujeito foca a sua atenção até o estímulo para se obter a informação. Vejamos:

Gráfico 5 – Papel semântico do sujeito do verbo ‘*notar*’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

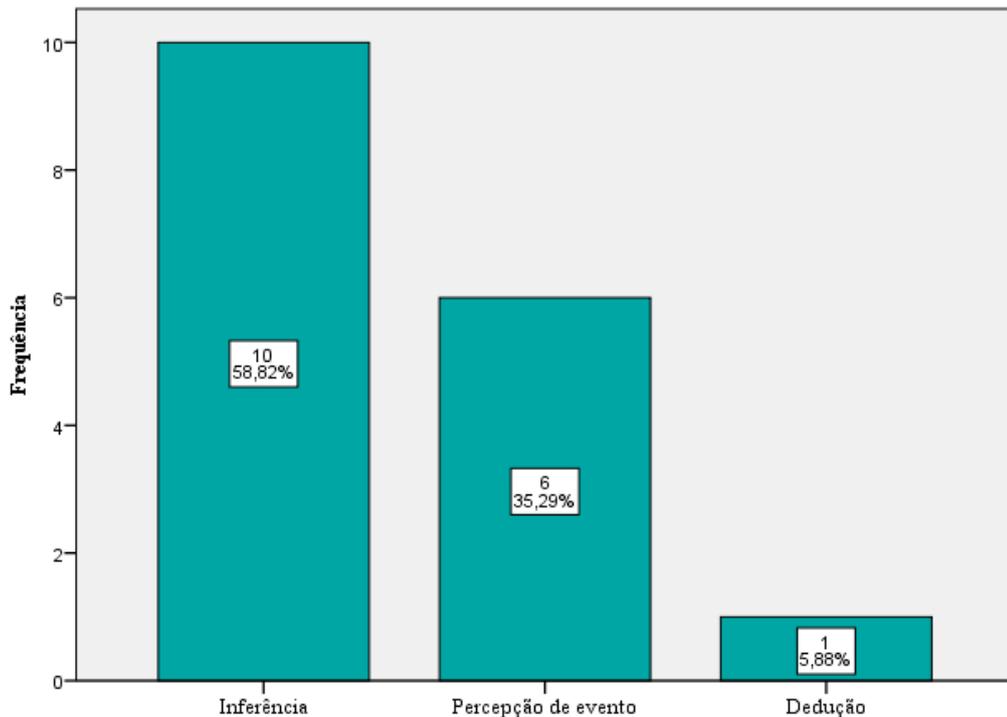
No Gráfico 5, observamos que no total de 17 casos com o verbo ‘*notar*’, 13 foram percepção ativa e apenas 4 foram percepção pura. Vale ressaltar que, o uso evidencial desse verbo se deu a partir de percepções visuais e intelectuais, e não a partir da percepção gustativa.

5.2.2 Subtipos evidenciais do verbo ‘*notar*’

Nesta subseção, investigaremos os subtipos evidenciais. Com base na interpretação dos dados, verificamos a ocorrência de três subtipos evidenciais, a saber: *Inferência*, *Dedução*

e *Percepção de evento*. De acordo com o Gráfico 6, observamos a frequência de cada subtipo evidencial. Vejamos:

Gráfico 6 – Subtipos evidenciais do verbo ‘notar’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

Como pudemos verificar, dos 17 usos evidenciais do verbo ‘notar’, 10 foram *Inferência*, 6 foram *Percepção de evento* e apenas 1 foi *Dedução*. A seguir, ilustramos cada subtipo evidencial com os casos encontrados.

a) O subtipo evidencial da *Inferência*

Para exemplificar a ocorrência desse subtipo evidencial, observemos os casos (26) e (27):

(26) [...] Mientras daba el primer paso hacia una amplia mesa con un padre superior de pie tras ella, estaba pensando que quizá él creería en mi inocencia. En seguida comprendí que estaba equivocado. Lo vi tieso, severo, circunspecto. Su cara tenía una expresión inescrutable. Comenzó con un monólogo de graves reproches como si estuviera muy preocupado por lo ocurrido. Desde el primer momento **noté que daba por sentada mi culpabilidad**. Noté que ya se le había informado de lo que aquel juez-legionario pensaba de mí. No me hizo siquiera una pregunta ni me dio opción a expresar lo

que yo sentía o pensaba. Me amenazó con la expulsión del colegio, el Consejo debía decidirlo en una reunión. Para saber quién era y cómo me llamaba tuvo que mirar un trozo de papel de la mesa para leerlo. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

(27) [...] Por la expresión de su cara cuando estábamos solos y el modo como disimulaba ante los demás notaba que no era amor lo que ella sentía por mí. Curiosidad, capricho o simplemente deseo, no sé muy bien qué. El caso es que permitió que disfrutara de su cuerpo. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (26), o falante infere um *Conteúdo Proposicional*, expresso no fragmento “*que daba por sentada mi culpabilidad*”, com base em evidências comportamentais que o ‘padre superior’ apresenta. Ele chega à conclusão de que sua culpabilidade é dada como certa a partir do momento que vê o homem rígido, severo, circunspecto e com uma expressão inescrutável em seu rosto, como verificamos no fragmento “*Lo vi tieso, severo, circunspecto. Su cara tenía una expresión inescrutable.*” Em (27), a partir das observações dos comportamentos expressos pela pessoa observada em “*Por la expresión de su cara cuando estábamos solos y el modo como disimulaba ante los demás*”, o falante adverte que não era amor o que ela sentia por ele. Nesse caso, o verbo ‘notaba’ escopa o *Conteúdo Proposicional* do fragmento “*que no era amor lo que ella sentía por mí*”.

b) O subtipo evidencial da Dedução

O único caso que encontramos em nossa análise que corresponde a este subtipo evidencial foi o caso (28). Vejamos:

(28) [...] Poco a poco, revisando mis recuerdos unidos al mar, sentado en esta playa de gujarros de la costa gerundense, parece que mi cuerpo va volviendo a la normalidad. Cada minuto que pasa respiro mejor, ya no me duele casi la cabeza, mejora mi sensación de mareo. Me percaté de que mis accidentes más graves están relacionados con el mar: ahogarme en Garraf a los siete años con unos minutos de apnea, con agua en los pulmones -algo que afecta sin duda al cerebro-, y esta rotura interior de algún elemento, que de nuevo hoy he sufrido, a los cuarenta y algo. Creo que pueden tener relación. Cuando **noto que estoy recuperando mis funciones vitales** reúno las cosas que encuentro y camino pausadamente hacia el coche, que dejé aparcado junto a un muro de piedra cercano. Una pareja se cruza conmigo riendo, hacia el agua, alocadamente. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (28), o verbo ‘notar’ escopa a camada semântica do *Episódio*. Nesse caso, com base em evidências resultantes de uma melhora física (evidências percebidas), o falante deduz

“*que estoy recuperando mis funciones vitales*” (evidência deduzida). As evidências percebidas pelo falante podem ser constatadas a partir do fragmento “*cada minuto que pasa respiro mejor, ya no me duele casi la cabeza, mejora mi sensación de mareo.*” Logo, o *Episódio* constitui-se por dois *Estados-de-coisa* que se correlacionam.

c) *O subtipo evidencial da Percepção de evento*

Para ilustrar esse subtipo evidencial, utilizamos o exemplo (29), a saber:

(29) [...] Sin embargo, en aquellos tiempos no podías ver a nadie por la calle con un conjunto piloso así en la cara. Ningún adulto se atrevía. Yo siempre me había acostumbrado a hacer aquello que me pareciera bien sin molestar a nadie. Así que no daba importancia al asunto. La familia y la gente conocida se habían habituado a mi conjunto natural de barba, bigote y perilla, aunque mi padre, durante muchos meses y con paciencia, se había opuesto pidiéndome inútilmente que me afeitara. A veces **notaba** *que alguna persona me miraba en la calle*, algunos con disimulo, otros con más descaro. Seguramente, el ser muy joven y tener todavía pinta de estudiante afortunadamente le daban menos valor como símbolo político que a un adulto. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

Em (29), o falante informa que testemunhou um *Estado-de-coisas* acontecer. Nesse contexto, o evento foi percebido por meio da visão. O falante ‘observava’ que alguma pessoa olhava para ele na rua, como verificamos no fragmento “*A veces notaba que alguna persona me miraba en la calle*”.

5.2.3 *Tempos verbais do verbo ‘notar’*

Em nossa análise, verificamos que a manifestação da evidencialidade pelo VdP ‘notar’ ocorreu em todos os tempos verbais do Modo Indicativo na LE que definimos em nossa Metodologia. Vejamos:

Tabela 7 – Tempos verbais do verbo ‘notar’

	Frequência	Porcentagem
Presente	6	35,3
Pretérito Imperfeito	5	29,4
Pretérito Perfeito Simples	3	17,6
Pretérito Perfeito Composto	2	11,8
Pretérito Mais-que-perfeito	1	5,9
Total	17	100,0

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Com base na Tabela 7, observamos que o maior percentual de ocorrência do uso evidencial ocorre com o verbo ‘notar’ no Presente (35,3%), seguido pelos tempos Pretérito Imperfeito (29,4%), Pretérito Perfeito Simples (17,6%), Pretérito Perfeito Composto (11,8%) e Pretérito Mais-que-perfeito (5,9%). A seguir, exemplificamos cada tempo verbal com um caso específico. Averiguemos:

(30) [...] Ante ella soy consciente de que un día me faltará y me cuesta aceptar la idea. Uno quisiera tener madre para siempre. Con su expresión serena, nunca sé lo que puede estar pensando. Sigue siendo una mujer de pocas palabras. La edad no perdona. Nos reconoce a unos pocos, y a veces. Y ello me hace hurgar en la memoria de los recuerdos para buscar puntos todavía vivos en su mente... Le hablo del Bruch, donde nació, de mi padre... pero **noto que se le va borrando la memoria.** [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

(31) [...] Viéndola, me sentí culpable, porque había sido yo quien le había presentado a Julio y en una de mis salidas por encargos de las clientas aproveché para comprarle un regalo. Era una tontería. Unos pendientes de bisutería de la mercería vecina, porque sabía lo mucho que le gustaban... Me quedaba sin mis pocos ahorros y no podría ir de fiesta el domingo, pero tenía la sensación de que así lograría alegrar a aquella compañera desilusionada, pese a que antes de presentarle a Julio no nos tratábamos demasiado, ni teníamos mucha afinidad. Cuando las tareas estaban finalizando y se iban marchando las últimas clientas **noté que ella, que siempre salía antes que yo, haraganeaba dejando pasar el tiempo hasta que nos quedamos solos.** Nos fuimos a cambiar y allí saqué de mi bolsa su regalo. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em (30), O falante narra recordações de sua vida com a sua mãe e avó. Nesse caso, ele utiliza o verbo ‘notar’ no Presente, que coincide com o momento da fala em que ele está diante dela. Em (31), percebemos que o falante utiliza o verbo ‘notar’ no Pretérito Perfeito Simples para relatar um fato anterior ao seu momento de fala. Já em (32), temos um diálogo, no qual o falante utiliza o verbo ‘notar’ no Pretérito Perfeito Composto para se referir a uma

situação que inicia no passado e que ainda tem lugar no presente, até o momento de sua fala. Vejamos:

- (32) [...] - ¿No te gusta cómo hacemos el amor? Siempre **he notado** *que os resulta irresistible*, lo que más os gusta a los hombres...
 - Lo que pasa es que creo que te has acostumbrado demasiado y ya lo echas de menos... ¿Por qué no aceptas dejarte llevar la próxima vez?
 - Claro que sí, lo que tú quieras -me dijo, cariñosa. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Nesse caso, o falante percebe que fazer amor em uma determinada posição é algo que ela percebe que agrada a todos os homens. Em (33), o falante narra uma situação que se localiza em um momento anterior à sua fala e que estavam acontecendo. Nesse caso, o falante utiliza o verbo ‘notar’ no Pretérito Imperfeito. Observemos:

- (33) [...] Me fue fácil apretarme contra ella para que no tuviera la distancia suficiente para observarme. Comencé a besarla, me atreví a acariciarla mientras la sentía acomodada en la cama. Revoloteaba entorno a ella -encima de ella- dispuesto a iniciar con toda mi intensidad y entrega unos momentos irrepetibles. Sentía cómo crecía su excitación, **notaba** *sus manos ávidas reseguir mi cuerpo*. Resultaban unos instantes perfectos, como el más bello sueño que jamás hubiera podido imaginar. La intensidad se hacía más y más profunda para los dos. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Por fim, em (34), verificamos que o falante utiliza o verbo ‘notar’ no Pretérito Mais-que-perfeito para indicar que o *Estado-de-coisas* que ele testemunhou ocorreu em um passado anterior a outra ação passada. Vejamos:

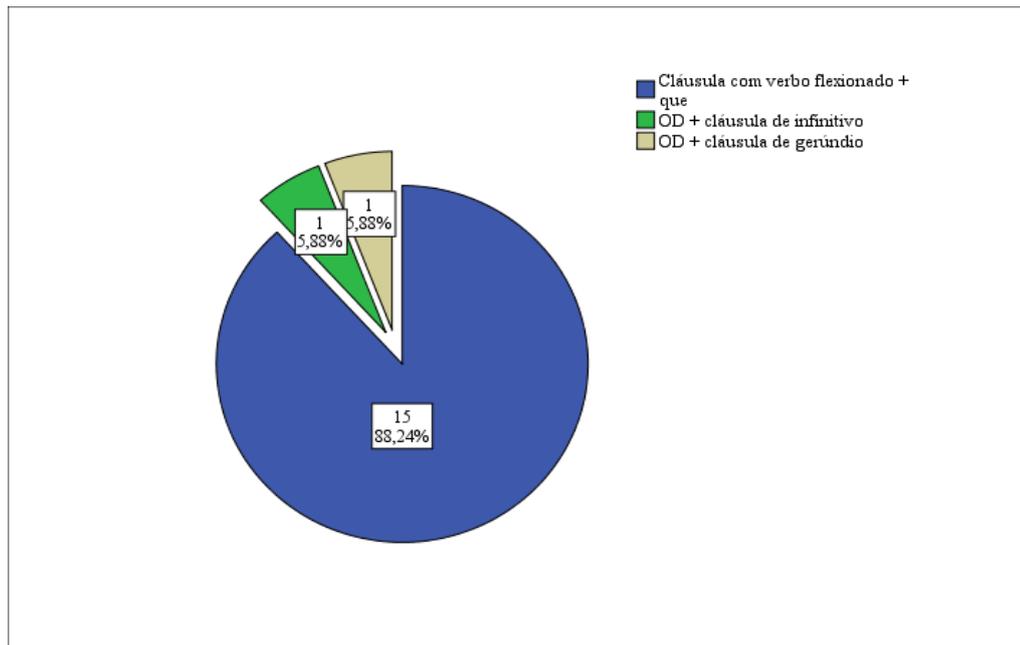
- (34) [...] Tenía buenas caderas, no excesivas para su altura, unas piernas bien torneadas, sólidas, que podía ver poco más arriba de sus rodillas. Sus senos **los había notado** *bailando*, con un volumen suficiente, aunque ya no guardaran la dureza que muestran las adolescentes. El conjunto de su cuerpo resultaba natural y atractivo, como su cara, aunque no fuese una gran belleza. Sus labios resultaban bonitos -como su mirada- y muy sabios al besar. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Nesse caso, ele narra uma situação que aproveitou com uma bela mulher e, durante esse relato, ele recorda que tinha notado os seios da mulher (que lhe faz companhia) “bailando”.

5.2.4 Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘notar’

Em nossa pesquisa, constatamos que o verbo ‘notar’ apresentou usos evidenciais com os complementos que podemos observar no Gráfico 7. Vejamos:

Gráfico 7 – Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘notar’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Como observamos no Gráfico 7, os complementos se distribuem da seguinte forma, a saber: 15 cláusulas com verbo flexionado + *que* (88,24%), 1 OD nominal + cláusula de infinitivo (5,88%) e 1 clítico em acusativo + cláusula de gerúndio (5,88%). A seguir, observemos alguns casos com cada um dos complementos morfossintáticos encontrados na análise:

(35) [...] Efectivamente, estamos acabando con unos platos exquisitos cocinados en casa, no sólo con esmero, sino propios de una gran festividad.

Me siento feliz, y apenas **noto** *que con una y otra excusa Adán se ausenta de la mesa*, poco después Cristina y Esther, y Lolita, mirándome a la cara, me suelta:

- Como tú siempre tienes prisa, voy a buscarte el postre. ¡Te va a gustar! Termina ese salmón... [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

*(33) [...] Me fue fácil apretarme contra ella para que no tuviera la distancia suficiente para observarme. Comencé a besarla, me atreví a acariciarla mientras la sentía acomodada en la cama. Revoloteaba entorno a ella -encima de ella- dispuesto a iniciar con toda mi intensidad y entrega unos momentos irrepetibles. Sentía cómo crecía su excitación, **notaba** *sus manos ávidas reseguir mi cuerpo*. Resultaban unos instantes perfectos, como el más bello sueño que jamás hubiera podido imaginar. La intensidad se hacía más y más profunda para los dos. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

*(34) [...] Tenía buenas caderas, no excesivas para su altura, unas piernas bien torneadas, sólidas, que podía ver poco más arriba de sus rodillas. Sus senos **los había notado** *bailando*, con un volumen suficiente, aunque ya no guardaran la

dureza que muestran las adolescentes. El conjunto de su cuerpo resultaba natural y atractivo, como su cara, aunque no fuese una gran belleza. Sus labios resultaban bonitos -como su mirada- y muy sabios al besar. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

Em (35), temos o verbo ‘*notar*’ conjugado na 1ª pessoa do Presente do Indicativo, seguido de uma completiva finita iniciada por *que*. Em (33), observamos uma completiva não-finita de infinitivo, composta por uma oração simples. Em (34), verificamos a ocorrência de uma completiva não-finita de gerúndio, composta pelo clítico em acusativo (*los*) + uma cláusula de gerúndio.

5.2.5 Percurso de gramaticalização

Após a análise pragmática, semântica e morfossintática dos subtipos evidenciais do VdP ‘*notar*’, prosseguimos com a análise do processo de gramaticalização desse verbo. Desta forma, a partir dos casos analisados, retratamos como ocorre as relações de escopo nas camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional, com base na proposta da GDF.

Com a análise das ocorrências, vimos que o verbo ‘*notar*’ apresenta os significados de (i) ‘reparar, observar ou advertir’ e (ii) ‘perceber uma sensação ou tomar consciência dela’, que se relacionam com os usos evidenciais. Nesses usos, verificamos que o mesmo verbo serve para a expressão da *Inferência*, da *Dedução* e da *Percepção de evento*.

Com base na abordagem hierárquica da gramaticalização, feita por Hengeveld (2017), analisamos o trajeto de mudança do conteúdo do VdP ‘*notar*’. Verificamos que dentro do Nível Representacional, as relações de escopo desse verbo seguem um *continuum*, em que há um aumento de escopo, que adota o seguinte trajeto horizontal: *Conteúdo Proposicional (p)* ← *Episódio (ep)* ← *Estado-de-coisas (e)*. Desta forma, as camadas semânticas mais à esquerda escopam as camadas semânticas mais à direita, conforme explica Hengeveld (2017). A seguir, vejamos na Figura 12 as relações hierárquicas:

Figura 12 – Relações de escopo do verbo ‘*notar*’ na GDF

Nível Interpessoal

Ato discursivo > Ilocução > Conteúdo Comunicado > Subato Referencial > Subato de Atribuição

V

Nível Representacional

Proposição > Episódio > Estado-de-coisas > Propriedade Configuracional > Propriedade
--

Fonte: Elaborada pela autora.

Entre os níveis, verificamos que não há um aumento vertical do escopo das camadas do Nível Representacional para a do nível Interpessoal. Em nossa análise, o verbo *'notar'* não atuou na camada do Conteúdo Comunicado, pois os sentidos relacionados a esse verbo não se relacionam com a retransmissão de uma informação linguística.

Por fim, com relação à mudança formal, constatamos em nossa análise qualitativa que o verbo *'notar'* em LE perde o seu significado inicial (*'notar'* com o significado concreto de perceber pelo paladar) e vai apresentando outros significados que se relacionam com a percepção visual e intelectual.

5.3 Verbo *'sentir'*

Segundo Fernández Jaén (2006), *'sentir'* é um verbo que expressa a percepção tátil em LE. No entanto, por causa da sua polissemia, *'sentir'* também pode se relacionar com as percepções auditiva, olfativa e gustativa. Em nosso trabalho, encontramos um total de 439 ocorrências com o verbo *'sentir'*, mas apenas 12 têm uso evidencial. A seguir, nos centramos na análise qualitativa desse verbo e ilustramos cada tópico com os casos encontrados.

5.3.1 Tipologia do verbo *'sentir'*

Para exemplificar a tipologia do verbo *'sentir'* com uso evidencial em LE, apresentamos os significados relacionados ao valor evidencial e o papel semântico do sujeito. Devido ao seu caráter polissêmico, encontramos alguns significados evidenciais possíveis para esse verbo no DLE.⁷⁹ Vejamos:

1. tr. Experimentar sensaciones producidas por causas externas o internas.
2. tr. Oír o percibir con el sentido del oído. Siento pasos.
3. tr. Experimentar una impresión, placer o dolor corporal. Sentir fresco, sed.
4. tr. Juzgar, opinar, formar parecer o dictamen. Digo lo que siento.

Dos significados encontrados, verificamos que os que se relacionam com a evidencialidade são: (i) *'sentir'* com significado de 'experimental sensações produzidas por causas externas'; (ii) *'sentir'* com significado de 'experimental um prazer corporal'; e (iii) *'sentir'* com significado de 'julgar, opinar, formar uma opinião'.

A fim de ilustrar cada significado encontrado, vejamos os casos (36) a (38):

⁷⁹ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versão 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/sentir?m=form>. Acesso em: 23 jan. 2021.

(36) [...] La Editora Nacional no hizo bajo mi dirección, sin duda, todo lo que pudo y debió hacer. Tampoco todo lo que en ella yo quise y proyecté; por ejemplo, la colección de clásicos de nuestras letras que, para vergüenza de todos, todavía sigue durmiendo en el limbo de los futuribles nacionales. 3. ¿No es acaso una vergüenza nacional que todos sigamos manejando -salvo en lo relativo a ciertos autores- la B.A.E. de Rivadeneyra? No obstante, algo hizo. Pienso no más que en tres libros, uno filosófico, Naturaleza, Historia y Dios, de Xavier Zubiri, dos poéticos, Alondra de Verdad, de Gerardo Diego, y Opera omnia lyrica, de Manuel Machado, y *siento que se me endulza el resultado de este examen de conciencia*. [...] (A:1976; AR:Laín Entralgo, Pedro; T:Testimonios varios; P:Alianza_Madrid)

(37) [...] La rojez de sus encías y el interior de sus labios chocan con el verde de la fruta. Cuando ha liberado la piel de su boca con la otra mano, me lo ofrece...
- ¿Quieres?
Le doy un mordisco, *siento un ligero sabor ácido que contrasta con el sabor dulce*, de hierbas, que había notado todo el tiempo en sus labios mientras nos amábamos. Muerde la fruta mientras se relaja, sólo sus músculos más íntimos siguen prietos manteniendo la dureza de mi miembro dentro de ella. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

(38) [...] Quiero manifestar mi más enérgica repulsa por el hecho que he presenciado en esta ciudad. Estando de excursión con un grupo y gozando de las espléndidas vistas que hay desde el mirador del Alcalde, en Montjuïc, nos han sobresaltado unos disparos y de repente se ha roto todo el encanto. Eran unos "señores" que se divierten masacrando pichones; unos pobres caían, otros escapaban como podían. Además de nuestro grupo había muchos turistas de otras nacionalidades y todos unánimemente hemos protestado. Yo además he sentido vergüenza, porque he sentido que toda la fama de civilizados que tenemos se venía abajo en unos instantes. [...] (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:T.I.S.A_Barcelona)

Em (36), o falante chega à conclusão de que recordar atentamente os livros três últimos livros que leu causa-lhe uma sensação de alívio. Nesse caso, ele utiliza o verbo ‘me endulza’ para expressar que a ‘causa externa’ da leitura dos livros nacionais fez com que ele experimentasse uma sensação de alívio. Com relação à natureza semântica do sujeito, verificamos que se trata de uma percepção pura, pois ele experimenta tal processo.

Em (37), analisamos ‘sentir’ com significado de ‘experimentar um prazer corporal’, pois o falante experimenta essa impressão após beijar a boca da mulher e constatar que o beijo apresenta “*un ligero sabor ácido que contrasta con el sabor dulce*”. O falante infere o *Conteúdo Proposicional* com base em seu conhecimento prévio sobre o sabor doce de ervas, que ele notou “*todo el tiempo en sus labios mientras nos amábamos*”. Com relação à natureza semântica do sujeito, constatamos que se trata de uma percepção pura, pois tal estímulo (o ligeiro sabor ácido) se impõe na consciência do perceptor.

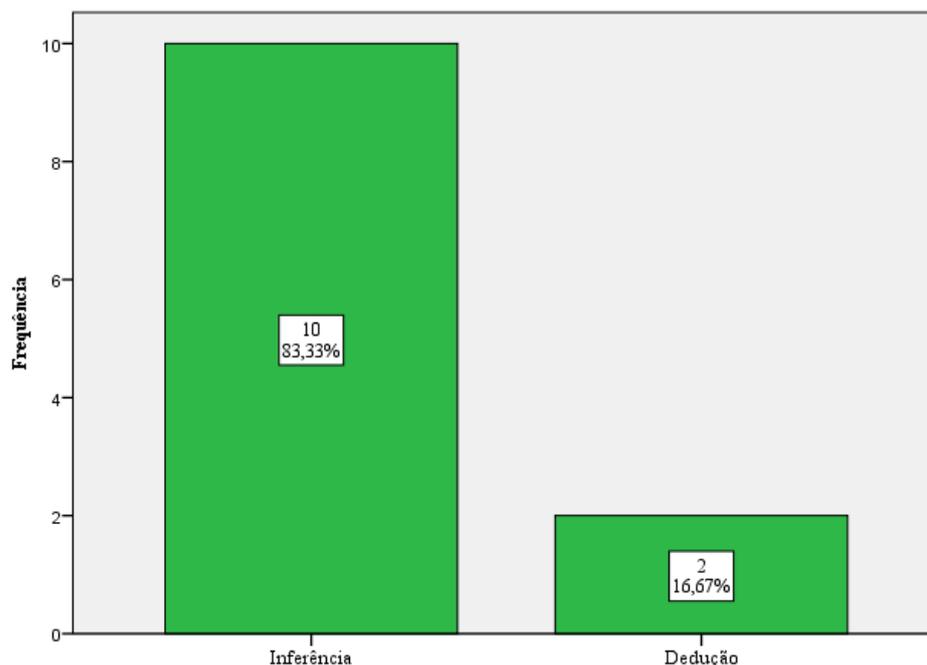
Em (38), observamos *'sentir'* com significado de 'julgar, opinar, formar uma opinião'. Nesse caso, o falante deduz “*que toda la fama de civilizados que tenemos se venía abajo en unos instantes*”, com base nos disparos que alguns “*señores*” estavam dando no “*mirador del Alcalde, en Montjuïc*”, ou seja, o falante julga que a fama de civilizados que têm acabaria em instantes por conta do que os “*señores*” estavam fazendo pelas ruas da cidade. Com relação à natureza semântica do sujeito, verificamos que se trata de uma percepção pura, pois a percepção de “*que toda la fama de civilizados que tenemos se venía abajo en unos instantes*” se impõe na consciência do perceptor.

Por fim, observamos que, em relação ao papel semântico do sujeito, todos os 12 casos com o verbo *'sentir'* correspondem à percepção pura, pois o sujeito não controla o processo, e o estímulo percebido se impõe à sua consciência.

5.3.2 Subtipos evidenciais do verbo *'sentir'*

Após a análise da natureza semântica do sujeito e dos significados do verbo *'sentir'* que estão relacionados com a evidencialidade, seguimos com o estudo dos subtipos evidenciais. Com base na interpretação dos dados, verificamos a ocorrência de apenas dois subtipos evidenciais. De acordo com o Gráfico 8, observamos o predomínio da *Inferência*. Vejamos:

Gráfico 8 – Subtipos evidenciais do verbo *'sentir'*



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

Como podemos verificar, dos 12 usos evidenciales do verbo ‘*sentir*’, 10 foram *Inferência* (75%), e 2 foram *Dedução* (25%).

A seguir, exemplificamos alguns casos para ilustrar cada subtipo evidencial.

a) O subtipo evidencial da *Inferência*

Como sabemos, a *Inferência* opera na camada do *Conteúdo Proposicional*, no Nível Representacional. Segundo Hattner (2018), o falante infere algo com base em seu conhecimento prévio. Vejamos os exemplos (39) e (40):

(39) [...] yo me negué, porque me urgía el propósito de consagrarme íntegramente a mi actividad universitaria; él me replicó afirmando la posibilidad de hacer compatibles una y otra cosa; y de tal manera insistió, y era entonces tan grande mi necesidad de completar el desmedrado montante de mis ingresos, que terminé aceptando. Acto seguido, recibí el oportuno nombramiento; y cuando me disponía a salir de mi casa para la toma de posesión, un aviso urgente de Torres López me comunicaba que ese nombramiento mío había quedado sin efecto. Todo era muy sencillo. Miguel Primo de Rivera tuvo noticia de que iba a cubrirse la dirección del INLE, y aun sabiendo que a mí se me había designado para ocuparla, exigió -exigió, sí- que el titular del cargo fuese su amigo Julián Pemartín. Así aconteció, naturalmente. El pobre Torres López quedó consternado; yo, en cambio, **sentí que me quitaban un peso de encima**. Bajo mi desvalida camisa azul, mi persona iba ganando libertad. Poco tiempo antes, Torres López me llamó para pedirme consejo. Había propuesto a Antonio Luna, el catedrático de Derecho Internacional, para la jefatura de los servicios de Radio, y un bellaco denunció al candidato como masón. [...] (A:1976; AR:Laín Entralgo, Pedro; T:Testimonios varios; P:Alianza_Madrid)

(40) [...] Papá era bastante dramático.
 - El día de su muerte algunos políticos se negaron a rendirle el homenaje que se merecía. ¿Le decepcionó esa postura?
 - Analizando las cosas desde la distancia y fríamente, siento que en este país hay cosas que se pasan por alto. Si mi padre hubiera sido inglés le habrían puesto su nombre a una calle, le habrían levantado un monumento y sería "sir". Lo que pasa aquí es producto de muchos años de falta de cultura, de represión. No hay amor verdadero a nuestra gente. [...] (A:2003; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Hachette Filipacchi, S.A._Madrid)

Em (39), o verbo ‘*sentí*’ escopa o *Conteúdo Proposicional* “*que me quitaban un peso de encima*”. Nesse caso, o falante chega à conclusão de que foi um alívio enorme ter perdido o cargo de direção do INLE, para ‘*Julián Pemartín*’, amigo de ‘*Miguel Primo de Rivera*’ pois, desde o princípio, tinha o propósito de se dedicar inteiramente à sua atividade

universitária. Logo, o falante infere a situação descrita com base na sua intuição de que ocupar esse cargo lhe tomaria tempo e iria desfocar-lhe de seu grande propósito que era sua carreira acadêmica. Pelo contexto, podemos compreender que esse “*peso de encima*” corresponde a uma ‘privação de liberdade’, visto que o falante afirma que “*mi persona iba ganando libertad*”.

Em (40), o verbo ‘*siento*’ escopa o *Conteúdo Proposicional* “*que en este país hay cosas que se pasan por alto*”. Com base em suas observações e seu conhecimento prévio, o falante conclui que no país há coisas que passam despercebidas, pois a falta de cultura e repressão faz com que as pessoas não valorizem as pessoas locais, mas sim pessoas de outra cultura, como lemos no fragmento “*Si mi padre hubiera sido inglés le habrían puesto su nombre a una calle, le habrían levantado un monumento y sería "sir"*”.

b) O subtipo evidencial da Dedução

O subtipo evidencial *Dedução* opera na camada do *Episódio*, no Nível Representacional, explica Hattner (2018). Assim sendo, o falante deduz algo a partir de uma evidência resultante disponível. Hengeveld *et. al.* (2019) afirma que a *Dedução* envolve 2 *Estados-de-coisas*, um percebido e um deduzido. Vejamos:

(41) [...] Una de las sobrevivientes es Viviana Pate, de 20 años, que guarda imágenes fragmentadas de la tragedia.

"Me sacaron por un boquete que se hizo en la pared de atrás -recuerda ante EL MUNDO-, vino como un viento que me llenó los ojos de tierra y yo **sentí que se caía el techo**, pero a partir de entonces no recuerdo nada. La gente gritaba y había cuerpos, todo es borroso, yo ni siquiera oí la explosión". [...] (A:1994; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

Em (41), ‘*Viviana Pate*’, uma das sobreviventes da tragédia, relata como foi que a retiraram de dentro do edifício, antes que o prédio desabasse. Nesse caso, o verbo ‘*sentí*’ escopa a camada do *Episódio*. O falante deduz “*que se caía el techo*”, a partir do momento que os seus olhos se encheram de terra, como constatamos no fragmento “*vino como un viento que me llenó los ojos de tierra*”. A evidência resultante de que o teto caía é a terra que o vento levou na direção das pessoas que estavam fora do edifício.

5.3.3 Tempos verbais do verbo ‘*sentir*’

Na análise dos casos, observamos que a manifestação da evidencialidade pelo verbo ‘*sentir*’ ocorreu em 3 tempos verbais do Modo Indicativo. Vejamos:

Tabela 8 – Tempos verbais do verbo ‘sentir’

	Frequência	Porcentagem
Presente	8	66,7
Pretérito Perfeito Simples	3	25,0
Pretérito Perfeito Composto	1	8,3
Total	12	100,0

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora

A partir da Tabela 8, verificamos a ocorrência dos usos evidenciais do verbo ‘sentir’ nos tempos Presente (66,7%), Pretérito Perfeito Simples (25%) e Pretérito Perfeito Composto (8,3%). A seguir, vejamos um exemplo correspondente a cada tempo verbal.

(42) [...] -A la madre de Carmen Cervera yo la quise enterrar y lo único que conseguí fue que me arañara. Yo creía que esa señora estaba ya enterrada.

-Ella dice de usted que es una mala persona, que es un diablo, que es un brujo maligno.

-Soy un brujo maravilloso sin ninguna maldad. Ella ve al diablo por todas partes porque con los ojos que tiene no puede ver otra cosa.

-Sus supuestas amantes coinciden en afirmar a esta revista que las seducía por sus buenos modales, pero que en la cama dejaba que desear.

-¡Pues siento haberlas defraudado! Si pudiera reincidir trataría de mejorar este aspecto. Yo hice todo lo que pude, siento que no fuera suficiente. ¿Por qué se quejan de lo que yo pueda decir si, al fin y al cabo, ellas son tan exigentes?

-Incluso la madre de la baronesa comentó que a usted le gustaban los hombres. [...] (A:1990; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Ediciones Tiempo_Madrid)

*(39) [...] yo, en cambio, sentí que me quitaban un peso de encima. Bajo mi desvalida camisa azul, mi persona iba ganando libertad. Poco tiempo antes, Torres López me llamó para pedirme consejo. Había propuesto a Antonio Luna, el catedrático de Derecho Internacional, para la jefatura de los servicios de Radio, y un bellaco denunció al candidato como masón. [...] (A:1976; AR:Laín Entralgo, Pedro; T:Testimonios varios; P:Alianza_Madrid)

*(38) [...] Además de nuestro grupo había muchos turistas de otras nacionalidades y todos unánimemente hemos protestado. Yo además he sentido vergüenza, porque he sentido que toda la fama de civilizados que tenemos se venía abajo en unos instantes. [...] (A:1995; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:T.I.S.A_Barcelona)

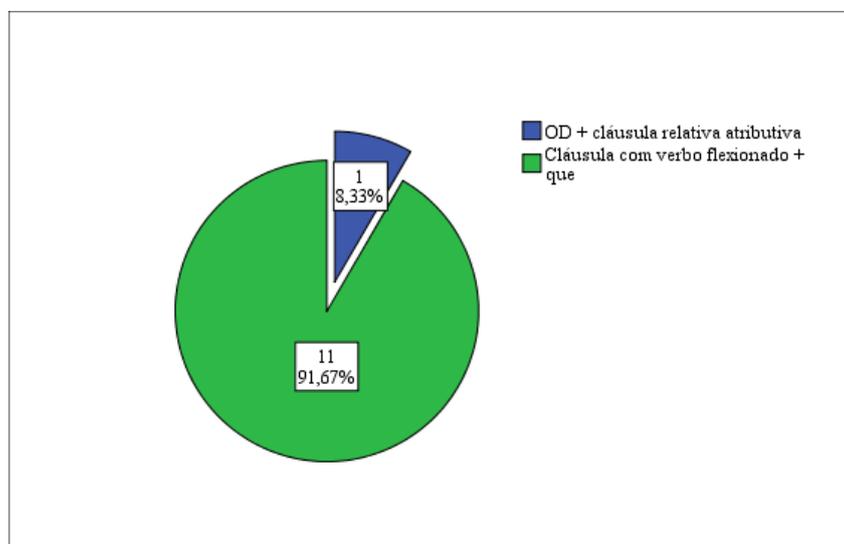
Nos casos (42), (39) e (38), verificamos os verbos escopam um *Conteúdo Proposicional* e se apresentam nos tempos Presente, Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Perfeito Composto, respectivamente. Em (42), temos um diálogo no qual o falante conversa com outra pessoa e infere que não fosse o suficiente tudo o que ele fez por suas amantes, como

vemos no fragmento “Yo hice todo lo que pude, **siento** *que no fuera suficiente*”. Nesse caso, o verbo ‘*sentir*’ se encontra conjugado na 1ª pessoa do Presente do Modo Indicativo. Em (39), o falante utiliza o verbo ‘*sentir*’ no Pretérito Perfeito Simples para localizar a situação no ponto da linha temporal anterior ao momento de sua fala. Ele relata uma situação que aconteceu com ele e que “**sentí** *que me quitaban un peso de encima*”. Em (38), o falante chega à conclusão de “*que toda la fama de civilizados que tenemos se venía abajo en unos instantes*”. Nesse caso, o verbo ‘*sentir*’ está conjugado no Pretérito Perfeito Composto, que significa que o falante o utiliza para fazer referência a uma situação que se inicia no passado e se prolonga até o momento de sua fala.

5.3.4 Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘*sentir*’

Verificamos que o verbo ‘*sentir*’ apresenta 2 tipos de complemento, a saber: OD nominal + cláusula relativa atributiva (91,67%) e, cláusula com verbo flexionado + *que* (8,33%)
Vejamos:

Gráfico 9 – Tipos de complementos morfossintáticos do verbo ‘*sentir*’



Fonte: Elaborado pela autora.

Como verificamos no Gráfico 9, os complementos morfossintáticos se distribuem da seguinte forma: 11 cláusulas com verbo flexionado + *que*, e 1 OD nominal + cláusula relativa atributiva.

A seguir, observemos alguns exemplos com cada um dos complementos morfossintáticos encontrados na análise:

(43) [...] El joven Joaquín José Martínez narró ayer en una entrevista, a su llegada a Madrid, los momentos más duros vividos en Estados Unidos y sus primeros momentos en España.

- ¿No le cansa el acoso al que está siendo sometido estos días?

- En absoluto lo considero un acoso. Los periodistas son como de mi familia. Cuando hablo con ellos siento que estoy con amigos. A los periodistas les debo en buena medida haber salido del "corredor de la muerte". Tengo la intención de hablar con todos los que se han interesado por mí caso y agradecerles lo que han hecho. [...] (A:2001; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Vigo)

*(37) [...] La rojez de sus encías y el interior de sus labios chocan con el verde de la fruta. Cuando ha liberado la piel de su boca con la otra mano, me lo ofrece...

- ¿Quieres?

Le doy un mordisco, siento un ligero sabor ácido que contrasta con el sabor dulce, de hierbas, que había notado todo el tiempo en sus labios mientras nos amábamos. Muerde la fruta mientras se relaja, sólo sus músculos más íntimos siguen prietos manteniendo la dureza de mi miembro dentro de ella. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

Em (43), verificamos que o verbo ‘sentir’ escopa a camada do *Conteúdo Proposicional*, conforme constatamos no fragmento “*que estoy con amigos*”. Neste caso, trata-se de uma cláusula com o verbo ‘sentir’ conjugado na 1ª pessoa do singular no Presente do Indicativo, seguido de uma cláusula finita iniciada por *que*.

Em (37), a completiva encaixada corresponde ao OD nominal + cláusula relativa atributiva, na qual o sintagma nominal “*un ligero sabor ácido*” corresponde ao OD e “*que contrasta con el sabor dulce*” corresponde à cláusula relativa atributiva. Nesse caso, a cláusula relativa expressa um fato que foi percebido pelo falante através do paladar, como visualizamos no fragmento “*un ligero sabor ácido que contrasta con el sabor dulce*”.

5.3.5 Percurso de gramaticalização

Após a análise pragmática, semântica e morfossintática dos subtipos evidenciais do VdP ‘sentir’, seguimos com a análise do processo de gramaticalização desse verbo. Deste modo, a partir dos exemplos analisados, descrevemos como ocorre as relações de escopo na camada do Nível Representacional, com base na proposta da GDF.

Com a análise das ocorrências, vimos que os significados do verbo ‘sentir’ em LE, que estão relacionados com os usos evidenciais, são: (i) ‘sentir’ com significado de ‘experimentar sensações produzidas por causas externas’; (ii) ‘sentir’ com significado de ‘experimentar um prazer corporal’; e (iii) ‘sentir’ com significado de ‘julgar, opinar, formar

uma opinião’. Nesses usos, verificamos que ‘*sentir*’ é utilizado para a expressão da *Inferência* e da *Dedução*. Nesses casos, o verbo escopa as camadas semânticas do *Conteúdo Proposicional* e do *Episódio*.

A partir da abordagem hierárquica da gramaticalização, feita por Hengeveld (2017), analisamos o trajeto de mudança do conteúdo do VdP ‘*sentir*’. Em nossa análise, constatamos que o verbo ‘*sentir*’ só atua em duas camadas semânticas que estão dentro do Nível Representacional, a saber: *Conteúdo Proposicional* (*p*) ← *Episódio* (*ep*). A seguir, vejamos na Figura 13 as relações hierárquicas:

Figura 13 – Relações de escopo do verbo ‘*sentir*’ na GDF

Nível Interpessoal

Ato discursivo > Ilocução > Conteúdo Comunicado > Subato Referencial > Subato de Atribuição

V

Nível Representacional

Proposição > Episódio > Estado-de-coisas > Propriedade Configuracional > Propriedade

Fonte: Elaborada pela autora.

Como verificamos na Figura 13, a camada do *Conteúdo Proposicional* escopa a camada do *Episódio* e não há ocorrência da manifestação da evidencialidade nas camadas do Nível Interpessoal. Acreditamos que a ausência de ocorrências com o subtipo evidencial *Reportatividade* se deva ao fato de que a regência do verbo ‘*sentir*’ não possibilite a retransmissão de um *Conteúdo Comunicado*. Nesse caso, a completiva do verbo necessita de um OD nominal, ou seja, uma pessoa/instituição/documento (a fonte) que transmita uma informação que o falante retransmitirá em seu Ato Discursivo.

5.4 Verbo ‘oír’

Este é o verbo mais prototípico da percepção auditiva, segundo Fernández Jaén (2006). Em nossa análise, este VdP apresentou o terceiro o maior número de ocorrências, um total de 13 ocorrências apresentaram uso evidencial. Para compor a nossa análise qualitativa, selecionamos alguns casos do verbo ‘*oír*’.

5.4.1 Tipologia do verbo ‘oír’

Na nossa investigação, o verbo ‘oír’ apresenta um significado dêitico, que recai sobre o falante. Todos os casos com uso evidencial aparecem em orações declarativas afirmativas, nas quais a evidência perceptiva está com o falante (*Yo*), podendo estar explícito ou não (marcado na desinência do verbo).

Para compreender os significados evidenciais possíveis para esse verbo, buscamos identificar os significados listados no DLE.⁸⁰ Vejamos:

1. tr. Percibir con el oído los sonidos.
2. tr. Dicho de una persona: Atender los ruegos, súplicas o avisos de alguien, o a alguien.
3. tr. Hacerse cargo, o darse por enterado, de aquello de que le hablan.

Após essa busca inicial pelo significado no dicionário, identificamos que se trata de um verbo transitivo, em que alguém percebe (um som) pela audição ou algo que alguém diz. Para ilustrar o uso desse verbo, ou melhor, compreender o significado dele dentro de um contexto, vejamos (44) e (45):

(44) [...]Pero es que no me dejan. Me siento ante el ordenador dispuesto a iniciar una ristra de reflexiones trascendentalísimas sobre la vida y la muerte y, en tan delicado momento, zas, **oigo** en la radio *a un ministro que dice que quienes hemos expuesto a la luz del día los tejemanejes del CESID lo que queremos en realidad, es "ejercer una presión antidemocrática sobre las instituciones"*. ¡Toma ya! Aún no repuesto del susto, me anuncian que en el artículo editorial de un colega se afirma que lo que estamos intentando es más bien "transformar [esta] crisis del Gobierno en un colapso del actual régimen de monarquía parlamentaria". ¡Olé! [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

(45) [...]Trabajadora infatigable desde que yo tengo uso de razón, siempre se ocupó de la comida, la compra en las tiendas vecinas o en el mercado de San Antonio, de limpiar la casa, de atendernos a Enrique y a mí, lavar nuestra ropa... ¿Para qué la lavadora pudiéndolo hacer a mano?

- *¡Las lavadoras rompen la ropa!* -le **oí decir** en más de una ocasión.

Cuando le sobraba tiempo -no se sabe cómo-, ayudaba a mi padre en su taller de modistería. Le resultaba fácil porque estaba en nuestra misma casa. Hilvanar por aquí -entre fregado y fregado-, pespuntear por allá. ¡Lo que fuese con tal de ayudar! En el barrio, la gente que la conoce bien, siempre lo ha dicho:

- La señora María es como un burro de carga... No para nunca... [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)⁸¹

⁸⁰ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., 2014 [versión 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/o%C3%ADr?m=form>. Acesso em: 20 dez. 2020.

⁸¹ Este caso e outros quatro, que apresentam a mesma construção, não entraram na análise quantitativa, pois acreditamos que o uso evidencial do verbo ‘oír’ está na construção “oír + decir”, e não apenas no VdP. Logo, por

Em (44), compreendemos que o sentido do verbo ‘oigo’ se refere a um Conteúdo Comunicado que o falante escuta de forma involuntária, pois ele ia fazer outra atividade quando de repente ele escuta algo na rádio. A natureza semântica do sujeito é uma percepção pura, visto que o estímulo se impõe na consciência do perceptor. A modalidade de percepção corresponde a uma percepção auditiva pois, nesse contexto, ‘oír’ apresenta o significado de ‘perceber com os ouvidos’ o que foi dito. O falante reporta a informação “*que quienes hemos expuesto a la luz del día los tejemanejes del CESID lo que queremos en realidad, es ‘ejercer una presión antidemocrática sobre las instituciones’*”, que ouve da fonte ‘*un ministro*’ (terceiro indefinido). Tal informação é obtida, a partir do que ele ouve ‘*en la radio*’.

Em (45), constatamos que o falante narra recordações que tem sobre como sua mãe sempre trabalhou muito ao longo de sua vida, como verificamos no fragmento “*Trabajadora infatigable desde que yo tengo uso de razón*”. Nesse caso, o falante reporta uma informação que ouviu sua mãe falar em mais de uma ocasião: “*¡Las lavadoras rompen la ropa!*”. O sentido para verbo ‘oír’ corresponde a ‘perceber os sons com os ouvidos’. Com relação à natureza semântica do sujeito, trata-se de uma percepção pura, pois envolve um processo não controlado pelo sujeito.

Como pudemos verificar, a partir dos exemplos que discorremos, o sentido evidencial do verbo ‘oír’ em LE está relacionado a ‘perceber um som com a audição’. Com relação à análise quantitativa dos dados, verificamos que o verbo ‘oír’ só apresentou casos de percepção pura, nos quais o sujeito não controla o processo de percepção.

A seguir, vejamos a análise dos subtipos evidenciais correspondente a esse verbo.

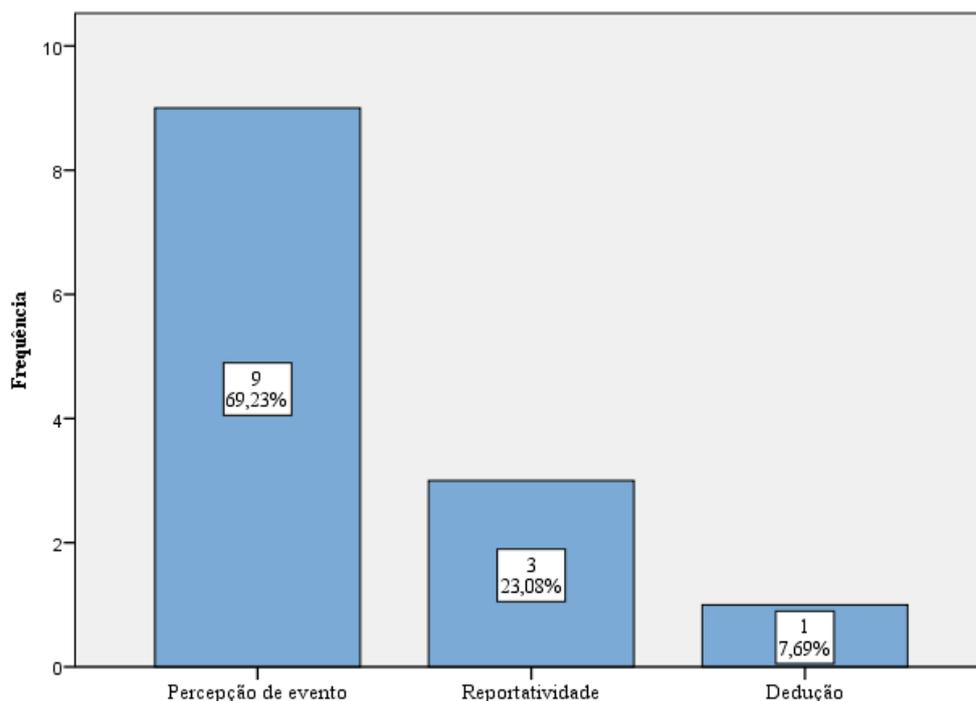
5.4.2 Subtipos evidenciais do verbo ‘oír’

Após a análise preliminar dos sentidos do verbo ‘oír’ com uso evidencial e da natureza semântica do sujeito, seguimos com a análise dos subtipos evidenciais. A partir da interpretação dos dados quantitativos, verificamos a manifestação de três subtipos evidenciais indicadas em nossa análise: a *Reportatividade*, *Dedução* e *Percepção de evento*.

De acordo com o Gráfico 10, podemos constatar o predomínio da *Percepção de Evento*. Vejamos:

não atender aos nossos critérios de pesquisa, resolvemos retirá-los dos dados quantitativos, mas o exemplificamos na análise qualitativa para mostrar o seu comportamento.

Gráfico 10 – Subtipos evidenciais do verbo ‘oír’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nas análises da autora.

Dos 13 usos evidenciais do verbo ‘oír’, 9 foram *Percepção de evento* (69,23%), 3 foram *Reportatividade* (23,08%) e 1 foi *Dedução* (7,69%). Acreditamos que haja uma maior ocorrência da *Percepção de evento* devido ao fato de que o falante, ao testemunhar um evento diretamente, percebe algo sonoro através de seu ouvido, uma percepção pura.

A seguir, ilustramos alguns exemplos da expressão de cada subtipo evidencial, conforme modelo *top-down*.

a) O subtipo evidencial da *Reportatividade*

Conforme explica Hattner (2018), a expressão do subtipo evidencial da *Reportatividade* indica que a informação que o falante está veiculando não é seu próprio material cognitivo, mas a informação de outros. Para compor esta análise qualitativa, vejamos novamente os exemplos (46) e (47):

(46) [...] Clamaba y gritaba al cielo, desesperado ante la idea de una nueva tragedia en la familia. No estaba tranquilo. Tuve que decidirme a seguir mi ruta para parar en el primer pueblo y buscar un teléfono; en aquella época no existían teléfonos móviles. Tenía que salir de dudas.

Después de unas pocas curvas, un restaurante a la izquierda con sitio suficiente para

aparcar. Busco las monedas y marco el número.
 Estallo de alegría al oír la voz de mi ser querido. Me saltaban las lágrimas.
 - Sí, ¿qué quieres?
 - ¿Estás bien? -no pude por menos que preguntar con un tono ya de menor angustia.
 - ¡Claro que estoy bien! ¿Qué te pasa, no te ibas a Andorra?
 - Estoy casi en Andorra, te he llamado -mentí- porque **he oído en la oficina antes de marcharme que ayer te encontrabas mal...**
 - ¡No! Te habrás equivocado, o no lo has entendido bien. Estoy estupendamente, ¿por qué? [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

(47) [...] Tal vez sabiendo lo que le impresiona a una extranjera en un país, se podría poner en perspectiva todos los comentarios de los españoles sobre Estados Unidos. Antes de llegar a Madrid, yo **había oído que había muchísimos robos y que tendría que tener mucho cuidado**. Así es que pasé mi primer día observando a las mujeres: cómo caminaban, cómo se vestían. [...] (A:1985; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Diario El País, S.A. _Madrid)

Após a leitura de ambos casos, verificamos que, em (46), a fonte da informação “*que ayer te encontrabas mal*” é indefinida. Nesse caso, o falante escutou a informação no escritório, antes de sair para viajar e ao falar com o ouvinte pelo telefone, ele reporta tal informação, como podemos verificar no fragmento “*he oído en la oficina antes de marcharme*”. Já em (47), a fonte da informação “*había muchísimos robos y que tendría que tener mucho cuidado*” é indefinida. Assim como em (46), o falante reporta uma informação na forma de um discurso indireto. Nesse caso, o falante informa que escutou (não sabemos de quem) que ele teria que ter muito cuidado porque havia muitos roubos em Madrid. Nos dois casos, a fonte da informação é indefinida e se trata do subtipo evidencial *Reportatividade*, que atua na camada do *Conteúdo Comunicado*.

b) O subtipo evidencial da *Dedução*

Conforme explicam Hengeveld e Hattner (2015), esta subcategoria informa que o falante obtém uma informação com base em uma evidência perceptual. Este subtipo evidencial opera na camada do *Episódio no Nível Representacional*. Vejamos:

(48) [...] Aquella mujer se movía con suavidad, con un espíritu femenino mucho más atrayente que el de mi madre. Era como una diosa de los cuentos que leía... Sin aquellos vestidos estrafalarios. Mucho más real.
 Sus gestos eran suaves, pausados, quizá para no despertarme.
 La vi meterse en la cama después de apartar la sábana, sentarse junto al cabezal, ir a tomar un vaso de agua inexistente, y levantarse acto seguido con cuidado y salir

de la habitación en silencio. Relajé la posición de mi cuerpo que en aquellos momentos se mantenía en tensión. Abrí los ojos inquieto hasta que la *oí volver con suaves pasos* y la vi entrar de nuevo con el vaso en la mano. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

Em (48), verificamos que o falante narra um evento que ocorreu no passado. Ele ouviu a mulher realizar uma atividade. Nesse caso, o falante deduz que a mulher deu passos suaves a partir do barulho de seus passos. Dessa forma, o subtipo evidencial que opera na camada do *Episódio* conta com *dois estados-de-coisa* que se conectam em um tempo relativo.

c) O subtipo evidencial da *Percepção de evento*

Como forma de mostrar a ocorrência do subtipo evidencial da *Percepção de evento*, selecionamos os casos (49) e (50) para compor nossa análise qualitativa. Vejamos:

(49) [...] Los amigos estaban todos sentados a la mesa esperándonos para la cena. Lo llamaron. Se levantaron para saludarlo. Era la persona más popular y más querida del grupo.

Frenaron su entusiasmo al verlo. Ahora, con más luz, estaba irreconocible, desencajado, inexpresivo. Apenas podía controlar la mirada, respiraba con dificultad, la piel tenía un tinte cerúleo, en vez de su habitual tono rosado y sano. El cabello estaba como erizado. Yo no encontraba respuesta a aquel cambio tan brusco...

Hizo un gran esfuerzo y con una voz queda, insegura nos dijo a todos los presentes: - No me encuentro bien. Ahora no podría comer nada. Voy a tumbarme en la cama. Disculpadme.

Fue la primera vez que *lo oí hablar sin entusiasmo y con esfuerzo*. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

(50) [...] Nunca he vivido preocupado por la religión. No existen conflictos ni dudas dentro de mí por ningún aspecto religioso. Ni sobre Dios.

Siempre *había oído a mi familia usar fórmulas de expresión muy sencillas*, pero educadas, propias "de la gente de bien", como se catalogaba en aquella época a las personas que no creaban problemas y eran apreciadas en la comunidad. En ellas, de un modo u otro, se invocaba o se tenía en cuenta la existencia del destino y el poder definitivo de algún ser superior, en frases como: "Hasta mañana ¡si Dios quiere!", "¡Que sea lo que Dios quiera!", "Dios no quiera que..." o "¡Vaya usted con Dios!". [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A. _Barcelona)

Em (49), o falante relata que testemunhou diretamente um *Estado-de-coisas* acontecendo, a partir do fragmento "*lo oí hablar sin entusiasmo y con esfuerzo*". Pelo contexto, podemos identificar que foi a primeira vez que o falante presenciou o seu amigo falar *sin*

entusiasmo y con esfuerzo. Já em (50), o falante afirma que sempre “*había oído a mi familia usar fórmulas de expresión muy sencillas*”, isto é, ele explica que era algo frequente testemunhar sua família usar formas de expressão muito simples.

Finalmente, a partir dessa análise quali-quantitativa das ocorrências dos VdP com uso evidencial, pudemos constatar que o verbo ‘oír’ apresenta dois subtipos evidenciais que atuam nas camadas do *Conteúdo Comunicado* e do *Estado-de-coisas*.

5.4.3 Tempos verbais do verbo ‘oír’

Na análise dos casos, constatamos que a manifestação da evidencialidade pelo VdP ‘oír’ ocorreu em 4 tempos verbais do Modo Indicativo na LE. Vejamos:

Tabela 9 – Tempos verbais do verbo ‘oír’ com uso evidencial em LE

	Frequência	Porcentagem
Pretérito Perfeito Simples	7	53,8
Pretérito Perfeito Composto	3	23,1
Pretérito Mais-que-perfeito	2	15,4
Presente	1	7,7
Total	13	100,0

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

A partir da Tabela 9, verificamos que o Pretérito Perfeito Simples é o mais usado em 53,8% dos casos. A seguir, ilustramos com um uso evidencial cada tempo verbal encontrado. Vejamos:

*(44) [...]Pero es que no me dejan. Me siento ante el ordenador dispuesto a iniciar una ristra de reflexiones trascendentalísimas sobre la vida y la muerte y, en tan delicado momento, zas, **oigo en la radio a un ministro que dice que quienes hemos expuesto a la luz del día los tejemanejes del CESID lo que queremos en realidad, es "ejercer una presión antidemocrática sobre las instituciones"**. ¡Toma ya! Aún no repuesto del susto, me anuncian que en el artículo editorial de un colega se afirma que lo que estamos intentando es más bien "transformar [esta] crisis del Gobierno en un colapso del actual régimen de monarquía parlamentaria". ¡Olé! [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Em *(44), o marcador evidencial ‘oigo’ está conjugado na 1ª pessoa do singular no *Presente* do Indicativo. Nesse caso, o falante retransmite um *Conteúdo Comunicado* que ele escuta na rádio, em que tal informação é dita por um ministro.

Já em (51), o tempo verbal do marcador evidencial ‘oír’ é o Pretérito Perfeito Simples. Nesse caso, o falante narra um *Estado-de-coisas* que aconteceu em um determinado momento do passado. Pelo contexto, no fragmento “*Nunca podré olvidar la imagen de un cuerpo femenino desnudo, caminando hacia mí, velado solamente por el contraste de un cristalino y transparente vaso de agua, sostenido junto a su vientre*”, compreendemos que esse momento foi muito marcante para o falante. Vejamos:

(51) [...] La vi meterse en la cama después de apartar la sábana, sentarse junto al cabezal, ir a tomar un vaso de agua inexistente, y levantarse acto seguido con cuidado y salir de la habitación en silencio. Relajé la posición de mi cuerpo que en aquellos momentos se mantenía en tensión. Abrí los ojos inquieto hasta que la **oí volver con suaves pasos** y la vi entrar de nuevo con el vaso en la mano. Nunca podré olvidar la imagen de un cuerpo femenino desnudo, caminando hacia mí, velado solamente por el contraste de un cristalino y transparente vaso de agua, sostenido junto a su vientre... Esta imagen la he recordado disfrutando repetidamente de su recuerdo, durante toda mi vida... Es uno de los instantes que no se borran de mi memoria. [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Outro tempo verbal em que o verbo ‘oír’ está conjugado é o Pretérito Perfeito composto. A seguir, observemos o exemplo (52):

(52) [...] NO me siento con ánimos de escribir. Y mucho menos desde que, a buena hora de la mañana, he recibido la primera agenda del año. Del año que viene, quiero decir. Estaba en la cama y **he oído unos trompazos muy fuertes que me han despertado de golpe**. Entonces he recordado que el timbre de la calle no suena y que a todos los mensajeros les da por aporrear frenéticamente la cancela. [...] (A:1994; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Unidad Editorial_Madrid)

Após a observação desse caso, verificamos que o uso desse tempo verbal expressa que o *Estado-de-coisas* narrado ocorre em um passado recente e a ação verbal ainda tem relação com o presente. Pelo contexto, identificamos que o falante ouviu ‘*unos trompazos muy fuertes*’ e tal fato o fez acordar de repente. Por fim, em (50), o verbo ‘*había oído*’ está conjugado na 1ª pessoa do singular no *Pretérito Mais-que-Perfeito*. Nesse caso, o falante narra um *Estado-de-coisas* que sempre tinha ouvido sua família usar. Vejamos:

*(50) [...] Nunca he vivido preocupado por la religión. No existen conflictos ni dudas dentro de mí por ningún aspecto religioso. Ni sobre Dios. Siempre **había oído a mi familia usar fórmulas de expresión muy sencillas**, pero educadas, propias "de la gente de bien", como se catalogaba en aquella época a las personas que no creaban problemas y eran apreciadas en la comunidad. En ellas, de un modo u otro, se invocaba o se tenía en cuenta la existencia del destino y el poder

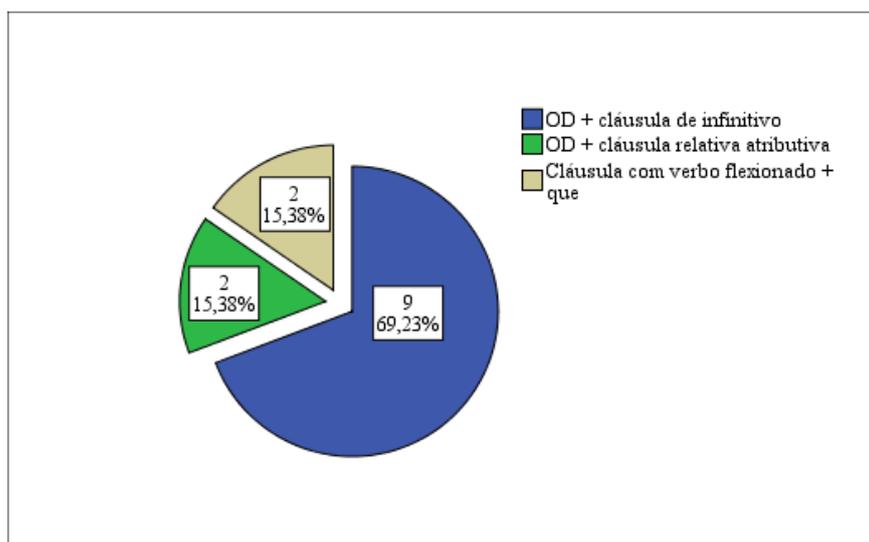
definitivo de algún ser superior, en frases como: "Hasta mañana ¡si Dios quiere!", "¡Que sea lo que Dios quiera!", "Dios no quiera que..." o "¡Vaya usted con Dios!". [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

O uso desse tempo verbal expressa que o *Estado-de-coisas* que o falante testemunhou é anterior a outra ação verbal que ele descreve no contexto, como a descrita no fragmento “*de un modo u otro, se invocaba o se tenía en cuenta la existencia del destino*”.

5.4.4 Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘oír’

Com relação às propriedades morfossintáticas dos complementos do verbo ‘oír’, verificamos que esse verbo apresentou usos evidenciais com três tipos de complemento. Vejamos:

Gráfico 11 – Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘oír’



Fonte: Elaborado pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Como verificamos no Gráfico 11, os complementos se distribuem da seguinte forma, a saber: 9 OD ou clítico em acusativo + cláusula de infinitivo (69,2%), 2 OD ou clítico em acusativo + relativa atributiva (15,4%), e 2 cláusulas com verbo flexionado + que (15,4%). A seguir, vejamos exemplos com cada tipo de complemento morfossintático encontrado em nossa análise:

(53) [...] Varias tardes de primavera recorrimos con él la zona en que desde Pamplona inequívocamente comienza el mundo vasco -Irurzun, Lecumberri-, para identificar sobre el terreno, clave dicotómica en mano, las especies vegetales allí más frecuentes; de sus labios *oí por vez primera pronunciar devotamente el nombre de Darwin, y menos devotamente el de Agassiz*; él me, hizo leer en la

biblioteca del Instituto no pocas páginas de la Zoología de Claus... [...] (A:1976; AR:Laín Entralgo, Pedro; T:Testimonios varios; P:Alianza_Madrid)

*(44) [...] Pero es que no me dejan. Me siento ante el ordenador dispuesto a iniciar una ristra de reflexiones trascendentalísimas sobre la vida y la muerte y, en tan delicado momento, zas, **oigo** en la radio *a un ministro que dice que quienes hemos expuesto a la luz del día los tejemanejes del CESID lo que queremos en realidad, es "ejercer una presión antidemocrática sobre las instituciones"*. ¡Toma ya! Aún no repuesto del susto, me anuncian que en el artículo editorial de un colega se afirma que lo que estamos intentando es más bien "transformar [esta] crisis del Gobierno en un colapso del actual régimen de monarquía parlamentaria". ¡Olé! [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

*(46) [...] Clamaba y gritaba al cielo, desesperado ante la idea de una nueva tragedia en la familia. No estaba tranquilo. Tuve que decidirme a seguir mi ruta para parar en el primer pueblo y buscar un teléfono; en aquella época no existían teléfonos móviles. Tenía que salir de dudas.

Después de unas pocas curvas, un restaurante a la izquierda con sitio suficiente para aparcar. Busco las monedas y marco el número.

Estallo de alegría al oír la voz de mi ser querido. Me saltaban las lágrimas.

- Sí, ¿qué quieres?

- ¿Estás bien? -no pude por menos que preguntar con un tono ya de menor angustia.

- ¡Claro que estoy bien! ¿Qué te pasa, no te ibas a Andorra?

- Estoy casi en Andorra, te he llamado -mentí- porque **he oído** en la oficina antes de marcharme *que ayer te encontrabas mal...*

- ¡No! Te habrás equivocado, o no lo has entendido bien. Estoy estupendamente, ¿por qué? [...] (A:2001; AR:Llongueras, Lluís; T:Testimonios varios; P:Planeta, S.A._Barcelona)

Como verificamos, o verbo ‘oír’ é um verbo transitivo. Nos casos selecionados, seus complementos morfossintáticos se apresentam de três formas. Em (53), o complemento da oração encaixada é composto por uma cláusula de infinitivo, na qual o falante relata um Estado-de-coisas que ele testemunhou, como podemos verificar no fragmento “**oí** por vez primera pronunciar devotamente el nombre de Darwin, y menos devotamente el de Agassiz”. Em (44), o falante reporta uma informação dita pela fonte indefinida ‘un ministro’. A estrutura dessa completiva é composta pelo OD ‘un ministro’ seguido da relativa atributiva “*que dice que quienes hemos expuesto a la luz del día los tejemanejes del CESID lo que queremos en realidad, es "ejercer una presión antidemocrática sobre las instituciones"*”. Por fim, em (46), a estrutura da completiva é a cláusula com verbo flexionado + que, como verificamos no fragmento “**he oído** en la oficina antes de marcharme *que ayer te encontrabas mal...*”.

5.4.5 Percurso de gramaticalização

Após a análise pragmática, semântica e morfossintática dos subtipos evidenciais do VdP ‘oír’, seguimos com a análise do processo de gramaticalização desse verbo. Dessa forma, com base nos casos analisados, apresentamos como ocorre as relações de escopo nas camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional, tendo como base a proposta da GDF.

A partir da análise dessas ocorrências, vimos que, o verbo ‘oír’ tem uso evidencial em contextos cujo significado do verbo é mais concreto ‘de perceber pela audição’ e, também, quando ‘oír’ remete um esforço consciente dele na fonte e no significado do que está ouvindo. Verificamos que o verbo ‘oír’ atua nas camadas do *Conteúdo Comunicado*, do *Episódio* e do *Estado-de-coisas*, cujos subtipos evidenciais são a *Reportatividade*, a *Dedução* e a *Percepção de evento*.

A partir da abordagem hierárquica da gramaticalização, feita por Hengeveld (2017), analisamos o trajeto de mudança do conteúdo do VdP ‘oír’. Verificamos que dentro do Nível Interpessoal, a evidencialidade atua apenas na camada do *Conteúdo Comunicado* e no Nível Representacional, nas camadas do *Episódio* e do *Estado-de-coisas*. A seguir, vejamos na Figura 14 a relação hierárquica:

Figura 14 – Relações de escopo do verbo ‘oír’ na GDF

Nível Interpessoal

Ato discursivo < Ilocução < Conteúdo Comunicado < Subato Referencial < Subato de Atribuição
--

Nível Representacional

V

Proposição < Episódio < Estado-de-coisas < Propriedade Configuracional < Propriedade
--

Fonte: Elaborada pela autora.

Entre os níveis, verificamos que há um aumento vertical do escopo das camadas do Nível Representacional para as do nível Interpessoal. Hengeveld (2017) explica que, no modelo de mudança de conteúdo, itens lexicais podem entrar no sistema em qualquer camada dos Níveis Interpessoal e Representacional. Além disso, eles podem se mover do Nível Representacional para o Interpessoal em qualquer ponto. Assim sendo, esse “salto” que verificamos na representação das camadas semânticas do verbo ‘oír’ é previsto/possível na teoria.

Por fim, com relação à mudança formal, constatamos em nossa análise qualitativa que o verbo ‘oír’ apresenta um caráter mais concreto de perceber um estímulo sensorial pela audição, e não verificamos uma mudança categorial do verbo.

5.5 Verbo ‘escuchar’

Em nossa pesquisa, encontramos apenas 2 casos em que o verbo ‘escuchar’ têm uso evidencial. Jansegers (2017) explica que os verbos ‘oír’ e ‘escuchar’ correspondem aos verbos mais prototípicos da percepção auditiva. ‘Escuchar’ implicaria prestar mais atenção ao que se escuta, enquanto ‘oír’ seria uma percepção sensorial pura. Como pudemos verificar, ao compararmos a quantidade de casos entre esses verbos, constatamos que o verbo ‘oír’ é o mais usado, o que corrobora a afirmação da autora.

Segundo Fernández Jaén (2006), os VdP auditiva são utilizados tanto para expressar percepções sensoriais como intelectuais. O verbo ‘oír’, como vimos, apresentou 13 casos com uso evidencial, enquanto ‘escuchar’ só apresentou 2 casos. Para Fernández Jaén (2006), o verbo ‘escuchar’ implica uma ação sensorial muito mais concreta que o verbo ‘oír’, um dos motivos para ‘oír’ ser o mais frequente.

De forma a verificar quais sentidos de ‘escuchar’ estão relacionados com os usos evidenciais, identificamos os significados presentes no DLE.⁸² Vejamos:

1. tr. Prestar atención a lo que se oye.
2. tr. Dar oídos, atender a un aviso, consejo o sugerencia.
3. intr. Aplicar el oído para oír algo.

Para identificar os possíveis significados do verbo ‘escuchar’ com uso evidencial, analisamos os casos (54) e (55), a seguir:

(54) [...] Contra su voluntad los funcionarios les colocan sondas, sueros, antibióticos, respiradores para que continúen hacia delante. Pero ¿a dónde les llevan?, ¿qué futuro les prometen?, ¿qué viaje a ninguna parte les preparan estos terribles demiurgos? Cuando no existe esperanza de vivir sólo nos queda el consuelo de la muerte. Reivindico el derecho más íntimo de la persona a disponer de su vida y, en el peor de los trances, a disponer con dignidad su muerte, frente a las religiones y estados acostumbrados a la propiedad de nuestros cuerpos y de nuestras almas. Mientras miro estas paredes blancas de hospital, sordas al dolor y ciegas al sufrimiento de estos enfermos y sus familias, siento el sinsentido de la

⁸² REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versão 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/escuchar?m=form>. Acesso em: 20 jan. 2021.

existencia. Cuando vago por las capillas semivacías de los hospitales escucho a todos estos crucificados gritar: Padre, por qué me has abandonado. Y cuando les veo abrir sus ojos que jamás volverán a mirar, como naves encalladas en el abismo, me pregunto por la inutilidad de tanta alforja para tan breve viaje. El miedo a la muerte nos subyuga, los miedos nos hacen sus esclavos. Una sociedad sin miedo es una sociedad libre, justa y generosa. ¿Qué no alcanzaría sin miedo a la muerte? [...] (A:2001; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Federación de Asociaciones de Minusválidos Físicos de la Comunidad de Madrid (FAMMA)_Madrid)

(55) [...] Por todo ello mi inteligencia puede ayudarme a comprender que los ricos se resignen a esta dificultosa situación, pero que, por medio del trabajo, intenten aumentar sus dificultades, escapa a mi comprensión.

Estaba yo hace unos meses en una cafetería, cuando **escuché** involuntariamente *que uno de mis vecinos de barra, en tono un tanto confidencial, le decía a su acompañante algo no sólo disparatado sino inverosímil: que el gran ciclista Induráin no se había retirado del ciclismo por propia voluntad y porque considerase que los 1.500 millones de pesetas que había ahorrado y bien invertido siguiendo consejos de sus asesores, eran más que suficientes para llevar una vida cómoda y regalada, sino porque le habían obligado miembros de una sociedad secreta para que no siguiera sirviendo a la propaganda y el prestigio del Estado español.* [...] (A:1997; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:PRENSA ESPAÑOLA, S.A._Madrid)

Em (54), verificamos pelo contexto que o falante visita um hospital e relata o que presencia quando está caminhando pelo espaço. Nesse caso, o falante escuta os doentes ‘gritar’ “*Padre, por qué me has abandonado*” quando os observa rezar nas capelas semivazias. Nesse contexto, ‘*escuchar*’ expressa o significado de ‘prestar atenção ao que se ouve’. Com relação à natureza semântica do sujeito, identificamos uma percepção ativa, visto que o falante foca a sua atenção até os doentes, que estão orando nessas capelas, com a finalidade de se obter a informação.

Em (55), o falante relata que escutou ‘*involuntariamente*’ uma determinada informação e ele a retransmite com suas próprias palavras, como verificamos no fragmento “*que el gran ciclista Induráin no se había retirado del ciclismo por propia voluntad y porque considerase que los 1.500 millones de pesetas que había ahorrado y bien invertido siguiendo consejos de sus asesores, eran más que suficientes para llevar una vida cómoda y regalada, sino porque le habían obligado miembros de una sociedad secreta para que no siguiera sirviendo a la propaganda y el prestigio del Estado español.*” Assim como em (54), nesse caso, ‘*escuchar*’ também expressa o significado de ‘prestar atenção ao que se ouve’. Entretanto, com relação à natureza semântica do sujeito, identificamos uma percepção pura, pois o falante escuta a informação de forma involuntária.

Com relação à análise quantitativa dos dados, verificamos que o verbo ‘*escuchar*’ apresentou 1 caso de percepção ativa e 1 caso de percepção pura. Tal fato se deve à como o falante percebeu o estímulo no meio exterior, de forma voluntária e consciente ou de forma involuntária.

Com relação ao subtipo evidencial do verbo ‘*escuchar*’, após a análise inicial da natureza semântica do sujeito e do significado do verbo ‘*escuchar*’ relacionado com a manifestação da evidencialidade, seguimos com o estudo dos subtipos evidenciais. A partir da análise dos dados, verificamos a manifestação do subtipo evidencial *Reportatividade* e *Percepção de evento*.

a) O subtipo evidencial da Reportatividade

*(55) [...] Por todo ello mi inteligencia puede ayudarme a comprender que los ricos se resignen a esta dificultosa situación, pero que, por medio del trabajo, intenten aumentar sus dificultades, escapa a mi comprensión.

Estaba yo hace unos meses en una cafetería, cuando escuché involuntariamente que uno de mis vecinos de barra, en tono un tanto confidencial, le decía a su acompañante algo no sólo disparatado sino inverosímil: que el gran ciclista Induráin no se había retirado del ciclismo por propia voluntad y porque considerase que los 1.500 millones de pesetas que había ahorrado y bien invertido siguiendo consejos de sus asesores, eran más que suficientes para llevar una vida cómoda y regalada, sino porque le habían obligado miembros de una sociedad secreta para que no siguiera sirviendo a la propaganda y el prestigio del Estado español. [...] (A:1997; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:PRENSA ESPAÑOLA, S.A. _Madrid)

Em (55), o verbo ‘*escuchar*’ escapa a camada do *Conteúdo Comunicado*. Nesse caso, o falante informa que escutou um vizinho dizer a outra pessoas “*que el gran ciclista Induráin no se había retirado del ciclismo por propia voluntad y porque considerase que los 1.500 millones de pesetas que había ahorrado y bien invertido siguiendo consejos de sus asesores, eran más que suficientes para llevar una vida cómoda y regalada, sino porque le habían obligado miembros de una sociedad secreta para que no siguiera sirviendo a la propaganda y el prestigio del Estado español.*”, como verificamos no fragmento.

b) O subtipo evidencial da Percepção de evento

Para exemplificar este subtipo evidencial, vejamos:

*(54) [...] Contra su voluntad los funcionarios les colocan sondas, sueros, antibióticos, respiradores para que continúen hacia delante. Pero ¿a dónde les llevan?, ¿qué futuro les prometen?, ¿qué viaje a ninguna parte les preparan estos terribles demiurgos? Cuando no existe esperanza de vivir sólo nos queda el consuelo de la muerte. Reivindico el derecho más íntimo de la persona a disponer de su vida y, en el peor de los trances, a disponer con dignidad su muerte, frente a las religiones y estados acostumbrados a la propiedad de nuestros cuerpos y de nuestras almas. Mientras miro estas paredes blancas de hospital, sordas al dolor y ciegas al sufrimiento de estos enfermos y sus familias, siento el sinsentido de la existencia. Cuando vago por las capillas semivacías de los hospitales escucho a todos estos crucificados gritar: Padre, por qué me has abandonado. Y cuando les veo abrir sus ojos que jamás volverán a mirar, como naves encalladas en el abismo, me pregunto por la inutilidad de tanta alforja para tan breve viaje. El miedo a la muerte nos subyuga, los miedos nos hacen sus esclavos. Una sociedad sin miedo es una sociedad libre, justa y generosa. ¿Qué no alcanzaría sin miedo a la muerte? [...] (A:2001; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Federación de Asociaciones de Minusválidos Físicos de la Comunidad de Madrid (FAMMA)_Madrid)

Em (54), o falante relata que testemunhou diretamente um *Estado-de-coisas* acontecendo, a partir do fragmento “*cuando vago por las capillas semivacías de los hospitales escucho a todos estos crucificados gritar*”. Nesse contexto, como podemos verificar, o verbo ‘gritar’ constitui uma evidência visual e sonora que corrobora para a classificação desse subtipo evidencial.

Com relação aos tempos verbais do verbo ‘*escuchar*’, na análise dos casos, verificamos que a manifestação da evidencialidade pelo VdP ‘*escuchar*’ ocorreu em 2 tempos verbais do Modo Indicativo na LE. Vejamos:

Tabela 10 – Tempos verbais do verbo ‘*escuchar*’

	Frequência	Porcentagem
Presente	1	50,0
Pretérito Perfeito Simples	1	50,0
Total	2	100,0

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

A partir da Tabela 10, verificamos os dados quantitativos dos usos evidenciais do verbo ‘*escuchar*’ no Presente e no Pretérito Perfeito Simples. A seguir, ilustramos os casos (54) e (55) mais uma vez. Vejamos:

*(54) [...] Cuando vago por las capillas semivacías de los hospitales **escucho** a todos estos crucificados gritar: Padre, por qué me has abandonado. [...] (A:2001; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Federación de Asociaciones de Minusválidos Físicos de la Comunidad de Madrid (FAMMA)_Madrid)

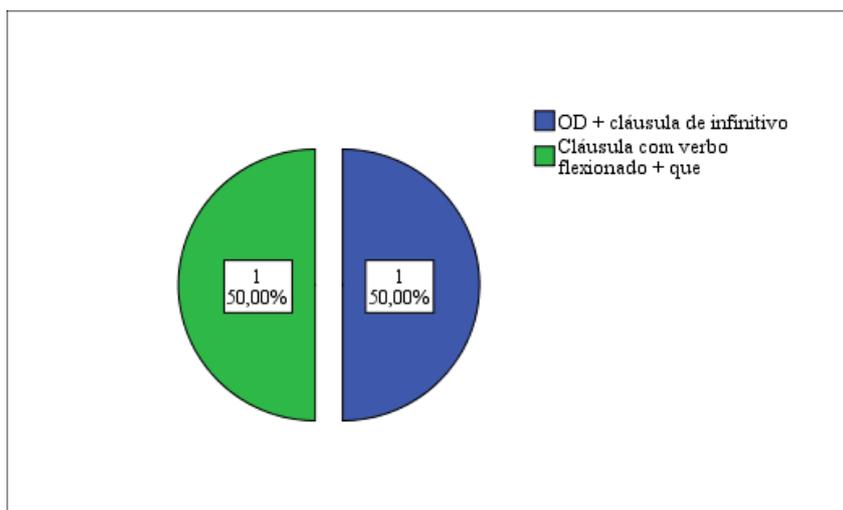
*(55) [...] Estaba yo hace unos meses en una cafetería, cuando **escuché** involuntariamente *que uno de mis vecinos de barra, en tono un tanto confidencial, le decía a su acompañante algo no sólo disparatado sino inverosímil: que el gran ciclista Induráin no se había retirado del ciclismo por propia voluntad y porque considerase que los 1.500 millones de pesetas que había ahorrado y bien invertido siguiendo consejos de sus asesores, eran más que suficientes para llevar una vida cómoda y regalada, sino porque le habían obligado miembros de una sociedad secreta para que no siguiera sirviendo a la propaganda y el prestigio del Estado español.* [...] (A:1997; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:PRENSA ESPAÑOLA, S.A._Madrid)

Em (54), o marcador evidencial ‘*escucho*’ está conjugado na 1ª pessoa do singular no Presente do Indicativo. Nesse caso, o falante utiliza o tempo presente para relatar um evento passado. Segundo a RAE (2011), o presente pode ser usado com valor de pretérito quando se trata de um presente narrativo. Como vemos, o falante se utiliza desse uso ao narrar o que presenciou em sua visita ao hospital.

Já em (55), o tempo verbal do marcador evidencial ‘*escuchar*’ é o Pretérito Perfeito Simples. Nesse caso, o falante reporta um *Conteúdo Comunicado* dito por uma fonte indefinida, quando estava na cafeteria. Tal informação foi obtida há mais ou menos dois meses antes do falante reportá-la.

Com relação às propriedades morfossintáticas dos complementos do verbo ‘*escuchar*’, constatamos que esse verbo apresentou usos evidenciais com dois tipos de complementos. Vejamos:

Gráfico 12 – Tipos de complemento morfossintático do verbo ‘escuchar’



Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Como visualizamos no Gráfico 12, os complementos se distribuem em: 1 OD + cláusula de infinitivo e 1 cláusula com verbo flexionado + *que*.

Como sabemos, o verbo ‘escuchar’ é um verbo transitivo. Em *(55), o complemento da oração encaixada é composto pelo OD nominal “*a todos estos crucificados*” + uma cláusula de infinitivo “gritar”. Através do contexto, observamos que o falante personifica os doentes desse hospital que visita atribuindo-lhes o adjetivo ‘crucificados’. Nesse caso, o verbo ‘escuchar’ escopa a camada do *Estado-de-coisas*, visto que o falante escuta diretamente um evento acontecer. Já em *(56), o complemento da oração encaixada é composto por uma cláusula com verbo flexionado + *que*. O falante reporta uma informação dita pela fonte indefinida “*uno de mis vecinos de barra*”.

Por fim, como encontramos apenas dois casos em que o VdP tem uso evidencial, não foi possível desenhar o percurso de gramaticalização desse verbo, pois há dados suficientes para que possamos apresentar essa análise. Entretanto, é possível dizer que atuaram nas camadas do *Conteúdo Comunicado* e do *Estado-de-coisas*.

A seguir, vejamos a descrição das categorias que analisamos com o VdP ‘oler’.

5.6 Verbo ‘oler’

Em nossa pesquisa, encontramos apenas uma ocorrência em que o verbo ‘oler’ apresentou uso evidencial. Neste caso, o verbo apresenta-se em sua forma pronominal. Decidimos comentá-lo em nossa análise qualitativa, pois o seu uso nos chamou atenção.

No DLE⁸³ encontramos seis possíveis significados para o verbo ‘oler’, os quais são:

1. tr. Percibir los olores.
2. tr. Procurar percibir o identificar un olor. U. t. c. intr.
3. tr. coloq. Conocer o adivinar algo que se juzgaba oculto, barruntarlo. U. m. c. prnl. Me huelo que no vendrá a la boda. U. t. c. intr. Me huele que será niña.
4. tr. coloq. Inquirir con curiosidad y diligencia lo que hacen otros, para aprovecharse de ello o con algún otro fin.
5. intr. Exhalar y echar de sí fragancia que deleita el sentido del olfato, o hedor que le molesta.
6. intr. coloq. Parecer o tener señas y visos de algo, que por lo regular es malo. Este político huele A imputado.

Para identificar o possível significado do verbo ‘oler’ com uso evidencial, analisamos a caso (56), a seguir:

(56) [...] Recientemente se ha querido "regularizar" los tratamientos fitoterápicos por el gobierno, con la misma intención de que sean los laboratorios farmacéuticos los únicos autorizados a fabricar dichos remedios, y dándoles a las farmacias la exclusiva de su distribución.

Olvidan también aquí que hay grandísimos profesionales en las herboristerías, profesionales que han tenido que formarse durante muchos años por medio de cursos y estudios no oficiales porque no había, repito no había, una alternativa oficial en cuanto a dicha formación.

Y ahora quieren "crear un registro de las medicinas naturales para legitimar esas terapias y dar garantías de seguridad y eficacia a los ciudadanos".

No estoy en contra de ello, pero me **huelo que es una maniobra más para burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial.**

Ningún profesional serio (no titulado en medicina), naturópata, homeópata, masajista, quiropráctico, osteópata o de cualquiera de las terapias alternativas, se atreverá a prescribir un tratamiento o a aplicar una técnica, sin un diagnóstico previo realizado por un médico titulado. [...] (A:2003; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Naturalmente Natural_Madrid)

Com relação à tipologia do verbo ‘oler’, verificamos que na ocorrência (56), o verbo ‘oler’ apresenta uma percepção intelectual de ‘suspeitar’. A partir do contexto, o falante ‘suspeita’ que a criação de “*un registro de las medicinas naturales para legitimar esas terapias y dar garantías de seguridad y eficacia a los ciudadanos*” se trata de “*una maniobra más para burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial*”. Nesse caso, a natureza semântica do sujeito corresponde a uma percepção

⁸³ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., [versão 23.3 on-line]. Disponível em: <https://dle.rae.es/oler?m=form>. Acesso em: 23 dez. 2020.

ativa, em que o sujeito foca a sua atenção na criação de um registro e desconfia que é uma manobra, ou seja, há um trabalho cognitivo por parte do falante. Vejamos:

*(56) [...] Y ahora quieren "crear un registro de las medicinas naturales para legitimar esas terapias y dar garantías de seguridad y eficacia a los ciudadanos". No estoy en contra de ello, pero me **huelo** *que es una maniobra más para burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial*. [...] (A:2003; AR:PRENSA; T:Testimonios varios; P:Naturalmente Natural_Madrid)

Com relação ao subtipo evidencial do verbo ‘oler’, verificamos que caso (56) se trata de uma *Inferência*, pois o falante infere o *Conteúdo Proposicional* presente no fragmento “*que es una maniobra más para burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial*”, com base em construções mentais, ou seja, baseado em seu próprio conhecimento.

Com relação ao tempo verbal, verificamos que esse único caso corresponde a um tempo verbal do Modo Indicativo na LE. Em (56), o marcador evidencial ‘me **huelo**’ está conjugado na 1ª pessoa do singular no *Presente* do Indicativo. Nesse caso, o falante infere uma informação no momento de sua fala. Ele ‘suspeita’ que criação de um registro de medicamentos se trata de uma manobra para “*burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial*”, com base em seu conhecimento prévio sobre o assunto.

Com relação ao tipo de complemento morfossintático do VdP ‘oler’, verificamos, em nossa análise, que o complemento está constituído pelo verbo ‘oler’ em sua forma pronominal, seguido de uma cláusula finita iniciada por *que*, como vemos no fragmento “*que es una maniobra más para burocratizar, regularizar, normativizar, oficializar y monopolizar dichas terapias por parte de la medicina oficial*”. Com o auxílio do DLE, constatamos que, coloquialmente, o verbo ‘oler’ é mais utilizado em sua forma pronominal quando significa ‘conhecer ou adivinhar algo que se julgava oculto’. Acreditamos que o uso de ‘*olerse*’ seja coloquialmente mais utilizado por acrescentar ao significado do verbo uma percepção intelectual, e não um sentido mais concreto de uma percepção física olfativa, como verificamos em sua forma transitiva.

Por fim, após a análise de apenas um verbo, constatamos que não há dados suficientes para que possamos estabelecer o percurso de gramaticalização do verbo ‘oler’, assim como não o fizemos com o verbo ‘*escuchar*’.

5.7 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, analisamos quali-quantitativamente os usos evidenciais de 6 VdP: ‘*ver*’, ‘*notar*’, ‘*sentir*’, ‘*oír, escuchar*’ e ‘*oler*’. Na descrição dessa análise, falamos sobre cada categoria estabelecida em nossa metodologia, a saber: tipologia do VdP, subtipos evidenciais do VdP, tempos verbais do VdP, tipos de complemento morfossintático, e percurso de gramaticalização.

Com relação aos subtipos evidenciais, constatamos que os verbos ‘*ver*’, ‘*oír*’ e ‘*notar*’ se configuram escolhas para uma maior expressão da *Percepção de evento*. Já os verbos ‘*ver*’, ‘*notar*’ e ‘*sentir*’ se configuram escolhas para uma maior expressão da *Inferência*. Vejamos:

Tabela 11 – Subtipo Evidencial *versus* VdP com uso evidencial

		VERBOS DE PERCEPÇÃO						Total
		Ver	Notar	Oír	Sentir	Escuchar	Oler	
SUBTIPO EVIDENCIAL	Percepção de evento	27	6	9	0	1	0	43
	Dedução	8	1	1	2	0	0	12
	Inferência	11	10	0	10	0	1	32
	Reportatividade	2	0	3	0	1	0	6
Total		48	17	13	12	2	1	93

Fonte: Elaborada pelo SPSS, como base nos dados da autora.

A partir da interpretação dos dados na Tabela 11, verificamos que (i) os verbos ‘*ver*’, ‘*oír*’ e ‘*notar*’ atuam mais na camada do *Estado-de-coisas* e (ii) os verbos ‘*ver*’, ‘*notar*’ e ‘*sentir*’ atuam mais na camada do *Conteúdo Proposicional*.

Com relação aos tempos verbais, em nossa análise, mostramos que os pretéritos expressam o maior uso evidencial dos verbos de percepção. Acreditamos que o tema ‘vários testemunhos’ têm relação direta com o uso de tempos verbais no passado, pois o falante ao narrar/relatar/recordar algo, em geral, utiliza esses tempos verbais. Alguns casos em que há o emprego do tempo Presente, seu significado corresponde a um valor de pretérito, presente narrativo. Vejamos:

Tabela 12 – Tempo verbal *versus* VdP com uso evidencial

		VERBOS DE PERCEPÇÃO						Total
		Ver	Notar	Oír	Sentir	Escuchar	Oler	
TEMPO VERBAL DO VDP	Pretérito Mais-que-perfeito	3	1	2	0	0	0	6
	Pretérito Imperfeito	4	5	0	0	0	0	9
	Pretérito Perfeito Simples	21	3	7	3	1	0	35
	Pretérito Perfeito Composto	8	2	3	1	0	0	14
	Presente	12	6	1	8	1	1	29
Total		48	17	13	12	2	1	93

Fonte: Elaborada pelo SPSS, como base nos dados da autora.

Como constatamos na Tabela 12, os verbos ‘*ver*’, ‘*oír*’, ‘*notar*’ e ‘*sentir*’ apresentam mais usos evidenciais no Pretérito Perfeito Simples e os verbos ‘*ver*’, ‘*sentir*’ e ‘*notar*’ expressam no Presente.

Com relação aos tipos de complemento morfossintático, identificamos que o verbo (i) ‘*ver*’ apresentou mais casos com ‘cláusula com verbo flexionado + que’; (ii) ‘*notar*’ apresentou mais casos com ‘cláusula com verbo flexionado + que’; (iii) ‘*oír*’ apresentou mais casos com ‘OD nominal ou clítico em acusativo + cláusula de infinitivo’; (iv) ‘*sentir*’ apresentou mais casos com ‘cláusula com verbo flexionado + que’; (v) ‘*escuchar*’ apresentou um caso com ‘cláusula com verbo flexionado + que’ e um caso com ‘OD nominal ou clítico em acusativo + cláusula de infinitivo’; (vi) ‘*oler*’ apresentou um caso com ‘cláusula com verbo flexionado + que’; e (v) ‘*sentir*’ apresentou mais casos com ‘cláusula com verbo flexionado + que’. Para uma melhor compreensão dos dados, vejamos a Tabela 13:

Tabela 13 – Complementos morfossintáticos *versus* VdP com uso evidencial

		VERBOS DE PERCEPÇÃO						Total
		Ver	Notar	Oír	Sentir	Escuchar	Oler	
TIPOS DE COMPLEMENTO MORFOSSINTÁTICO	Cláusula com verbo flexionado + que	23	15	2	11	1	1	53
	OD + cláusula relativa atributiva	3	0	2	1	0	0	6
	OD + cláusula de gerúndio	6	1	0	0	0	0	7
	OD + cláusula de infinitivo	16	1	9	0	1	0	27
Total		48	17	13	12	2	1	93

Fonte: Elaborada pelo SPSS, com base nos dados da autora.

Finalmente, após a descrição de cada categoria, na próxima seção falamos sobre as considerações finais desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se da hipótese básica de que não são todos os VdP que estão em processo de gramaticalização, este estudo buscou analisar como ocorre no processo de gramaticalização dos 10 VdP mais prototípicos da LE. Esses verbos representam as cinco modalidades da percepção, a saber: visão, audição, olfato, tato e paladar.

A partir do estabelecimento dos nossos critérios de pesquisa, seguimos com a busca dos VdP no *corpus* CREA. Encontramos um total de 1374 ocorrências que foram analisadas de acordo com nossos critérios de análise. Após essa etapa inicial, consideramos apenas 93 casos. Além disso, pudemos constatar que não são todos os VdP que têm uso evidencial, pois os verbos ‘*mirar*’, ‘*olfatear*’, ‘*probar*’ e ‘*tocar*’ não apresentaram nenhum caso, visto que eles expressam a percepção sensorial no seu sentido mais básico.

Nosso estudo centrou-se na análise dos verbos ‘*ver*’, ‘*notar*’, ‘*sentir*’, ‘*oír*’, ‘*escuchar*’ e ‘*oler*’. Desta forma, identificamos a natureza semântica de cada verbo e verificamos qual tipo de percepção o sujeito apresenta. Constatamos que, com relação à tipologia dos verbos, verificamos que o verbo ‘*ver*’ apresenta uso evidencial quando tem significados de (i) ‘perceber com inteligência’; (ii) ‘considerar algo’; (iii) ‘perceber pela visão’; (iv) ‘perceber pela audição’; (v) ‘perceber algo/dar-se conta’; e (vi) ‘considerar, advertir ou refletir’. O verbo ‘*oír*’ apresenta uso evidencial quando seu significado é de ‘perceber um som com a audição’. O verbo ‘*escuchar*’ apresenta uso evidencial quando expressa o significado de ‘prestar atenção ao que se ouve’. O verbo ‘*oler*’ apresenta uso evidencial quando expressa uma percepção intelectual de ‘suspeitar’. O verbo ‘*sentir*’ apresenta uso evidencial quando tem significado de (i) ‘experimentar um prazer corporal’, (ii) ‘experimentar sensações produzidas por causas externas’ e (iii) ‘julgar, opinar, formar uma opinião’. O verbo ‘*notar*’ apresenta uso evidencial quando expressa significados de ‘reparar, observar ou advertir’ e ‘perceber uma sensação ou tomar consciência dela’.

No tocante ao papel semântico do sujeito, os verbos ‘*notar*’, ‘*oír*’ e ‘*sentir*’ apresentaram mais percepção pura, na qual o sujeito não tem controle sobre o processo de percepção. Já os verbos ‘*ver*’ e ‘*oler*’ apresentaram percepção ativa, em que o sujeito foca a sua atenção para o estímulo a fim de obter a informação. Já o verbo ‘*escuchar*’ apresentou tanto a percepção pura como a ativa.

No que diz respeito ao comportamento pragmático, sabemos que, quando o VdP escopa um *Conteúdo Comunicado*, o falante reporta uma informação dada por outra pessoa. Nos casos analisados, a *Reportatividade* ocorreu como pouca frequência, em apenas 6 casos,

com os verbos ‘*ver*’, ‘*oír*’ e ‘*escuchar*’. Com relação aos comportamentos semânticos, observamos que os VdP que manifestam o subtipo evidencial *Inferência* com maior frequência são os verbos ‘*ver*’, ‘*notar*’ e ‘*sentir*’. Já na expressão do subtipo evidencial *Dedução*, vimos que é o verbo ‘*ver*’ que escopa mais as camadas do *Episódio*. Na expressão da *Percepção de evento*, verificamos que ‘*ver*’ e ‘*oír*’ são os verbos que mais escopam a camada do *Estado-de-coisas*. Inclusive, esse subtipo evidencial é o que mais apresentou ocorrências. Em nossas hipóteses secundárias, esperávamos que verbos ‘*ver*’, ‘*oír*’ e ‘*escuchar*’ apresentassem todas as camadas evidenciais possíveis, mas isso não se comprovou, pois como vimos, apenas o verbo ‘*ver*’ apresentou os quatro subtipos evidenciais.

Com relação aos comportamentos morfossintáticos, verificamos que os tempos pretéritos são mais frequentes na expressão da evidencialidade pelos VdP. Tal fato também está ligado ao gênero ‘relato’, no qual o falante relata/narra situações que aconteceram em um dado momento do passado. Isso confirma a nossa hipótese e escolha pelo Tema ‘vários testemunhos’. No que se refere ao complemento morfossintático com maior frequência, constatamos que mais uma hipótese foi confirmada: a de que ‘cláusula com verbo flexionado + que’ é a expressão morfossintática mais versátil, visto que há uma maior probabilidade de ser utilizada por todos os VdP.

Com base nos dados, apresentamos o percurso de gramaticalização de cada VdP. O que podemos concluir é que o verbo ‘*ver*’ apresenta um estágio de gramaticalização mais avançado, pois atua em diferentes camadas do Nível Representacional e na camada do *Conteúdo Comunicado* do Nível Interpessoal. O verbo ‘*oír*’ também apresenta um processo de gramaticalização, tendo em vista que atua nas camadas do *Episódio* e do *Estado-de-coisas* do Nível Representacional e na camada do *Conteúdo Comunicado* do Nível Interpessoal. O verbo ‘*sentir*’ está passando por um processo de gramaticalização, visto que atua nas camadas do *Conteúdo Proposicional* e do *Episódio*. Já o verbo ‘*notar*’ também está passando por um processo de gramaticalização, visto que atua nas camadas do *Conteúdo Proposicional*, do *Episódio* e do *Estado-de-coisas*, no Nível Representacional. Com relação aos verbos ‘*oler*’ e ‘*escuchar*’, que atuam na camada do *Conteúdo Proposicional* e nas camadas do *Conteúdo Comunicado* (NI) e do *Estado-de-coisas* (NR), respectivamente, não temos dados suficientes para fazermos generalizações ou apontar possíveis percursos de gramaticalização.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa mostram que o processo de gramaticalização dos VdP com uso evidencial em LE ocorre com a expansão funcional desses verbos entre as camadas do *Conteúdo Proposicional*, do *Episódio* e do *Estado-de-coisas*, que seguem um *continuum* dentro do Nível Representacional, e na camada do *Conteúdo*

Comunicado, no Nível Interpessoal. Também é possível que a gramaticalização ocorra quando o verbo com uso evidencial escopa apenas uma camada no Nível Representacional e a camada do *Conteúdo Comunicado*, no Nível Interpessoal.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2004. 452 p.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. **The oxford handbook of evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BARRETO, Kátia Elaine de Souza; SOUZA, Edson Rosa Francisco de. A gramaticalização de *no caso de* no português brasileiro: um enfoque discursivo-funcional. **Guavira Letras**, Três Lagoas, MS. v. 22, p. 80-104, jun. 2016.
- BOTNE, Robert. Evidentiality and epistemic modality in Lega. **Studies in Language**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 509-532, 1997.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 305-335, 4 dez. 2011. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i2p305-335>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- CASTAÑEDA, Maria Belén *et al.* **Procesamiento de datos y análisis estadísticos utilizando SPSS**. un libro práctico para investigadores y administradores educativos. Porto Alegre: EdPUCRS, 2010. 165 p.
- CUCATTO, Andrea; CUCATTO, Mariana. La Gramaticalización de la pieza léxica 'Ver'. del uso del sistema a la sistematización del uso. **Pragmalingüística**, [s. l.], v. 12, p. 27-43, set. 2004.
- DIK, Simon C. **The theory of functional grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DI TULLIO, Angela L. La corriente continua: entre gramaticalización y lexicalización. **Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**, Chile, v. 41, p. 41-55, 2003.
- ESTRADA, A. M. **Panorama de los estudios de la evidencialidad en el español: teoría y práctica**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2013. Disponível em: http://www.academia.edu/6188823/Panorama_de_los_estudios_de_la_evidencialidad_en_el_espa%C3%B1ol._Teor%C3%ADa_y_pr%C3%A1ctica. Acesso em: 15 out. 2020.
- FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Verbos de percepción sensorial en español: una clasificación cognitiva. **Interlingüística**, [s. l.], v. 16, p. 1-14, 2006.
- FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. **Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del español**. 2012. 743 f. Tese (Doutorado em Linguística Geral y Teoría de La Literatura) – Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Filología Española, Universidad de Alicante, [s. l.], 2012.

FERRARI, Valéria Vendrame. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 100-112, jun. 2012.

FONTES, Michel Gustavo. Por uma abordagem hierárquica da Gramaticalização: um exercício de análise. **Revista de Letras**, [s. l.], v. 2, n. 38, 2019. No prelo.

FURUTA, Yumie. **Clasificación de los verbos del español atendiendo a la configuración de sus argumentos oracionales**. 2017. 238 f. Tese (Doutorado em Lengua Española) – Departamento de Lengua Española, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2017.

GONZÁLEZ VÁZQUEZ, Mercedes. **Las fuentes de la información**: tipología, semántica y pragmática de la evidencialidad. Vigo: Universidade de Vigo, Servizo de Publicacións, 2006. 212 p.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos & aplicação. São Paulo: Parábola, 2007. cap. 1. p. 15-66.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 240 p.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M.. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. New York: Oxford University Press Inc., 2004.

HATTNER, Marize M. Dall'aglio; HENGEVELD, Kees. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, [s. l.], v. 15, p. 1-14, 12 jan. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5334/jpl.1>. Acesso em: 10 mar. 2019.

HATTNER, Marize Mattos Dall Aglio. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. **Entrepalavras**, [s. l.], v. 8, n. 6, p. 98-111, 28 set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1244>. Acesso em: 15 jun. 2019.

HANEGREEFS, Hilde. **Los verbos de percepción visual**: un análisis de corpus en un marco cognitivo. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 2008.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 318 p.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 575-601.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional discourse grammar**: a typologically-based theory of language structure. New York: Oxford University Press, 2008. 503 p.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Functional Discourse Grammar. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (ed.). **The oxford handbook of linguistic analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 367-400.

HENGEVELD, Kees; HATTNER, Marize Mattos Dall'aglio. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, [s. l.], v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, Kees. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: ENGEVELD, Kees; NARROG, Heiko; OLBERTZ, Hella (org.). **The grammaticalization of tense, aspect, modality and evidentiality: a functional perspective**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017. p. 13-38.

HENGEVELD, Kees *et al.* Perception verbs in Brazilian Portuguese: a functional approach. **Open Linguistics**, [s. l.]: De Gruyter. v. 5, 2019. p. 268–310. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335073552_Perception_Verbs_in_Brazilian_Portuguese_A_Functional_Approach. Acesso em: 09 maio 2020.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

INSTITUTO CERVANTES. El español: una lengua viva. **Informe 2020**. Espanha. 2020. 113 p. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2020.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

JANSEGGERS, Marlies. **Hacia un enfoque múltiple de la polisemia: un estudio empírico del verbo multimodal «sentir» desde una perspectiva sincrónica y diacrónica**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2017. 366 p.

KASIM, Hanan. Análisis de los valores evidenciales de las expresiones de probabilidad y posibilidad con poder, deber y tener que. **Language Design**, [s. l.], v. 17, p. 85-102, 2015.

KEIZER, Evelien. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.

KURT, Fatma Özkan. The Reflections of Mental Processes in Language: Verbs of Perception. *In*: SHARIF, Aysha Mohd; MURITALA, Yahya Toyin. **The european conference on language learning 2015**. Brighton: The International Academic Forum, 2015. p. 203-2012. Disponível em: <http://ebook.untag-sby.ac.id/files/original/67efbba910808e17e5f8ecd9cf73046c.pdf> Acesso em: 25 jul. 2019.

LAZARD, Gilbert. On the grammaticalization of evidentiality. **Journal of Pragmatics**, France, v. 33, p. 359-367, 2001.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños: fonología, ortografía y morfosintaxis**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 294 p.

MATTE BON, Francisco. **Gramática comunicativa del español: de la lengua a la idea**. 11. ed. España: Edelsa (Anaya), 2008. 386 p.

QUARTARARO, Geraldine. **Evidencialidad indirecta en aimara y en el español de La Paz**. un estudio semántico-pragmático de textos orales. 2017. 300 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Escuela de Doctorado En Lingüística, Universidad de Estocolmo, Estocolmo, 2017.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática básica de la lengua española**. Buenos Aires: Espasa, 2011. 328 p.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (org.). **Diccionario de la lengua española**. Espanha. 2014. Edición del Tricentenario. Actualización 2018. Disponível em: <https://dle.rae.es/?id=DgIqVCc>. Acesso em: 15 set. 2019.

REYES, Graciela. **Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos**. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 1996.

RODRÍGUEZ ESPÍNEIRA, María José. Percepción directa e indirecta en español. Diferencias semánticas y formales. **Verba**, [s. l.], v. 27, p. 33-85, jun. 2000.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004. 410 p.

SILVA, Izabel Larissa Lucena. **A expressão da evidencialidade no português escrito do século XX no contexto dos gêneros textuais**. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no Português Brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Cibele Naidhig de. Gramática Discursivo-Funcional, gramaticalização e modalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 2095-2126, 4 ago. 2017. Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.4.2095-2126>. Acesso em: 23 maio 2019.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Peking University Press, 2002. 174 p.

TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del español**. Madrid: Edições Sm, 2005. 543 p.

VENDRAME, Valéria. **Os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

VIBERG, Ake. The verbs of perception: a typological study. In: BUTTERWORTH, Brian; COMRIE, Bernard; DAHL, Östen. **Explanations for language universals**. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1984. p. 123-162.

WHITT, Richard J. **Evidentiality and perception verbs in english and german.** Bern: Peter Lang, 2010.

WILLETT, Thomas L. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. **Studies in Language**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.